UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

A VARIAÇÃO LEXICAL EM DESIGNAÇÕES PARA ALGUNS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Salvador, BA

2022

TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

A VARIAÇÃO LEXICAL EM DESIGNAÇÕES PARA ALGUNS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Silvana Soares Costa Ribeiro

Salvador, BA

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Prata Oliveira, Taiane Cristina
A VARIAÇÃO LEXICAL EM DESIGNAÇÕES PARA ALGUNS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL / Taiane Cristina Prata Oliveira. -- Salvador, 2022.
125 f.

Orientadora: Silvana Soares Costa Ribeiro.
Dissertação (Mestrado - PPGLINC) -- Universidade Federal da Bahia, INSTITUTO DE LETRAS, 2022.

1. VARIAÇÃO LEXICAL. 2. DIALETOLOGIA. 3. ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. 4. REGIÃO NORDESTE. I. Soares Costa Ribeiro, Silvana. II. Título.

TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

A VARIAÇÃO LEXICAL EM DESIGNAÇÕES PARA ALGUNS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro – UFBA/PPGLinC (Orientadora)

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim – UFPRE (Examinador Interno/titular)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques – UFMS (Examinador Externo/titular)

Profa. Dra. Aurelina Ariadne Domingues Almeida – UFBA (Examinador Interno/suplente)

Profa. Dra. Sandra Cerqueira Pereira Prudencio - CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DA BAHIA (Examinador Externo/suplente)

Aos meus pais Tânia e Wellington,

os quais me ensinaram a não desistir apesar das dificuldades.

Ao meu irmão Mateus Prata e aos meus poucos e verdadeiros amigos,

que reconhecem os meus sorrisos e amparam as minhas lágrimas.

Ao Tempo que me ensinou que Okán (coração) dá força a Orí (cabeça) e a Árá (corpo).

A professora Silvana Soares que acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, ao universo, ao cosmos, as estrelas, sem eles nada seria possível, pois somos um amontoado de átomos de poeira estelar. Depois ao sagrado, a Deusa mãe, ao Deus pai, a vida e a morte que nos acompanha em cada milésimo de segundo.

A meu avô Exú que me acompanha pelas encruzilhadas da vida e a meu pai Oxalufã que me fez entender que eu posso não correr tão rápido como os outros, mas tenho a certeza do caminho que quero seguir. O igbín (caracol) é vagaroso, leva a casa nas costas, mas não se perde no caminho, ele sempre chega onde quer chegar.

A minha mãe Tania Prata de Yemanjá que me ensinou que tem hora que se deve ser maremoto, mas tem momento de ser maré mansa. Ao meu pai Wellington Nascimento, aquariano de carteirinha, que me ensinou que tem guerras que merecem ser travadas, mas que tem lutas que não valem a gastrite nervosa. A ambos por me ensinarem que amor vai muito além de uma simples palavra, é estar juntos nos sorrisos e nas lágrimas, é abrir mão e deixar o outro alçar voo, mesmo que você não faça parte dessa jornada. Amo vocês.

Ao meu irmão Mateus de Ogum, que me ensinou que você pode ter dois metros de altura e 100 kg de músculo, mas que mesmo assim você vai chorar que nem um bebê em vários momentos da sua vida e que está tudo bem, pois somos eternas crianças pedindo colo.

Aos meus melhores amigos Luan Queiroz e Larissa Deomondes, os quais me mostraram que família é aquela que a gente escolhe, ambos me deram um lar, um cama, tios, tias, sobrinhos maravilhosos, um abraço, um sorriso, e as melhores histórias da minha vida. Amo vocês.

Aos meus amigos Natália, Felipe e Rapha, que me ensinam a ser a minha melhor versão em todos os momentos possíveis, agradeço todos os dias por vocês terem cruzado o meu caminho, não saberia como continuar sem os *memes,* as fofocas, as risadas, o apoio, o afeto. Vocês são incríveis.

Ao meu karma André Luiz, que me aturou na pandemia, que ouviu as minhas histórias, as minhas piadas sem graça, os *memes* e as mensagens, enchendo o saco dele, é por isso que ele não me atura mais. Você é uma pessoa muito especial, os nossos caminhos podem não se cruzar ao longo dessa jornada chamada vida, mas saiba que aprendi muito nesses últimos meses.

A professora Silvana, que não me deixou desistir, apesar de eu ser meio avoada e esquecer quase tudo que ela me pedia para fazer nas orientações. A senhora foi uma segunda mãe para mim nesses últimos anos, amadureci muito e aprendi muito com as suas orientações, desde como cortar um bolo em número impossível de fatias, até como me apresentar em congressos.

Aos meus alunos de *Far Far Away,* vocês não imaginam o quanto sou grata por todo amor e carinho. Obrigada por ser a *Teacher* mais doidinha e feliz desse universo. A todos aqueles que de alguma forma fizeram parte da minha jornada até aqui, todos foram importantes ao seu modo para que a roda da vida continuasse girando.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil por todo o apoio ao longo da Graduação e da Pós-Graduação.

Às professoras Suzana Cardoso e Ana Regina Teles por todo o carinho ao longo dos meus anos como bolsista de Iniciação Cientifica.

À professora Jacyra Mota que foi a minha primeira Orientadora no Projeto e que me incentivou a continuar amadurecendo como pesquisadora.

À professora Marcela Paim pelo ponta pé inicial neste trabalho, por todo o apoio e incentivo ao longo das construções iniciais.

Aos bolsistas de Iniciação Científica do Projeto, membros da Família ALiB, da qual fiz parte por maravilhosos cinco anos.

Ẹlẹ́gbára rẹ̀wà a ṣé awo.

Ẹlẹ́gbára rẹ̀wà a ṣé awo.

Bara Ọlọ́ọ̀nọ̀n àwa fún àgò.

Bará Ọlọ́ọ̀nọ̀n àwa fún àgò.

Elegbará é lindo, leva ao louvor.

Rei-da-Força é lindo, leva ao louvor.

Bará-da-Estrada, me dê teu favor.

Bará-Lonã, me dê teu favor.

RESUMO

OLIVEIRA, Taiane Cristina Prata. **A variação lexical em designações para fenômenos atmosféricos nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** 2022. 125p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia – UFBA. 2022.

Levando em consideração que "o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade" (OLIVEIRA; ISQUERDO 2001, p. 09), o Nordeste é uma Região culturalmente diversificada, a criatividade popular nordestina se manifesta sob as mais diversas formas: folclore, artesanato, culinária, etc. Dessa forma, a distribuição de uma comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação linguística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussão na sua linguagem. (FARACO, 1998, p.112). Quando estudamos o léxico de uma determinada comunidade, encontramos as particularidades que ela apresenta em relação à outras localidades. Relações de semelhanças e contrastes linguísticos nos âmbitos diatópico, diastrático são comumente observadas em estudos comparativos entre comunidades linguísticas. A multiplicidade linguística de um local depende das variedades: as geográficas ou diatópicas (dialetos e falares locais) e as socioculturais ou diastráticas (grupo ou situação do falante). Isto posto, apresentam-se, neste estudo, fatos linguísticos (variantes lexicais de vocábulos pertencentes à área temática fenômenos atmosféricos), explicitando as características geográficas, sociais dos informantes e suas implicações. Este trabalho utiliza como *corpus* de análise os dados coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na Região Nordeste e como pressupostos teóricos a Dialetologia, Geossociolinguística e abordagens do léxico, como lexicologia, lexicografia e terminologia. Os dados referem-se às capitais de cada estado, coletados junto aos informantes selecionados segundo o perfil estabelecido (homens e mulheres, de faixa 1 (18-30 anos) e faixa 2 (50-65 anos), de nível fundamental e universitário). O trabalho objetivo discutir a distribuição diatópica das variantes lexicais documentadas para as questões : 07. redemoinho (de vento); 08. relâmpago; 09. raio; 10. trovão; 16. estiar o tempo e 17. arco-íris da área temática fenômenos atmosféricos do QSL do Projeto ALiB. Como resultado deste trabalho obtiveram-se: (i) as lexias *ciclone*, *corrupio*, *furacão*, *redemoinho*, *ventania* e *vendaval* em resposta à questão 7; (ii) as lexias *raio* e *corisco* em resposta à questão 9; e (iii) um conjunto de unidades fraseológicas em resposta à questão 16. estiar o tempo. E no que se refere às questões 8 (relâmpago), 10 (trovão) e 17 (Arco-íris), os resultados apontaram para a ausência de variação linguística, tanto na perspectiva lexical quanto na diatópica.

Palavras-chaves: Variação Lexical. Dialetologia. Atlas Linguístico do Brasil. Região Nordeste.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Taiane Cristina Prata. **The lexical variation in designations for atmospheric phenomena in the data from the Project Atlas Linguístico do Brasil.** 2022. Master's Dissertation (Postgraduate Program in Language and Culture). Federal University of Bahia –UFBa.

Taking into account that “the lexicon of a language maintains a close relationship with the cultural history of the community” (OLIVEIRA; ISQUERDO 2001, p. 09). The Northeast is a culturally diverse region, popular Northeastern creativity is manifested in the most diverse ways. forms: folklore, crafts, cooking, etc. Thus, the distribution of a community in a certain geographic area is a factor of linguistic differentiation: each point in this area has different social, historical, cultural experiences and this has an impact on its language. (FARACO, 1998, p.112). When we study the lexicon of a particular community, we find the particularities it presents in relation to other locations. Relationships of linguistic similarities and contrasts in the diatopic and diastratic scopes are commonly observed in comparative studies between linguistic communities. The linguistic multiplicity of a place depends on the varieties: geographical or diatopic (local dialects and speech) and sociocultural or diastratic (speaker's group or situation). That said, we will present in this study, linguistic facts (lexical variants of words belonging to the thematic area atmospheric phenomena), explaining the geographic and social characteristics of the informants and their implications. This work uses the data collected by the Project Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) team in the Northeast Region as a corpus of analysis and as theoretical assumptions dialectology, geosociolinguistics and lexical approaches, such as lexicology, lexicography and terminology. The data refer to the capitals of each state, collected from informants selected according to the established profile (men and women, range 1 (18-30 years) and range 2 (50-65 years), elementary and university level) . In this opportunity, the objective is to discuss the diatopic distribution of the lexical variants for the questions 07. redemoinho (de vento); 08. relâmpago; 09. raio; 10. trovão;16. estiar o tempo e 17. arco-íris of the thematic area atmospheric phenomena of the QSL of the ALiB Project. As a result of this work, the lexias raio e corisco were obtained for question 09. And with regard to Questions 08 (relampago), 10 (trovão) and 16 (arco-íris) the results point to the absence of linguistic variation , both from a lexical and diatopic perspective.

Keywords: Lexical variation. Dialectology. Linguistic Atlas of Brazil. Northeast region.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fases da Dialetologia no Brasil, segundo TELES (2018)	31
Figura 2	Fenômenos atmosféricos	43
Figura 3	Sistemas de circulação atmosférica na Região Nordeste	47
Figura 4	Intensidade de chuvas no Nordeste (VIDAL e FREITAS, 2018)	48
Figura 5	Precipitação pluvial média (mm) em cada estado da região Nordeste do Brasil para os meses do ano e períodos anual, chuvoso e seco	48
Figura 6	Mapa da Região Nordeste do Brasil	50
Figura 7	São Luís (Maranhão), ponto 26 do Projeto ALiB	51
Figura 8	Teresina (Piauí), ponto 34 do Projeto ALiB	52
Figura 9	Fortaleza (Ceará), ponto 41 do Projeto ALiB	53
Figura 10	Natal (Rio Grande do Norte), ponto 53 do Projeto ALiB	53
Figura 11	João Pessoa (Paraíba), ponto 61 do Projeto ALiB	54
Figura 12	Recife (Pernambuco), ponto 70 do Projeto ALiB	55
Figura 13	Maceió (Alagoas), ponto 77 do Projeto ALiB	55
Figura 14	Aracaju (Sergipe), ponto 79 do projeto ALiB	56
Figura 15	Salvador (Bahia), ponto 93 do Projeto ALiB	57
Figura 16	Redemoinho no Ceará	65
Figura 17	Formação do redemoinho de poeira	66
Figura 18	Manuscrito árabe utilizado por GALLAND (1704) para a tradução	70
Figura 19	Representação do gênio por DULAC (1907)	71
Figura 20	Representação do Saci-Pererê	72
Figura 21	Cartografia movimento circular do vento – redemoinho	76
Figura 22	Raios	79
Figura 23	Formação dos raios	80

Figura 24	O corisco ou diabo loiro	82
Figura 25	Pedra de raio ou Pedra de corisco	83
Figura 26	Cartografia das ocorrências para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste	87
Figura 27	Formação dos relâmpagos do tipo nuvem – solo e solo – nuvem	92
Figura 28	Formação dos relâmpagos do tipo intranuvem e nuvem – nuvem	93
Figura 29	Raios que produzem o trovão	95
Figura 30	Raijin, o Deus nipônico do trovão	97
Figura 31	Deus nórdico Thor	98
Figura 32	Oyá, rainha das tempestades e do trovão	99
Figura 33	*Arco-íris*	109
Figura 34	*Arco-íris* e *arco-celeste* na Região Nordeste brasileiro com base em dados do Projeto ALiB – capitais de Estado	111
Figura 35	Iris Carregando a Água do Rio Styx para o Olimpo para os Deuses Jurarem (GUY HEAD, 1793)	115
Figura 36	Oxumaré por Carybé	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Itens lexicais documentados QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento nas capitais do Nordeste	74
Gráfico 2	Presença das denominações para movimento circular do vento nas capitais do Nordeste	75
Gráfico 3	Presença das denominações para movimento circular do vento por sexo do informante	76
Gráfico 4	Presença das denominações para movimento circular do vento por faixa etária do informante	77
Gráfico 5	Presença das denominações para movimento circular do vento por escolaridade do informante	78
Gráfico 6	Itens lexicais documentados para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste	84
Gráfico 7	Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste	86
Gráfico 8	Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por sexo do informante	88
Gráfico 9	Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por faixa etária do informante	89
Gráfico 10	Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por escolaridade do informante	89
Gráfico 11	Confronto de variáveis para risco de luz no céu em dia de chuva – QSL 09	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Fenômenos atmosféricos estudados	44
Quadro 2	Perfil dos informantes do Projeto ALiB	49
Quadro 3	Perguntas da área temática fenômenos atmosféricos do QSL do Projeto ALiB	58
Quadro 4	Pesquisa lexicográfica – denominações para movimento circular do vento	67
Quadro 5	Agrupamentos lexicais para QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento das variantes para redemoinho	74
Quadro 6	Pesquisa lexicográfica para risco de luz no céu em dia de chuva	81
Quadro 7	Lexias encontradas por localidade para QSL 09	87
Quadro 8	Agrupamentos lexicais para QSL16– *estiar / abrir o tempo*	101
Quadro 9	Composição morfológica das UFs cadastradas por meio de QSL 16 – *estiar / abrir o tempo*	103
Quadro 10	Unidades fraseológicas para QSL 16 – estiar / abrir o tempo organizadas pelo verbo que as compõem	104
Quadro 11	Verbos que formam as UFs para QSL 16 – estiar / abrir o tempo	105
Quadro 12	Formas para designar *arco-íris* no Brasil (A partir dos dados dos atlas linguísticos publicados)	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Total de dados contabilizados para QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento	75
Tabela 2	Total de dados para risco de luz no céu em dia de chuva	84
Tabela 3	Total de dados para QSL 16– *estiar / abrir o tempo*	101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AL	Alagoas
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
BA	Bahia
CE	Ceará
CPETC	Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos
DEA	Descarga Elétrica Atmosférica
IC	Iniciação cientifica
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
INMET	Instituto Nacional de Meteorologia
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
MA	Maranhão
NL	Não lembra
NO	Não obtida
NS	Não sabe
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PPGLinC	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
QSL	Questionário Semântico Lexical
RN	Rio Grande do Norte
SE	Sergipe
UF	Unidade fraseológica
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	20
2	**PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**	27
2.1	DIALETOLOGIA	27
2.1.1	**Geolinguística: breve contextualização do método e as produções brasileiras**	32
2.1.1.1	*Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*	35
2.2	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AS ABORDAGENS DO LÉXICO	37
3	**FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E O CLIMA NO NORDESTE**	43
4	**METODOLOGIA**	49
4.1	INFORMANTES	49
4.2	REDE DE PONTOS – LOCALIDADES PESQUISADAS NA REGIÃO NORDESTE	50
4.3	QUESTIONÁRIO: ÁREA TEMÁTICA FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	57
4.4	PESQUISA LEXICOGRÁFICA	60
4.5	CARTOGRAFIA TEMÁTICA	61
5	**ANÁLISE DE DADOS**	63
5.1	MOVIMENTO CIRCULAR DO VENTO – *REDEMOINHO*	64
5.1.1	***Redemoinho* na perspectiva meteorológica**	64
5.1.2	***Redemoinho* na perspectiva lexicográfica**	66
5.1.3	***Redemoinho* na perspectiva do imaginário popular**	68
5.1.4	***Redemoinho* na perspectiva do geossociolinguística**	72
5.2	RISCO DE LUZ NO CÉU EM DIA DE CHUVA – *RAIOS* E *CORISCOS*	78
5.2.1	***Raios* e *coriscos* na perspectiva meteorológica**	79
5.2.2	***Raios* e *coriscos* na perspectiva lexicográfica**	80
5.2.3	***Raios* e *coriscos* na perspectiva do imaginário popular**	81
5.2.4	***Raios* e *coriscos* na perspectiva do geossociolinguística**	83
5.3	CLARÃO NO CÉU EM DIA DE CHUVA – *RELÂMPAGO*	90
5.3.1	***Relâmpago* na perspectiva meteorológica**	91
5.3.2	***Relâmpago* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística**	93
5.4	SOM QUE ECOA E ACOMPANHA UM RELÂMPAGO – *TROVÃO*	94

5.4.1 ***Trovão* na perspectiva meteorológica** 95
5.4.2 ***Trovão* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística** 95
5.4.3 **Trovão na perspectiva do imaginário popular** 96
5.5 O TEMPO APÓS UMA CHUVA – *ESTIAR / ABRIR O TEMPO* 100
5.5.1 ***Estiar / abrir o tempo* na perspectiva do geossociolinguística** 100
5.5.2 ***Estiar / abrir o tempo* na perspectiva fraseológica** 102
5.5.3 ***Estiar / abrir o tempo* na perspectiva lexicográfica** 105
5.5.4 ***Estiar / abrir o tempo* na perspectiva do imaginário popular: casamento de viúva / casamento da raposa** 106
5.6 CONJUNTO DE LISTRAS COLORIDAS QUE APARECEM NO CÉU APÓS A CHUVA – *ARCO-ÍRIS* 108
5.6.1 ***Arco-íris* na perspectiva meteorológica** 108
5.6.2 ***Arco-íris* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística** 109
5.6.3 ***Arco-íris* na perspectiva do imaginário popular** 113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 118
REFERÊNCIAS 121

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que língua, sociedade e cultura formam um tripé em que as escoras são indissociáveis, entende-se que é difícil a separação dos três fundamentos pois um é inerente ao outro. Sendo assim, comunidade de fala é um conjunto de pessoas que habitam um determinado espaço geográfico e que partilham aspectos comuns associados a cada escora. Toda e qualquer comunidade de falantes possui particularidades pertencentes à sua história, língua, cultura, relações sociais etc. Moreno Fernández (2009) explicita que:

> Uma comunidade de fala é composta por um grupo de falantes que efetivamente compartilham pelo menos uma língua, mas que também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: eles compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, mesmo critério no momento de avaliar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.23, tradução nossa)[1]

Esta dissertação propõe o estudo quantitativo e qualitativo do léxico utilizado por falantes oriundos das capitais dos Estados da Região Nordeste do País em função da área temática fenômenos atmosféricos que envolve variantes como *corisco* para *raio*, *arco-celeste* para *arco-íris*, *pé d'água* e *toró* para *temporal*, *chuva de verão* para *tromba d'água*, *o tempo melhorou* para *estiar o tempo*, *chuvisco* para *garoa*, entre outras variantes. O trabalho objetiva verificar as similaridades e diferenças entre os itens lexicais obtidos como resposta das 15 questões pertencentes à área temática fenômenos atmosféricos do Questionário Semântico Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21 a 22). As seis questões selecionadas para a pesquisa de Mestrado versam sobre: 07. redemoinho (de vento); 08. relâmpago; 09. raio; 10. trovão;16. estiar o tempo e 17. arco-íris. A formulação de cada questão está explicitada na seção Metodologia.

---

[1] Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.23)

A área geográfica selecionada é a Região Nordeste do Brasil, especificamente nas capitais de Estado, analisando-se os fatores sociais e geográficos que configuraram o quadro linguístico atual.

Observando língua e cultura como entidades indissociáveis, verifica-se que todos os níveis (morfológico, sintático, fonológico, lexical) de uma língua são carregados de cultura, sendo que o léxico pode ser considerado aquele que porta a maior carga cultural, pois ele exprime todo o conhecimento de mundo de seus falantes. O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso País, apresenta uma diversidade bastante significativa tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico (ARAGÃO, 2016, p.146). O Nordeste é uma Região culturalmente diversificada, a criatividade popular nordestina se manifesta sob as mais diversas formas: folclore, artesanato, culinária, etc.

A língua portuguesa aporta inicialmente no Nordeste do Brasil, pois é a primeira Região do País a ser ocupada por portugueses e sua costa foi a área geográfica explorada pelo colonizador. É no Nordeste que a variante brasileira da língua portuguesa se adapta a novos hábitos fonéticos e se mescla aos termos de origem indígena e, posteriormente, aos de origem africana, francesa, holandesa e inglesa (a riqueza de recursos naturais atraiu exploradores de diversos países).

O Nordeste brasileiro se divide hoje em nove Estados: Maranhão (MA), Piauí (PI), Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Alagoas (AL), Sergipe (SE), Bahia (BA). É a Região que possui a segunda maior população no País, a qualidade de vida do nordestino evidencia que a área apresenta um quadro social precário. Chega-se, assim, à delimitação do problema: De que maneira itens lexicais específicos de uma área temática se distribuem nas perspectivas da variação dialetal e social na Região Nordeste do País, de acordo com a área temática fenômenos atmosféricos presente no *corpus* do Projeto ALiB? Para esta pesquisa, são definidas as seguintes hipóteses:

a) Fatores sociais, históricos e geográficos específicos da Região influenciam o uso de determinadas lexias;

b) Algumas lexias apresentam-se como típicas de um grupo de falantes com características sociais específicas – sexo, faixa etária, escolaridade;

c) Há particularidades linguísticas em algumas áreas geográficas da Região Nordeste.

Tem-se por objetivo geral retratar a realidade linguística no Nordeste do Brasil por meio de dados coletados *in loco* pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), referentes à área temática fenômenos atmosféricos. E como objetivos específicos, definiram-se os que seguem:

a) Analisar as unidades lexicais documentadas para nomear os referentes contemplados pelas questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB relacionadas a área temática fenômenos atmosféricos;
b) Examinar as escolhas lexicais dos informantes das localidades estudadas através de fatores geográficos e sociais;
c) Cartografar os dados do *corpus* do Projeto ALiB em relação à referida área temática (questões) ;
d) Contribuir para a caracterização do português falado no Brasil, por meio de dados encontrados na área estudada;
e) Fornecer elementos que possam contribuir para os estudos lexicológicos, lexicográficos, fraseológicos e futuras cartas do Atlas Linguístico do Brasil;

Ao utilizar a linguagem oral, o falante vale-se de uma série de recursos discursivos para que a comunicação se estabeleça de forma clara e efetiva. Movido pelos mais diversos intuitos, o falante recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e novos sentidos, harmonizando-se aos inúmeros contextos e situações comunicativas. Nesta pesquisa, propõe-se um estudo centrado na prática utilizada na Região Nordeste do Brasil.

O léxico é o nível linguístico que melhor e mais rápido expressa a pluralidade das línguas. Além disso, ele evidencia o nosso relacionamento com a realidade e com o mundo ao nosso redor. Sendo assim, o léxico de uma determinada língua aponta o conhecimento de mundo e de universo de seus falantes, pois, é através da cognição da realidade e da categorização de experiência (BIDERMAM, 1998, p.11) que se processa a formação do léxico. Segundo Vilela (1994, p. 6), “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade linguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade”.

Dessa forma, o léxico de uma comunidade está diretamente relacionado às mudanças sociais que ocorrem na sociedade, pois a língua que é variável e se revela de forma heterogênea (varia de lugar para lugar e de pessoa para pessoa), o léxico também é heterogêneo e variável, visto que entre os níveis da língua, ele é o mais

afetado por influências externas: espaço geográfico (fatores diatópicos), estratos sociais e culturais (fatores diastráticos, diassexuais e diageracionais), uso da língua em diversos contextos e registros (fatores diafásicos). Segundo Cardoso (2010), a Dialetologia é "um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica." (CARDOSO, 2010, p.15). Este estudo será orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional. Para Thun (1998)

> A superfície bidimensional horizontal da Dialetologia e o eixo vertical da Sociolinguística juntos formam o espaço variacional tridimensional da dialectologia pluridimensional e relacional. [...] Dialetologia pluridimensional aborda o ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes. (THUN, 1998, p.704, tradução nossa). [2]

Quando estudamos o léxico utilizado por uma determinada comunidade, encontramos as particularidades que ela apresenta em relação a outras comunidades. Relações de semelhanças e contrastes linguísticos nos âmbitos diatópico, diastrático, diassexual, diageracional são comumente observadas em estudos comparativos entre comunidades linguísticas. Em todas as comunidades de fala, encontramos formas linguísticas em variação,

> O elemento, traço ou unidade linguística que pode se manifestar de diferentes maneiras - isto é, de maneira variável - recebe o nome de uma variável linguística. Assim, uma variável linguística é um conjunto de manifestações do mesmo elemento e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável é chamada de variante linguística. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.21, tradução nossa)[3]

As línguas variam e mudam através do tempo, e isso a torna heterogênea. Sendo assim, existem muitas formas de dizer a mesma coisa, "numa língua não existe apenas uma forma para cada significado. O que existe são variantes, um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever".

---

[2] La superficie bidimensional horizontal de la Dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística forman juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectología pluridimensional y relacional. [...] la Dialectología pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes. (THUN, 1998, p.704)

[3] Al elemento, rasgo o unidad lingüística que puede manifestarse de modos diversos - esto es, de forma variable - se le da el nombre de variable lingüística. Así, una variable lingüística es un conjunto de manifestaciones de un mismo elemento y cada una de las manifestaciones o expresiones de una variable recibe el nombre de variante lingüística. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.21)

(COELHO et al, 2015, p.7). A multiplicidade linguística de uma comunidade depende das variedades: as geográficas ou diatópicas (dialetos e falares locais) e as socioculturais ou diastráticas (grupo ou situação do falante). Isto posto, este trabalho tem a intenção de localizar fatos linguísticos (variantes lexicais de vocábulos pertencentes à área temática fenômenos atmosféricos), explicitando as características geográficas, sociais dos informantes e suas implicações. Muitos estudos sobre o léxico têm sido produzidos em todo o território nacional, partindo da preocupação de Nascentes (1953) de desenvolver uma descrição do português brasileiro. No campo dos estudos lexicais sobre da área temática fenômenos atmosféricos, alguns trabalhos serão revisitados ao longo deste estudo.

O português do Brasil possui um caráter diversificado e a depender da ocasião, da Região e da classe social do falante, encontramos várias nuances detectáveis no uso da língua. Além disso, o Brasil é formado e marcado pela pluralidade linguística e sociocultural que nos acompanha, ao longo de todo o nosso processo histórico. Segundo Aragão (2013), em se tratando de falar regional nordestino, o léxico e a fonética são os aspectos por meio dos quais são mais perceptíveis as diferenças entre esses falares e os de outras regiões brasileiras. A Região Nordeste do País tem uma grande extensão territorial, sendo assim possui realidades linguísticas até o presente momento inéditas, tanto em aspectos dialetais como sociolinguísticos. A diversidade linguística do Brasil, especificamente a da Região Nordeste está relacionada com questões que vão além da sua extensão territorial, por exemplo, a questão da desigualdade social é um dos fatores que influenciam diretamente a variante brasileira da língua portuguesa. Chambers e Trudgill (1994) explicitam que,

> [...] sempre que há uma diferenciação de classe em uma variável linguística, é a variante usada pelas classes mais altas na qual ela é considerada de maior *status* ou prestígio em comparação com as outras variantes. em que a atenção é direcionada para a fala, os falantes de todas as classes sociais tenderão a aumentar o uso de variantes de status mais elevado. [...] As diferenças de classe social causam a atribuição de juízos de valor a variantes lingüísticas específicas, e as situações formais levam a um maior uso de pronúncias mais valorizadas. (CHAMBERS; TRUDGILL; 1994, p.115-116, tradução nossa)[4]

[4] (...) siempre que hay una diferenciación de clase en una variable lingüística, es la variante usada por las clases más altas a la que se considera como de mayor estatus o prestigio frente a las otras variantes. Como resultado de ello, en situaciones en las que se dirige la atención hacia el habla, los hablantes de todas las clases sociales tenderán a incrementar su uso de las variantes de más alto estatus. (...) Las diferencias de clase social provocan la asignación de juicios de valor a variantes lingüísticas en

É impossível desvincular os fatos da linguagem dos fatos sociais, pois as línguas não mudam por serem línguas, elas mudam porque existem falantes vivendo em sociedades heterogêneas, hierarquizadas e complexas, e eles sim, as modificam. Trabalhos de cunho lexical “resgatam não apenas a língua portuguesa falada em nosso País, mas principalmente, os costumes, as tradições, os modos de viver e sentir do povo brasileiro, em toda a sua complexidade” (ARAGÃO, 2016, p.154).

Dessa forma, este estudo se justifica pela crescente demanda pela descrição da variante brasileira da língua portuguesa, especificamente a descrição do falar regional nordestino, contribuindo assim para a desmistificação da homogeneidade da língua e auxiliando no combate do preconceito linguístico. Ademais, este estudo poderá contribuir para os estudos das ciências do léxico, além de fornecer novos itens lexicais para a ampliação de informação em dicionários de língua portuguesa.

Este trabalho está inserido em um projeto maior, de âmbito nacional, o ALiB, cujo principal objetivo é descrever a realidade linguística brasileira no tocante à Língua Portuguesa. A dissertação foi elaborada com base em materiais coletados para o Projeto ALiB, realizado com dados ainda inéditos e obteve autorização de pesquisa concedida pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa de mestrado segue parâmetros determinados pelo ALiB. Como a coleta de dados para o referido Projeto foi concluída em 2013, para a pesquisa de mestrado não houve pesquisa de campo.

A dissertação encontra-se dividida em seções precedidas de uma Introdução e seguidas das considerações finais e referências. As seções são: pressupostos teóricos, fenômenos atmosféricos e clima no Nordeste, o Atlas Linguístico do Brasil, metodologia, análise de dados. A Introdução descreve as inquietações iniciais que levam a construção deste trabalho: as hipóteses, justificativa, objetivos etc. Na seção 2 (pressupostos teóricos) é apresentada a Dialetologia e o Léxico relacionando as questões teóricas da pesquisa. Será apresentada uma abordagem sobre o histórico da Dialetologia desde os seus primórdios até os dias atuais, tratando do método da Dialetologia, a Geolinguística. Trata-se também dos produtos da Geolinguística brasileira. A seção sobre o ALiB apresenta um panorama do Projeto Atlas Linguístico

---

concreto, y las situaciones formales llevan a un uso mayor de pronunciaciones que son más valoradas. (CHAMBERS; TRUDGILL; 1994, p.115-116)

do Brasil, ao qual este trabalho se vincula. Objetiva-se também tratar do Léxico, com breve incursão nas disciplinas que o estudam, a exemplo da Lexicologia e da Fraseologia, áreas que fazem parte da construção do referencial teórico desta pesquisa.

Na seção 3, fenômenos atmosféricos e o clima no Nordeste, são explorados os fenômenos atmosféricos estudados neste trabalho. Além de apresentar o Nordeste brasileiro levando em consideração os aspectos climáticos, etc, destacam-se à presença x ausência da chuva na Região e os fatores que a influenciam. Na metodologia são apresentados os percursos metodológicos que foram utilizados ao longo deste estudo. Na seção de análise e discussão, são apresentadas às cartas experimentais, tabelas, gráficos, pesquisas lexicográficas e as lendas ligadas ao campo temático fenômenos meteorológicos. Cada subsecção se estrutura da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica, fenômeno atmosférico na perspectiva lexicográfica, fenômeno atmosférico na perspectiva do imaginário popular e fenômeno atmosférico na perspectiva geossociolinguística. A última seção, considerações finais, aborda de forma clara e direta os resultados obtidos nessa pesquisa. A seguir, estão as referências bibliográficas utilizadas no estudo.

O trabalho foi elaborado a partir de dados inéditos e obteve autorização de uso do *corpus* pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 DIALETOLOGIA

A Dialetologia é a ciência que estuda as variações linguísticas que ocorrem em regiões geográficas, dessa forma ela estuda os dialetos em sua localidade. Apesar de ser disciplina voltada para o estudo da variação diatópica ou variação geográfica, a Dialetologia leva em consideração em seus estudos outros fatores, como idade, sexo, escolaridade dos informantes. É a partir da Dialetologia que ocorrem as demarcações das áreas dialetais e das isoglossas.

O impulso pelo registro e descrição das diferentes variedades linguísticas regionais, e das manifestações culturais atreladas a essas regiões, fez com que aumentasse a preocupação, sobretudo dos dialetólogos, com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua. Capaz de estabelecer fronteiras geográficas sobre os certos usos da língua a Dialetologia é "um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica." (CARDOSO, 2010, p.15). Segundo DUBOIS (2006), o termo

> Dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família (DUBOIS, 2006, p. 185).

Ou como afirmam Chambers e Trudgil (1994, p.19) "a Dialetologia como é obvio, é o estudo do dialeto e dos dialetos."[5] Disciplina de larga tradição, a Dialetologia se estrutura no século XIX, com a sistematização dos estudos ao demonstrar objetivos e metodologias próprios. Os primeiros estudos se fundamentam no fato de que

> a distribuição de uma comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação linguística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussão na sua linguagem. (FARACO, 1998, p.112).

[5] "La Dialectologia, como es obvio, es el estudio del dialecto y de los dialectos."

Entre as principais obras que desenvolvem os estudos na área da Dialetologia durante o século XIX, pode-se citar o trabalho do linguista alemão George Wenker, o qual empreende um estudo sobre fenômenos fonéticos em 1876, a partir de um questionário enviado por correspondência, não controlando sistematicamente a variável social, mas representando um grande avanço para a disciplina, com a coleta de dados em diversas regiões e a intercomparação entre eles. Outra obra importante, desenvolvida entre 1898 e 1912, foi o *Atlas linguistique de la France* de Jules Gilliéron, o qual se debruçou sobre o vocabulário dos camponeses, limitando-se a um grupo de palavras restrita a uma determinada região com coleta de dados *in loco,* inaugurando assim o método da geografia linguística.

No século XX, os estudos geolinguísticos começaram a ser desenvolvidos, sendo a ordenação dialetal de Antenor Nascentes um fator importante para os estudiosos da área, pois instigou e elucidou diversos estudos sobre a realidade e a delimitação das áreas dialetais brasileiras. No Brasil, a Dialetologia é ordenada historicamente em cinco fases, duas das quais estabelecidas por Nascentes (1952, 1953), a terceira sugerida por Cardoso e Ferreira (1994), a quarta proposta por Mota e Cardoso (1996). Em sua tese de doutorado, Teles (2018) propõe uma quinta fase, com o início a partir da publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil em 2014.

As fases da Dialetologia brasileira podem ser assim caracterizadas:

1ª fase (1826-1920) é marcada por produções de trabalhos voltadas para o campo léxico (vocabulários, glossários, dicionários etc.). Encontra-se o primeiro estudo de natureza mais ampla de cunho gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil* de José Jorge Paranhos da Silva (1879). As principais obras dessa fase: *Glossário de vocábulos brasileiros*, tanto dos derivados como daqueles que a origem é ignorada (1883/1884), *O tupi na geografia nacional* (1901), *Glossário paraense* (1905), entre outras.

2ª fase (1920-1952) é conhecida pelas produções de trabalhos de cunho monográfico com abordagens nos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica (MOTA; CARDOSO, 2006, p.18). Essa fase inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, a obra nasce da preocupação do autor com o processo de dialetação do português brasileiro. As obras que caracterizam essa fase são o livro de Amadeu Amaral, *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes (previamente chamado de O *linguajar carioca em 1922,* na segunda edição, publicada em 1953, passa a

chamar-se apenas *O linguajar carioca*), no qual ele vai apresentar uma proposta de divisão dos falares brasileiros e *A língua do Nordeste* (1934) de Mário Marroquim.

Outras obras caracterizam a 2ª fase e estas podem ser divididas em quatro grupos diferenciados: o primeiro grupo é formado por léxicos e glossários que continuam a linha da fase anterior; no segundo grupo encontramos obras que se propõem a estudar o português brasileiro numa perspectiva mais ampla; o terceiro grupo é composto por estudos de caráter regional.

3ª fase (1952-1996) Tem como marca identificadora o começo dos estudos sistemáticos no campo da geografia linguística. Sendo assim, a fase é caracterizada pela produção e publicação de trabalhos baseados em *corpora* constituídos de forma sistemática dá início aos trabalhos de natureza Geolinguística.

Essa fase tem como marco um ato do governo brasileiro, o decreto nº 30. 643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha a ser criada, determinava como a principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, 2010, p.138). Os principais autores dessa fase são Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes publica, em 1958, as Bases *para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, no qual discute no capítulo inicial as vantagens de um atlas[6] feito ao mesmo tempo para todo o país, mas reconhece a impossibilidade de sua realização nesses termos e entre nós (FERREIRA; CARDOSO,1994, p.45). Serafim da Silva Neto, em seu *Guia para estudos dialetológicos* elenca tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil, entre elas podemos citar: a elaboração de atlas regionais e a elaboração de atlas nacional.

A vasta obra de Celso Cunha vai contemplar a língua na perspectiva histórica, reafirmando a necessidade da criação de um atlas linguístico brasileiro. É um dos incentivadores da implantação da geografia linguística no Brasil e por isso, o autor também foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto NURC (Projeto de estudo da norma urbana culta).[7]

---

[6] Um atlas linguístico é um conjunto de mapas que se registram traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. [...] é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares. (BRANDÃO, 1991, p. 25).

[7] O Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, mais conhecido como NURC, é um projeto acadêmico brasileiro, iniciado no final da década de 1960, que tem como foco cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Por fim, cabe destacar a importância de Nelson Rossi para a 3ª fase dos estudos dialetais no Brasil. com as pesquisas para a realização do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963). Em suma, o primeiro passo concreto da Geolinguística, vem a ser dado por Rossi, que publica, com as colaboradoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee, em 1963, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (CARDOSO, 2009, p.148).

4ª fase (1996-2014) é marcada pela incorporação de novas dimensões ao trabalho e à pesquisa dialetológica,

> [...] essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolingüística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolingüística hoje rotulada de "tradicional". (MOTA; CARDOSO, 2006, p.21)

Essa fase se inicia a partir da implantação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). As pesquisas desta não se restringem aos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, incorporam dados morfossintáticos, pragmáticos, etc. Os atlas de 2ª e 3ª gerações são obras em destaque nessa época. Para Mota e Cardoso,

> A nova fase da geolingüística se faz notar, ainda: a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, como, em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático discursivos, metalingüísticos, etc., tal como previsto na metodologia do ALiB e em alguns projetos em andamento; b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos de 2a e 3a gerações, se fazem acompanhar de comentários lingüísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na localidade em que ela foi registrada, como, por exemplo, no ALISPA (MOTA; CARDOSO, 2006, p.23)

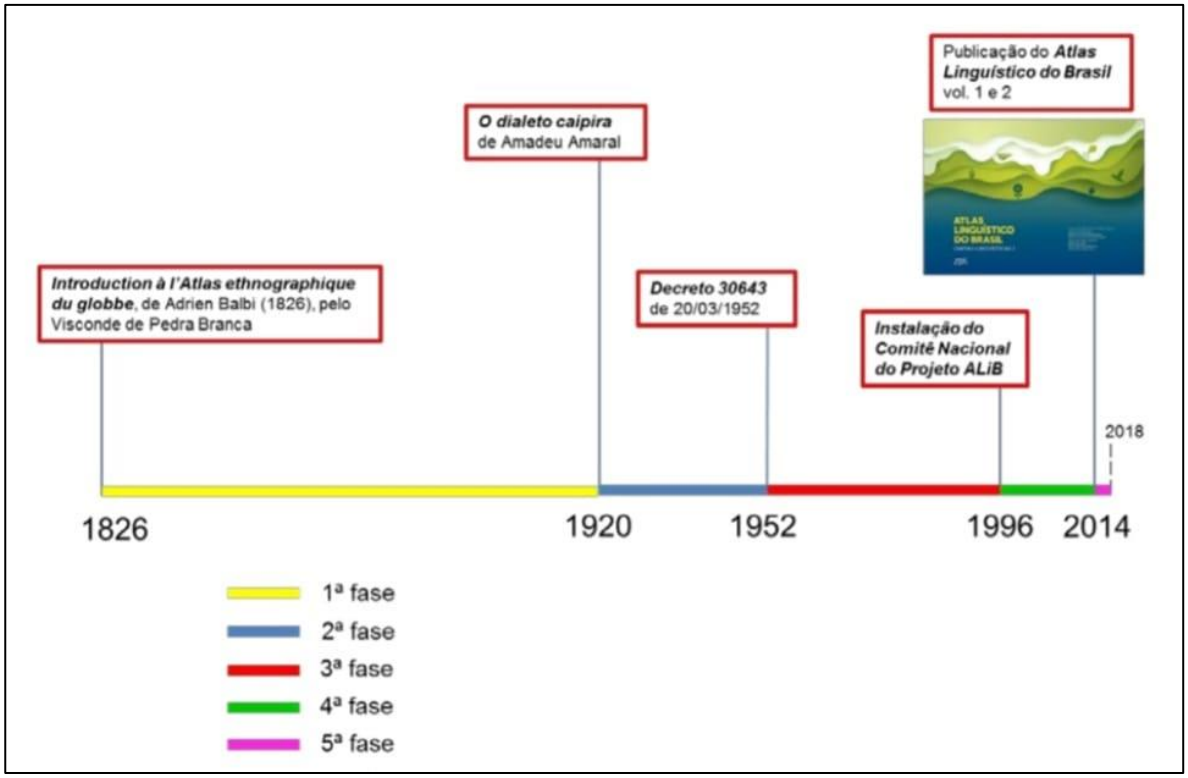
5ª fase (2014- atual), como dito anteriormente, foi proposta por Teles (2018) em sua tese de doutorado defendida na UFBA, a quinta fase se inicia com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil. Para a autora, nessa fase se destacam os trabalhos e projetos apresentados a partir dos dados do ALiB. Além disso,

> do ponto de vista cartográfico, também se trata de uma publicação inovadora, especialmente por ser o primeiro atlas linguístico no Brasil a ter sido concebido para utilização em Sistemas de Informações Geográficas, não somente pelo fato de ter sido utilizada uma base cartográfica digital, oficial, mas também porque todas as feições

> geográficas estão perfeitamente construídas para esse fim. Com isso, outra característica ímpar é o georreferenciamento de todas as localidades, tornando todas cartas publicadas passíveis de reedições e complementações a qualquer época. (TELES, 2018, p.80)

A autora sintetiza as fases da história da Dialetologia brasileira no diagrama que a seguir pode ser observado por meio da Figura 1.

Figura 1: Fases da Dialetologia no Brasil, segundo TELES (2018)



Fonte: TELES (2018, p.81)

O método utilizado pela Dialetologia é a Geografia Linguística de grande importância para os estudos na área, principalmente na confecção de atlas linguísticos. Para alguns autores, a geografia linguística é sinônimo da Dialetologia, mas para outros esta faz parte dos estudos dialetológicos, juntamente com os estudos monográficos (c.f. AMARAL,1920; NASCENTES, 1922 e 1953; e MARROQUIM (1934) ou a produção de léxicos especializados de natureza dialetal. A seguir, abordam-se características da Geolinguística.

2.1.1 Geolinguística: breve contextualização do método e as produções brasileiras

Nascida no final do século XIX, inicio do XX, a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método linguístico e sobretudo geográfico. De origem Europeia o campo interdisciplinar entre a Linguística e a Geografia, a Geolinguística ocupa-se de estudar as línguas em seu contexto geográfico. Por Geografia Linguística entende-se, de acordo com Coseriu (1965):

> [...] a expressão "geografia linguística" designa, exclusivamente, um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falantes estudados. (COSERIU, 1965, p.5) (Tradução nossa).[8]

Sendo assim, a Geografia Linguística é o método dialetológico responsável por representar cartograficamente em mapas, cartas e atlas os fatos linguísticos, tais como: fônicos, lexicais, morfossintáticos dentre outros (COSERIU, 1965). As principais tarefas desse método são a identificação e descrição de áreas linguísticas, a análise das dinâmicas geográficas das suas variações internas, estimar a importância territorial das línguas e das suas variedades em diferentes escalas, analisar as dinâmicas territoriais das línguas e das suas variedades, estudar situações de conflito territorial causado pelas diferenças linguísticas, conhecer as representações que as pessoas têm dos espaços linguísticos, das suas falas e da sua dinâmica territorial, de uma forma geral a Geolinguística recolhe "o testemunho das diferentes áreas dialetais refletidas nos espaços considerados" (CARDOSO, 2008, p. 21).

A Geografia Linguística, assim como outros ramos da Linguística, busca produzir uma base empírica sólida, a qual forneça informações sobre a variedade linguística de uma determinada língua em um determinado lugar. Sendo assim, o que

---

[8] […] la expresión "geografía lingüística" designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo […] que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados. (COSERIU, 1965, p.5).

diferencia a Geolinguística das outras áreas de estudo das línguas são as características desse método: Rede de pontos, Questionário e Informantes.

A Rede de Pontos é o conjunto de localidades que delimitam a região do estudo. Essas localidades são selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, levando em consideração a extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área estudada.

O Questionário é o instrumento de coleta de dados e tem como principal função estabelecer um caminho a ser percorrido na pesquisa, com isso uma entrevista pode ser feita por diferentes inquiridores e em circunstancias variadas e chegar a um resultado comum de dados linguísticos. Ou seja, o Questionário assegura que todas as entrevistas realizadas podem ser comparadas.

A Geolinguística pode ser classificada como mono ou pluridimensional. A primeira classificação, Geolinguística monodimensional, leva em consideração apenas o aspecto espacial ou geográfico quando revela os dados por meio da cartografia. A segunda classificação, Geolinguística pluridimensional, entretanto, permite a abordagem de relações entre os fatos linguísticos e os sociais. Dessa forma, é possível a análise da variação espacial levando em conta as variações que se manifestam em função de aspectos extralinguísticos.

Os Informantes na Geolinguística pluridimensional contemporânea e na monodimensional possuem pontos de encontros e de divergências. Na monodimensional, os parâmetros para a escolha dos informantes não são muitos, na maioria das vezes, esses informantes possuem uma única faixa etária, são do sexo masculino e tem um apenas um nível de escolarização. Esse informante é do tipo HARAS (Homem, Adulto, Rural, Analfabeto, Sedentário), sendo monossexual, monogeracional. Alguns atlas seguem esse modelo de escolha dos informantes, pode-se citar o Atlas Linguístico da França (primeiro atlas linguístico a ser lançado no mundo) e o APFB que apesar de possuir informantes do sexo feminino, se enquadra nos padrões da Geolinguística monodimensional.

Na perspectiva da Geolinguística pluridimensional são acrescentados aos parâmetros de escolha de informantes, outros critérios: os informantes agora passam a ter ambos os sexos (masculino e feminino), tem faixas etárias e níveis de escolarização distintos. Sendo assim, leva-se em conta na escolha dos informantes, parâmetros diafásicos, diastráticos, diassexuais etc. O Projeto ALiB enquadra-se na Geolinguística pluridimensional pela estratificação de seus informantes.

No Brasil, a Geolinguística ganha corpo em meados do século XX quando surgem as primeiras manifestações pela produção de um atlas linguístico do Brasil. Cardoso (2002) afirma que a respeito da realidade brasileira

> verifica-se que as transformações sofridas pelo Brasil, por exemplo, em um século permitem considerações que, necessariamente, conduzem ao reconhecimento de implicações que delas decorrem para o português brasileiro. O Brasil era, no começo do século XX, um país eminentemente rural, com uma população pouco adensada, mas situada, na sua grande maioria (dois terços) —, na área rural. A inversão dos percentuais numéricos, na atualidade, mostra que uma nova configuração demográfica se constata e aponta para fatores os mais diversos para explicá-la. Além disso, os meios de comunicação — rádio, televisão, telefone — tinham um perfil muito tímido, cujos dados não vêm sequer registrados nas estatísticas da primeira metade do século XX. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego e as rodovias tinham um traçado reduzido, refletido com mais intensidade ainda na navegação marítima e fluvial e nas empresas aéreas civis. O grau de mobilidade do cidadão, ipso facto, era muito pequeno, e o isolamento, maior ou menor, se constituía numa tônica da vida do país. Esse perfil do Brasil mudou, os centros urbanos superpovoaram-se; as estradas, de toda natureza, cruzam o território nacional nas mais variadas direções; a inter-relação entre os diferentes estratos socioculturais se fez mais efetiva; os meios de comunicação alargam-se e alastram-se por todo o território nacional. (CARDOSO,2002, p.12)

Entre os Atlas nacionais pode-se citar: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) – 1963; Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) – 1977; Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) – 1984; Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) – 1987; Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – 1990; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – 2002; Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) – 2004; Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II) – 2005; Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) – 2007.

Complementarmente, sugere-se a leitura dos textos produzidos por Valter Romano (ROMANO, 2020) e que trazem uma abordagem dos produtos da Geolinguística brasileira. Também sugere-se aprofundar o estudo de atlas de pequenos domínio na obra de Romano e Silva (2022). A seguir, busca-se apresentar o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, produto da Geolinguística no Brasil que é utilizado como *corpus* da pesquisa.

2.1.1.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, manifestava interesse na elaboração de um atlas linguístico do português brasileiro. Devido às dificuldades encontradas, os dialetólogos brasileiros começaram então o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais. Dessa forma, Projeto Atlas Linguístico do Brasil surge, por iniciativa do grupo de pesquisadores em Dialetologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas* realizado em Salvador, Bahia, em 1996, tendo se constituído, então, um Comitê Nacional para coordená-lo, com a participação de autores dos atlas linguísticos brasileiros já publicados e de um representante dos atlas em andamento. O Projeto apresenta seis objetivos específicos estabelecidos para consecução do Projeto (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), a seguir elencados:

> 1) Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
>
> 2) Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
>
> 3) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
>
> 4) Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
>
> 5) Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e,

> consequentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
>
> 6) Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p vii)

Em relação a metodologia do Projeto, buscou-se um caminho que permitisse alcançar o alvo pretendido no estudo, destacando assim, o perfil do informante, a rede de ponto, os questionários linguísticos e a realização de inquéritos linguísticos experimentais. No que se refere aos questionários linguísticos, o ALiB possui três tipos de questionário direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. Além disso apresentam-se questões de pragmática; temas para discursos semidirigido (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal); perguntas metalinguísticas e um texto para leitura (A “Parábola dos sete vimes”).

Quanto aos informantes, o Projeto se divide em número de quatro em cada ponto - exceto nas capitais de Estado, onde são entrevistadas oito pessoas, estratificam-se: quanto ao sexo – homem e mulher e quanto à faixa etária - a primeira de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65 anos - e, nas capitais, ao nível de escolaridade - fundamental e universitário.

Os primeiros produtos do Projeto ALiB se encontram publicados em dois volumes: v. 1 – Introdução e v. 2 – Cartas Linguísticas I (CARDOSO et al. 2014 a e 2014b), no primeiro volume encontra-se a parte da historia da construção do Atlas, a metodologia seguida, destacando a rede de pontos, o questionário e os informantes. Enquanto, no segundo volume encontra-se o resultado de objeto de pesquisa que foram as capitais brasileiras, com exceção a Palmas e Brasília (por conta de questões metodológicas, não foram alvo da pesquisa) representados por mapas linguísticos que abrangem dados fonéticos,morfossintáticos e semânticos lexicais. O lançamento dos dois volumes ocorreu durante o III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística realizado na Universidade Estadual de Londrina, em homenagem as professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota em outubro de 2014.

Outras publicações do Projeto ALiB incluem a série *Documentos* que está voltada para discussões que ocorrem no âmbito dos *Workshops* nacionais do Projeto ou no âmbito de reflexão e memória que acompanha o desenvolvimento do mesmo.

A série *Documentos* encontra-se em sua 7ª edição. Há também a publicação dos questionários utilizados no Projeto, sobre a alcunha de Questionários 2001, além da série *Descrevendo a língua e formando jovens pesquisadores*, uma coletânea que apresenta trabalhos dos bolsistas ao longo da formação como pesquisadores de fatos linguísticos, esta reúne artigos e pôsteres orientados pelos membros do Comitê Nacional dos núcleos regionais do ALiB. A série possui 4 volumes publicados e podem ser encontrados no *site* do Projeto (https://alib.ufba.br/).

O Atlas Linguístico do Brasil se insere no âmbito dos atlas da segunda geração ou seja, além de fornecer as cartas linguísticas propriamente ditas, fornece também estudos interpretativos sobre os aspectos cartografados, inserindo-se assim no âmbito dos atlas mais modernos.

2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AS ABORDAGENS DO LÉXICO

> A língua é um organismo dinâmico que se transforma continuamente, e o próprio funcionamento da língua se incumbe em fornecer explicações para estas transformações. Entretanto, essas mudanças não impedem que a língua seja ferramenta de comunicação e de interação social. Essas alterações são provocadas pela influência de fatores de natureza histórica, sociocultural, geográfica, entre outros. O estado natural de uma língua em um espaço geográfico é mutável, isto é, tem um caráter polimórfico e toda essa dinamicidade da língua é evidenciada, sobretudo, no Léxico. (OLIVEIRA, 2014, p.40)

O léxico de um indivíduo ou de uma comunidade pode dizer muito sobre este, já que é através do léxico que se reflete boa parte da sua cultura. Ou seja, “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO 2001, p. 09). Dessa forma, o léxico pode ser definido como o “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364 apud RAZKY, 2013 p.248). Sendo assim, considerando que cada palavra que compõem o léxico de uma língua remete a particularidades relacionadas ao contexto histórico, geográfico, realização fonética, realização morfossintática, além do seu uso sociocultural, político e institucional. O léxico está diretamente relacionado as funções da língua, comunicação e classificação, para BASILÍO (2004),

> O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um deposito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto

> categoriza as coisas sobre as quais queremos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção dos enunciados. (BASILÍO, 2004, p.9)

O léxico de uma língua manifesta a forma como o falante relaciona-se com a sua expressão de realidade, ou seja, de acordo com Biderman (2001, p. 11), "se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. [...] Os conceitos, ou significados, são os modos de ordenar os dados sensoriais da experiência". Confirmando a relação do léxico com a realidade extralinguística do falante, pode-se citar a definição de Coseriu (1987)

> Por léxico se pode entender a totalidade das palavras de uma língua que correspondem à organização imediata da realidade extralinguística. Ao léxico, nesse sentido, não pertencem, pois, todas as palavras de uma língua, mas somente aquelas que, nessa língua, estão relacionadas a mesma realidade nomeada por meio da linguagem. (COSERIU, 1987, p.133 Tradução nossa)[9]

Na atualidade, podemos observar que o léxico pode ser estudado por meio de diferentes disciplinas tais como a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Fraseologia.

A Lexicologia é disciplina que estuda o léxico e a organização deste a partir de diversos pontos de vista. A disciplina que estuda e descreve o léxico geral de uma língua. De acordo com Biderman (2001, p. 14), a lexicologia "tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico".

Considerada a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou de várias línguas, enquanto ciência do léxico, a Lexicologia tem caráter disciplinar pois estuda a relação do léxico com os outros níveis da língua (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, etc.) e a relação do léxico com o próprio léxico, tendo em vista que este é o nível linguístico que facilmente surge na consciência dos falantes. Ou seja, a Lexicologia tem caráter disciplinar, pois estuda a relação do Léxico com os outros níveis da língua.

Amplamente relacionada ao que tange ao significado ou ao significante de uma língua, a Lexicologia atenta-se a totalidade do signo linguístico conceito concebido por

---

[9] [...] *por ‹‹léxico›› hay que entender la totalidad de aquellas palabras de una lengua que corresponden a la organización immediata de la realidad ‹‹extralingüística››. Al léxico, en este sentido, no pertenecen, pues, todas las ‹‹palabras›› de una lengua, sino sólo aquéllas que, en esta lengua, están por la realidad misma nombrada mediante el lenguaje*. (COSERIU, 1987, p.133)

Saussure no início do século XX, de forma ampla a disciplina vai se encarregar do estudo do que concerne às palavras.

Pode-se citar como objetivos básicos da Lexicologia: (i) descrever do significado das palavras e fazer propostas de como estas são codificadas; (ii) explicar casos em que uma mesma sequência de sons (e grafia) tem mais de um significado; (iii) estabelecer e analisar as relações de significado que mantém as palavras e as classes lexicais que as compõem; e (iv) dar conta dos processos que desencadeiam mudanças nos significados das palavras.

Diretamente relacionada a Lexicologia, a Lexicografia tem como principal objetivo descrever o léxico de uma ou mais línguas, com o objetivo de produzir obras de referência (dicionários, glossários, etc.), além de bases lexicológicas para estudos e descrição do léxico. A Lexicografia "é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional" (BIDERMAN, 2001, p. 15).

Ainda na perspectiva da abordagem do léxico, a Terminologia

> [...] se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano. [...] Assim, a terminologia pressupõe uma teoria da referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente. [...] Esse enfoque do conceito ao termo distingue o método de trabalho da Terminologia daquele que caracteriza a Lexicografia. Os terminógrafos [...] têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo. (BIDERMAN, 2001, p. 17)

Considerando o escopo da dissertação é importante considerar a Fraseologia, também vista como uma área para estudo do léxico da línguas naturais.

Apesar de ter se firmado como disciplina científica no início do século XX, a Fraseologia foi ignorada pela comunidade científica, durante muito tempo. Ao final do século de origem, um inesperado interesse pela área surgiu, permitindo explicitar qualitativa e quantitativamente, sua importância para o funcionamento das línguas. A Fraseologia além de ser considerada uma disciplina nova, conta com várias vertentes que teorizam, cada qual a sua maneira, sobre a demarcação do seu objeto de estudo. Ao buscar o significado de Fraseologia, encontra-se um verbete com inúmeras acepções, como, por exemplo, o verbete do Aulete Digital (2022):

> 1. Ling. Modo de construção de frase peculiar a uma determinada língua ou a um determinado escritor: a fraseologia do latim: a fraseologia de Guimarães Rosa.

> 2. Conjunto de frases e de expressões peculiares a um escritor ou a uma língua.
> 3. Gram. Parte da gramática que estuda a frase.
> 4. Ling. Expressão idiomática, frase com sentido fixo, ger. não literal (p. ex. *dar murro em ponta de faca*).

Na literatura especializada, há uma gama de definições para Fraseologia. Linguistas de várias partes do mundo teorizam, cada qual a seu modo, sobre a significação e o objeto de estudo da Fraseologia. No âmbito da fraseologia brasileira, há diversos posicionamentos teóricos, entre estes podemos citar o de Monteiro-Plantin (2014) o qual concebe a fraseologia como:

> termo utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda (ainda que para alguns pesquisadores trate-se de uma subdisciplina da Lexicologia). (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 21)

Além do mais, existem duas grandes correntes teóricas: a corrente espanhola e a francesa. Sendo a primeira com os estudos focados em locuções, fórmulas, etc., tendo como premissa a sua constituição, a sua utilização e a sua interação com falantes de uma determinada língua. Já a segunda trata a fraseologia enquanto fenômeno que se exprime através das associações sintagmáticas recorrentes, expandindo esse conceito para além dos provérbios. Sendo assim, no presente trabalho, serão analisadas, qualitativa e quantitativamente, as unidades fraseológicas encontradas no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nas capitais do Nordeste.

Salah Mejri, principal pesquisador da corrente francesa, que vem se debruçando sobre o processo de fixação (*figement*), considera que no âmbito dos fraseologismos podem estar vários elementos, entre estes podemos citar: expressões idiomáticas, pragmatemas, locuções, provérbios, estereótipos etc. Segundo Monteiro-Plantin (2014), a fraseologia é

> uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo o objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p.33)

Os objetos de estudos da fraseologia são as séries fraseológicas e as unidades fraseológicas (UFs). As séries fraseológicas são os agrupamentos usuais em que o grau de coesão é relativo, isso quer dizer que são palavras que compõem uma expressão, mas possuem, isoladamente, uma autonomia, que se perde no conjunto, como por exemplo: *"Arco-íris"* etc. Já as unidades fraseológicas, por sua vez, seriam aquelas em que o grau de coesão é absoluto, sendo assim, as UFs são o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado, que não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos como, por exemplo, *"Casamento da raposa"* etc.

Salah Mejri (1997) estabelece a fraseologia como o fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes, e a fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Mejri (1997) realça a relevância do processo de fixação para o entendimento da atuação das unidades fraseológicas. Para o autor, a fixação polilexical é como uma terceira articulação da linguagem, os frasemas estabeleceriam outra articulação na qual, vários monemas léxicos deixam os seus significados para se juntarem num significado global não composicional. Isso quer dizer que o significado global não é a fusão dos significados dos componentes (p. ex. casamento da raposa = "estiar o tempo"), estes, por sua vez, ao perderem seu significado individual deixam de ser lexema. As unidades fraseológicas possuem como principal característica o grau de coesão absoluto, dessa forma os componentes da expressão formam uma unidade indissociável. Quanto ao significado da expressão, esse não vai ser a soma dos significados de todos os componentes, mas sim um resultado de uma combinação desses elementos, gerando assim um significado novo que pode ter ou não relação com as significações anteriores.

Para Sfar (2015), essa característica das UFs pode ser explicada pelo processo de fixidez que é o processo pelo qual as formações sintagmáticas veem sua sintaxe interna configurada em correlação com um significado global. Sendo assim, não é aconselhável analisar uma unidade fraseológica através de seus componentes isoladamente, mas sim a combinação de todos, como uma estrutura única. Uma outra característica das UFs é a polilexicalidade que norteia o número de componentes da expressão, ou seja, para que uma expressão seja considerada como fraseologismo, é necessário que esta seja formada por duas ou mais unidades lexicais.

Biderman (2005) propõe testes para classificação e definição das unidades fraseológicas (UFs), esses testes são baseados na formação morfológica da expressão.

Por exemplo, uma unidade fraseológica que é formada por N +ADJ (EX.: Casamento de viúva, Casamento de raposa) vai possuir os seguintes traços de identificação: (i) não é possível a nominalização, a modificação adverbial e a coordenação; (ii) as flexões de número possuem características diferentes (apenas plural, apenas singular ou singular e plural) e (iii) existem restrições de coocorrência.

Em casos de UFs formadas por sequências verbais, tem-se: (i) inserção; não é possível extrair um componente por meio de certas construções sintáticas; (ii) substituição por uma outra forma; e (iii) não são possíveis modificações (flexão, comutação de determinantes, adjetivo).

Do exposto, percebe-se que a fraseologia passa a ganhar ares de disciplina acadêmica, a sua emergência levanta questões que afetam outros domínios linguísticos: morfologia, sintaxe, léxico, entre outros. Apesar de ter se firmado como disciplina científica no início do século XX, os linguistas não davam e/ou ignoravam um tratamento científico adequado às expressões cristalizadas, pois atribuíam a estas um caráter de exceção. Sendo assim, alguns critérios são levantados para definir as combinações fraseológicas: a frequência de coocorrência na fala, a idiomaticidade, polilexicalidade e a fixação, ambos repartem uma caracterização negativa (aplicável a unidades distintas: locuções, provérbio, etc.) à fraseologia, pois a fixação seria a negação da sintaxe, a polilexicalidade a negação da morfologia, a idiomaticidade a negação da semântica léxica, a frequência de coocorrência a negação da criatividade discursiva.

Com o avanço dos estudos fraseológicos (qualitativos e quantitativos), questionam-se as fronteiras externas e internas do domínio fraseológico, não é tão simples definir a fraseologia e nem definir o seu objeto de estudo, pois essa delimitação pode afetar outros níveis da linguagem.

3 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E O CLIMA NO NORDESTE

Os processos naturais que acontecem dentro da atmosfera terrestre recebem o nome de fenômenos atmosféricos. Diretamente relacionados as dinâmicas de temperatura do ar e também da pressão atmosférica, esses fenômenos ocorrem de forma natural ou seja, não tem ação humana implicada neles. Dessa forma, eles envolvem o vento, a umidade, as precipitações, as formações de nuvens e muito mais.

Figura 2: Fenômenos atmosféricos

Fonte: Disponível em : http://meioambientetecnico.blogspot.com/2013/05/atmosfera-e-seus-fenomenos.html . Acesso em: 20 out. 2022

Neste trabalho apresentamos discussões sobre os seguintes fenômenos atmosféricos:

Quadro 1: Fenômenos atmosféricos estudados[10]

Fenômeno atmosférico	Descrição segundo o dicionário AULETE (2006)	Descrição segundo os glossários estudados INMET/CPTEC (2022)
Redemoinho	**1.** Ação ou resultado de redemoinhar, de adquirir movimento rotativo em espiral, esp. de água ou vento **2.** Movimento de rotação ou em espiral; REMOINHO; RODAMOINHO; TURBILHÃO; VÓRTICE **3.** Movimento giratório de uma rajada de vento, ger. ocasionado pela mudança súbita de direção.	É um fenômeno atmosférico composto de ventos organizados em espiral formados pela convecção em dias quentes,
Relâmpago	**1.** Clarão forte e rápido resultante de descarga elétrica entre as nuvens. **2.** Fig. Luz forte que dura pouco.	É a manifestação luminosa que acompanha as descargas elétricas naturais verificadas entre duas nuvens, entre a nuvem e o solo, entre partes de uma mesma nuvem ou entre uma nuvem e o ar límpido.
Raio	**1.** Fís. Feixe de luz ou de outra forma de energia radiante (raios do sol; raio de luz). **2.** Descarga elétrica no espaço, seguida de relâmpago*: Ontem à noite, caiu uma tempestade com muitos raios.* **3.** Fís. Movimento retilíneo por meio dos qual se propagam as radiações (raio alfa; raio beta; raio gama); RADIAÇÃO	Descarga elétrica visível produzida em resposta à intensificação da diferença de potencial existente entre nuvem e solo; entre diferentes nuvens; dentro de uma única nuvem ou entre uma nuvem e o ar circunvizinho.
Trovão[11]	**1.** Met. Estrondo que ger. acompanha um relâmpago;	som emitido pela rápida expansão de gases ao

[10] Os fenômenos serão apresentados por ordem das questões estudadas.

[11] Quando se forma um raio a vibração súbita e violenta do ar em sua passagem, transformada em onda sonora, produz um estrondo, o trovão. A ondas luminosas propagam-se a uma velocidade de 300.000km/s, as sonoras a uma velocidade de c. 1.000km/s. Por isso só se ouve o trovão momentos após se avistar o raio, e a diferença de tempo entre as duas percepções (maior quanto maior a distância do raio) permite calcular a distância do observador ao local de ocorrência do raio. (AULETE,2022)

	TROVOADA: "Já se ouvia ao longe o assobiar do vento, o bramir do trovão..." (Oliveira Martins, *Febo Moniz*)) **2.** Ribombo produzido por descarga elétrica.	longo da descarga elétrica provocada pela passagem de um relâmpago. Acima de 3/4 da descarga elétrica do raio, o trovão aquece os gases da atmosfera, dentro e imediatamente em torno deste canal. As temperaturas podem chegar a mais de 10 mil graus Celsius em fração de segundos, resultando numa violenta onda de pressão composta de compressão e rarefação.
Arco-Íris[12]	**1.** Met. Ópt. Arco, composto de faixas coloridas, que aparece no céu em consequência da dispersão da luz solar em gotículas de chuva.	Arco luminoso que exibe todas as cores do espectro visível de luz (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, azul claro, e violeta). É criado por refração da luz. É visível quando o Sol brilha e o ar contém água vaporizada ou pingos de chuva, o que ocorre durante ou imediatamente após uma chuva. O arco sempre é visto no céu do lado oposto em que está o Sol.

Fonte**:** Elaborado pela a autora (2022)

Considerados os fenômenos em estudo, partimos para descrever o clima na Região Nordeste do Brasil. O Nordeste não apresenta homogeneidade em relação à distribuição espacial entre os nove Estados que a compõem. Há Estados como Sergipe que possuem área 21.910 km² (o menor dentre os nove), e outros como Bahia e Maranhão, os maiores dentre os nove.

[12] Quando os raios luminosos do Sol ou da Lua incidem sobre gotículas de água suspensas na atmosfera, essas gotículas provocam reflexão, refração e difusão dos raios (de luz branca). Cada ângulo de saída do raio luminoso corresponde a um dos componentes cromáticos da luz branca, referenciados nas cores do espectro visível: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, roxo, violeta. Essas radiações coloridas, por sua vez refletidas nas gotículas, num determinado ângulo de saída (42º) formam a imagem de um arco, inteira ou parcialmente visível, do qual cada uma delas é uma faixa, ficando o vermelho na parte externa, o violeta na interna. Em certas condições pode-se formar um segundo arco externo ao primeiro. O centro do arco estaria sobre um eixo imaginário entre a fonte de luz e o ponto de observação. (AULETE,2006, grifo nosso)

De modo similar, percebem-se divergências em relação à pluviosidade. Na Região Nordeste, há inconstância das chuvas, que, quando ocorrem, são irregulares e escassas concentradas em curtos períodos estacionais que duram entre três e cinco meses. Observam-se também temperaturas relativamente elevadas que são características climáticas da Região. As chuvas no Nordeste assumem uma grande importância para a Região, não apenas do ponto de vista climático, mas como também do ponto de vista econômico e social. Sendo assim, a maioria da população da Região da agricultura de sequeiro[13], na qual o sucesso das culturas implantadas dependem da quantidade e regularidade da chuva.

A climatologia do Nordeste brasileiro é considerada como uma das mais complexas do mundo, pois essa Região é influenciada por diversos fatores que afetam as condições de tempo e clima, tais como: (i) fatores oceânicos; (ii) relevo (amplas planícies, vales baixos); (iii) frentes polares (encontros de ar de massas diferentes); e (iv) fatores atmosféricos. Além desses fatores, a Região é considerada o “ponto final” (área de convergência de quatro fluxos) de diversos sistemas de correntes atmosféricas perturbadas que são responsáveis pela instabilidade e chuvas no Nordeste.

Como pode ser observado na Figura 3, que segue, as correntes perturbadas, grosso modo são correntes de ventos oriundas de diversas direções, as quais se cruzam no Nordeste brasileiro. MINER (1972) representa as quatro correntes perturbadoras principais (S (sul), N (norte), E (leste), W (oeste)) como:

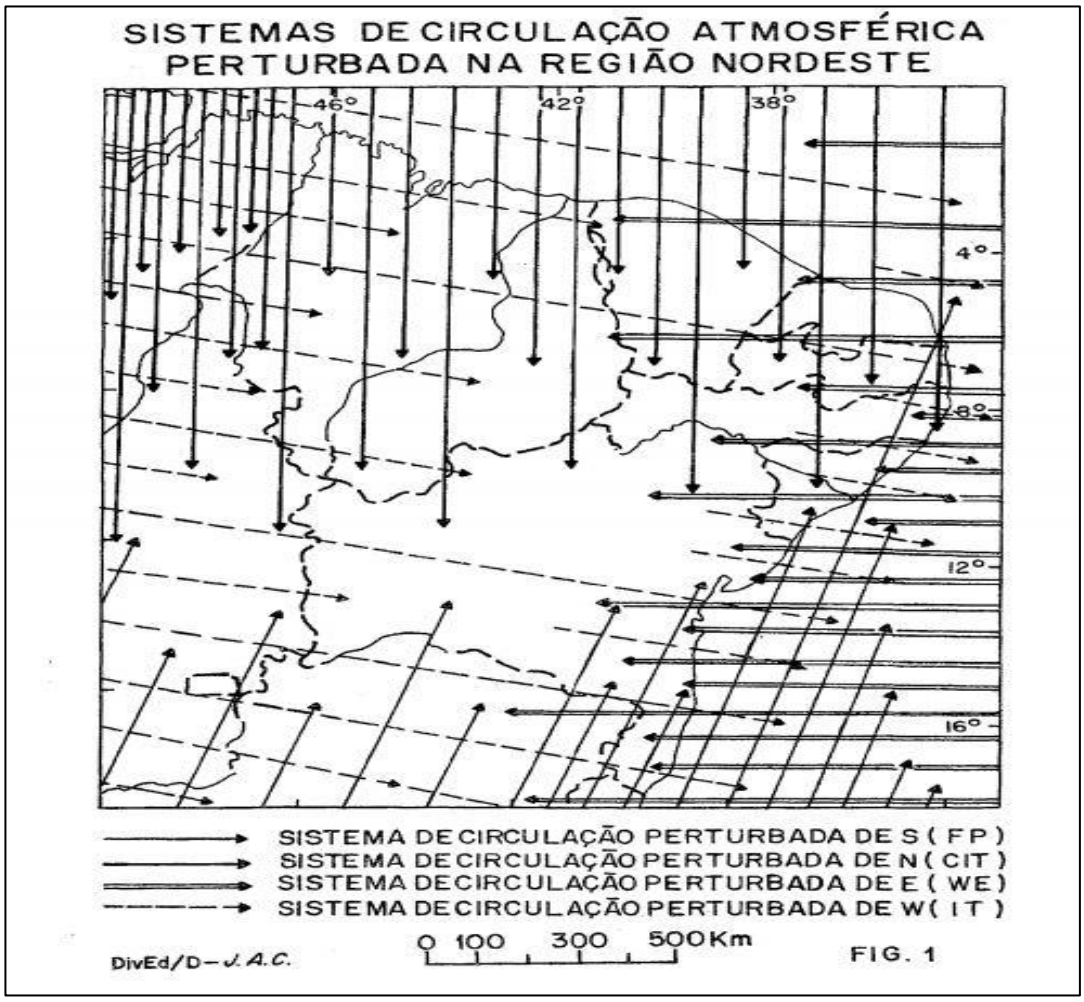
> As correntes perturbadas de S são representadas por invasões de frentes polares. [...] As correntes perturbadas de N - são representadas pelo deslocamento da convergência intertropical (CIT). [...] As correntes perturbadas de E. - Vimos que os alíseos[14] oriundos do anticiclone tropical do Atlântico Sul possuem uma inversão térmica superior. [...] As correntes perturbadas de W. - O sistema de

[13] Em terras secas como a do sertão nordestino, a prática da agricultura pode representar um desafio. Uma das técnicas para superar este impasse é a chamada agricultura de sequeiro, que tem por princípio apenas o aproveitamento da água da chuva em locais com baixa pluviosidade. A expressão “sequeiro” deriva da palavra seco, que faz contraponto com a chamada agricultura de brejeiro, técnica que é realizada em solo firme. Essa modalidade agrícola visa atingir eficiência em terras áridas através da escolha de espécies de cultivo, que não necessitem de irrigação constante, podendo suportar os períodos de estiagem entre uma chuva e outra. Mas nada é deixado à sorte dos bons ventos e da chuva. Através de cálculos e técnicas para armazenamento da água da chuva, se garante uma eficiência deste meio de plantio que pode suportar até mesmo as grandes estiagens do sertão nordestino. Disponível em: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/a-agricultura-de-sequeiro-3/ acesso em: 20 out. 2022

[14] Alíseos: ventos fortes derivados do movimento de rotação da Terra, posicionados próximos ao Equador.

> instabilidade de W decorre do seguinte: entre o final da primavera e o início do outono, o interior do Brasil é frequentemente submetido a ventos de W a NW trazidos por linhas de instabilidades tropicais (IT). Tratam-se de alongadas depressões barométricas induzidas em dorsais de altas. (MINER, 1972, p.6)

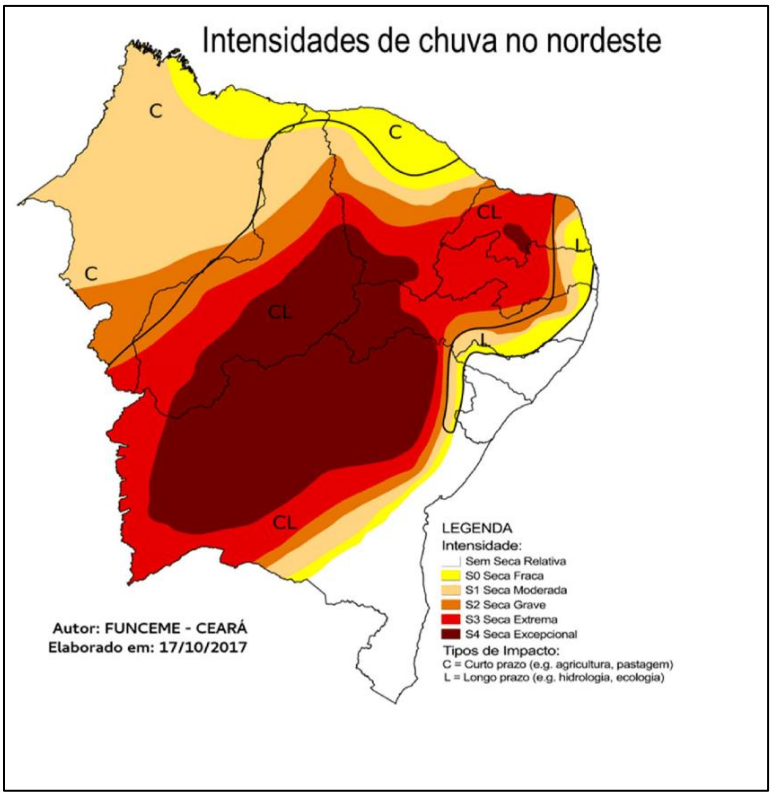
Figura 3: Sistemas de circulação atmosférica na Região Nordeste



Fonte: MINER, 1972, p.6

Ainda tratando do clima e da chuva no Nordeste, cabe registrar o índice pluviométrico registrado para cada Estado, como se demonstra por meio da Figura 4 de autoria de Silva, Vidal, Barros e Freitas (2018).

Figura 4: Intensidade de chuvas no Nordeste (VIDAL e FREITAS, 2018)



Fonte: SILVA; VIDAL; BARROS; FREITAS (2018, p.183).

A partir da Figura 5 (correspondente à Tabela 4 do trabalho de SILVA et al (2011, p. 136), percebe-se que o índice de pluviosidade varia em toda a Região Nordeste, indo desde de localidades sem uma apresentação de seca relativa, até localidades de seca excepcionais, ou seja há uma variação na quantidade de chuvas em todo território nordestino. Em relação a precipitação pluvial média (mm), cada Estado da Região varia de acordo com os meses do ano e principalmente nos períodos secos e chuvosos. O Maranhão é o estado com a maior média de precipitação pluvial anual, enquanto o Rio Grande do Norte possui a menor média.

Figura 5: Precipitação pluvial média (mm) em cada estado da região Nordeste do Brasil para os meses do ano e períodos anual, chuvoso e seco

Estado	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Anual	Chuvoso	Seco
Maranhão	201	240	309	271	183	101	71	26	21	39	64	110	1632	220	17
Piauí	160	189	226	153	42	8	4	4	11	47	95	104	1042	177	8
Ceará	93	169	276	237	135	52	20	6	6	8	16	38	1056	199	8
R.G.do Norte	48	89	168	169	114	91	70	28	12	6	6	17	817	141	7
Paraíba	52	84	147	154	131	115	100	53	27	13	15	25	917	133	15
Pernambuco	50	73	118	136	108	110	104	56	34	24	23	39	875	102	21
Alagoas	53	55	122	177	223	188	156	101	62	38	29	36	1096	153	37
Sergipe	41	54	87	131	178	164	166	97	61	41	41	41	1066	118	44
Bahia	91	97	137	125	99	83	82	55	46	58	103	107	978	115	41

Fonte: SILVA et al (2011, p. 136)

4 METODOLOGIA

No que se refere à metodologia dos estudos dialetais, os trabalhos em Geolinguística contemplam o tripé: informante, rede de pontos (localidades) e questionário. Sendo assim, este estudo fundamenta-se na metodologia e no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no que compete à área temática fenômenos atmosféricos do Questionário Semântico Lexical – QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21 a 22). Essa seção apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa e a descrição dos critérios utilizados para análise dos dados.

4.1 INFORMANTES

A amostra é constituída por 72 inquéritos, provenientes da área temática fenômenos atmosféricos do QSL, registrados em áudio e primeira transcrição no arquivo nacional do Projeto ALiB. Por se tratar de um estudo apenas das capitais do Nordeste, foram analisados oito informantes divididos por faixa etária (faixa I e faixa II), sexo (mulher e homem) e escolaridade (fundamental incompleto e universitário completo). Nesta pesquisa utilizamos a estratificação dos informantes de acordo com os critérios adotados pelo Projeto ALiB (cf. Quadro 2).

Quadro 2 – Perfil dos informantes do Projeto ALiB

Idade	Escolaridade	Sexo	Naturalidade
Faixa I = 18 a 30 anos Faixa II = 50 a 65 anos	Grau 1 - alfabetizados, tendo cursado, no máximo, ensino fundamental incompleto Grau 2 - nível universitário completo	Mulher Homem	Serem nascidos na localidade, tendo, preferencialmente, pais nascidos na localidade; Terem vivido 2/3 de sua vida na localidade e, preferencialmente, não realizarem saídas constantes para outras cidades (viagens ou trabalho fora do município); e Exercerem profissões que não exijam constantes movimentações para fora da localidade

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

4.2 REDE DE PONTOS – LOCALIDADES PESQUISADAS NA REGIÃO NORDESTE

As localidades escolhidas, para este estudo, foram as capitais dos Estados que formam a Região Nordeste do Brasil. A seguir, a Figura 6 – mapa do Nordeste, traz a Região Nordeste do Brasil composta de nove Estados, sendo a Região que contém o maior número de unidades federativas do país.

Com um território que corresponde aproximadamente a 18% de todo o território nacional, o Nordeste possui uma população de quase 60 milhões de brasileiros espalhados pelos estados que o formam. Entre estes podemos citar a Bahia, que é o maior estado em extensão territorial, e Sergipe, o menor. A área total da Região chega a área de 1.558.000 km² de extensão. Entre as capitais da Região destacam-se Recife, Fortaleza e Salvador ambas com os maiores números de urbanização, população geral e densidade demográfica. A seguir serão apresentadas informações sobre cada capital nordestina, as informações citadas foram encontradas no site do IBGE e das prefeituras de cada cidade.

Figura 6 – Mapa da Região Nordeste do Brasil

Fonte: Disponível em:< https://www.todamateria.com.br/estados-do-Nordeste/>
Acesso em: 18 jul. 2022

A seguir, são destacadas algumas características das nove capitais de Estado que compõem a rede de pontos da pesquisa.

Segundo o IBGE (2021), o estado do Maranhão possui uma população estimada de 7.153,262 pessoas em uma área de 329.651,496 km², sendo o décimo maior estado em número de habitantes do país. Coberto por três biomas (Amazônia, Cerrado e Caatinga), o Maranhão faz divisa com outros três estados: a Oeste com o Pará, ao Sul e Sudoeste com o Tocantins e ao Leste com o Piauí. Quanto ao clima predominante no estado tem-se o tropical (grande parcela do território), e também ocorrência do equatorial (oeste do estado), ambos os climas interferem nas temperaturas e índices de pluviosidade anuais. As temperaturas médias são elevadas ao longo do ano com altos índices pluviômetros entre novembro e abril.

Figura 7- São Luís (Maranhão), ponto 26 do Projeto ALiB

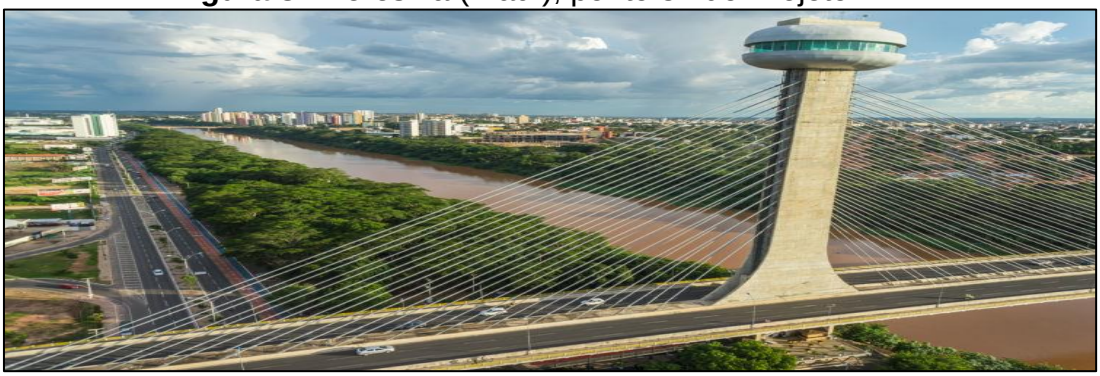
Fonte: Disponível em:< https://www.vista-se.com.br/3004-sao-luis-ma-dia-dedicado-ao-veganismo-com-comida-cerveja-artesanal-e-shows-ao-vivo/> Acesso em: 18 jul. 2022

População: 1.101.884 pessoas [2019]
Área territorial: 582,974 km² [2019]
Economia: Indústria, turismo e serviços.
Clima: Tropical quente e úmido. A temperatura mínima fica em torno de 22 e 24 °C e a máxima em torno de 30 e 34 °C. Apresenta dois períodos climáticos distintos: um chuvoso, de dezembro a julho, e outro seco, de agosto a novembro. A média pluviométrica é de 2200 m/ano.

O estado do Piauí possui uma população estimada de 3.289.290 pessoas em uma área de 251.755.481 km², sendo o décimo oitavo maior estado em número de habitantes do país, segundo o IBGE (2021). O Piauí faz divisa com cinco estados: a Nordeste com o Ceará, a Leste com Pernambuco, a Sudeste e Sul com a Bahia, a Sudoeste com Tocantins e a Oeste com o Maranhão. Sobre o clima o estado se divide em dois climas dominantes, na parte Leste há a predominância do clima semiárido,

marcado por altas temperaturas e baixos índices pluviométricos; enquanto a Oeste, a predominância é do tropical do tipo quente e úmido, com temperaturas mais amenas e maior índice pluviométrico anual.

Figura 8 - Teresina (Piauí), ponto 34 do Projeto ALiB



Fonte: Disponível em: < https://www.oitomeia.com.br/noticias/2018/06/29/emprego-e-renda-coloca-teresina-como-4a-capital-mais-desenvolvida-do-pais/> Acesso em: 18 jul. 2022

População: 864.845 pessoas [2019]
Área territorial: 1.391,046 km² [2019]
Economia: Indústria têxtil
Clima: Tropical semiúmido. A temperatura mínima fica em torno de 22 °C e máximas de 40°C. Apresenta dois períodos climáticos distintos: um chuvoso (que ocorrem no verão e outono) e o seco (que ocorre no inverno e primavera). A média pluviométrica é de 1.300 mm. Devido às altas incidências de raio na Região, esta é conhecida como a chapada dos coriscos.

O estado do Ceará possui uma população estimada de 8.452,381 pessoas em uma área de 148.894,447 km², sendo o oitavo maior estado em número de habitantes do país. O estado faz divisa com outros três estados, a Leste com o Rio Grande do Norte e com a Paraíba, ao Sul com Pernambuco e a Oeste com o Piauí. O clima predominante é o tropical semiárido, com altas temperaturas, longos períodos de estiagem e baixo índice pluviométrico, o que insere o estado no Polígono das secas[15].

[15] O Polígono das Secas é uma área definida por lei (lei 1348, de 1951, revista e ampliada pela portaria interministerial em 15/09/2015) no semiárido nordestino que enfrenta problemas agudos de estiagem e demanda ações específicas do governo. A área delimita municípios que inseridos nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

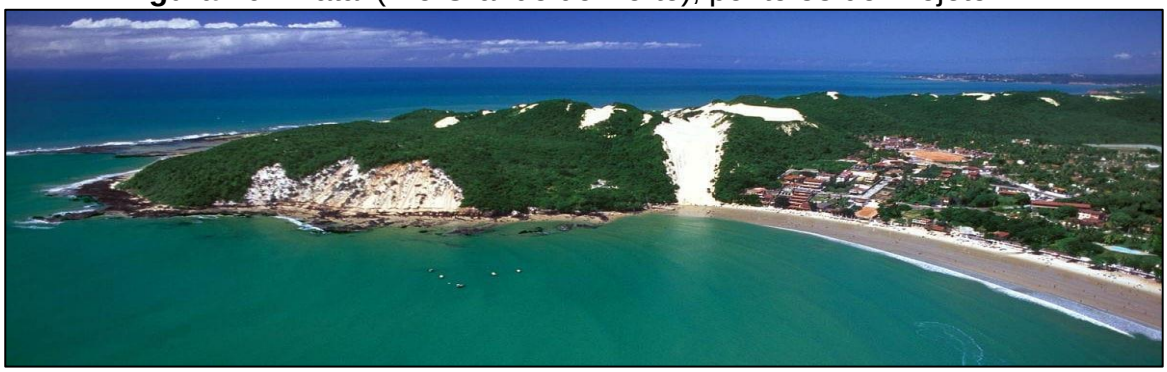
Figura 9 - Fortaleza (Ceará), ponto 41 do Projeto ALiB

Fonte: Disponível em: <https: //www.visitbrasil.com/pt/destinos/fortaleza.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

População: 2.669.342 pessoas [2019]
Área territorial: 312,353 km² [2019]
Economia: Comércio e serviço
Clima: Tropical semiúmido. Com temperatura média compensada anual em torno dos 27 °C. Sem ter exatamente definidas as estações do ano, há a estação das chuvas, de janeiro a junho (verão e outono) e a estação seca, de agosto a dezembro (inverno e primavera). A média pluviométrica é superior a 1 600 milímetros (mm).

O estado do Rio Grande do Norte, com população estimada em 3.560.903 pessoas, é o décimo sexto maior estado em numero de habitantes. O estado faz divisa com a Paraíba e o Ceará,e é banhado pelo oceano Atlântico, o qual influencia no clima e na vegetação. O clima do Rio Grande do Norte é o tropical, dividido em dois subtipos, úmido no litoral e semiárido no interior.

Figura 10 - Natal (Rio Grande do Norte), ponto 53 do Projeto ALiB



Fonte: Disponível em : <https://prefiroviajar.com.br/brasil/natal-o-que-fazer-onde-o-sol-brilha-300-dias-por-ano> Acesso em :18 jul. 2022.

População: 884.122 pessoas [2019]
Área territorial: 167,401 km² [2019]

Economia: Comércio e prestação de serviços
Clima: Tropical chuvoso com verão seco. Ostenta o título de Cidade do Sol em função de sua elevada luminosidade solar a maior dentre as capitais brasileiras, que ultrapassa 2 900 horas anuais. O índice pluviométrico anual é superior a 1.700 milímetros (mm) concentrados entre os meses de março e julho.

O estado da Paraíba possui como população estimada 4.059.905 habitantes, sendo o décimo terceiro maior estado em número de habitantes, é o sétimo menor estado do país em relação ao seu espaço geográfico e o décimo terceiro maior em relação a população residente. O estado faz fronteira ao Norte com o Rio Grande do Norte, ao Sul com Pernambuco e a Oeste com Ceará. Quanto ao clima, dois tipos são predominantes, o semiárido (regime pluviométrico irregular e períodos de estiagem variáveis) e o tropical quente e úmido (altas temperaturas, verão relativamente seco, inverno e outono chuvosos).

Figura 11 - João Pessoa (Paraíba), ponto 61 do Projeto ALiB

Fonte: Disponível em: < https://compartilheviagens.com.br/joao-pessoa-roteiro-para-5-dias-com-bebes-ou-criancas/> Acesso em: 18 jul. 2022

População: 809.015 pessoas [2019]
Área territorial: 210,044 km² [2019]
Economia: Turismo, comércio e indústria.
Clima: Tropical úmido. Temperaturas médias anuais em torno dos 27 °C. O índice pluviométrico anual superior a 1 900 milímetros (mm), concentrados entre os meses de abril e julho. Apesar disso, chuvas com raios e trovoadas são pouco comuns.

O estado do Pernambuco possui aproximadamente 9.674.793 de habitantes, sendo o sétimo maior estado do país em número de habitantes. Faz fronteira com a Bahia e o Alagoas ao Sul, Piauí a Oeste, Ceará a Noroeste e com a Paraíba ao Norte.

No litoral do estado concentra-se um clima tropical úmido, enquanto no interior o clima semiárido, o que faz ser comum os períodos longos de seca.

Figura 12 - Recife (Pernambuco), ponto 70 do Projeto ALiB

Fonte: Disponível em: < https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/praia-boa-viagem/> Acesso em :18 jul. 2022

População: 1.645.727 pessoas [2019]
Área territorial: 218,843 km² [2019]
Economia: Comercio, serviços e indústrias.
Clima: Tropical úmido. Temperaturas mínimas de 18°C e máximas de 26 °C, chegando a 30 °C no verão. O índice pluviométrico é superior a 2 000 milímetros (mm) anuais, concentrados entre abril e julho. As precipitações acontecem sob a forma de chuvas, que podem vir acompanhadas de raios e trovoadas e serem de forte intensidade.

Alagoas possui aproximadamente 3.365.351 habitantes e é o décimo sétimo estado maior estado em número de habitantes. O estado faz divisa com Pernambuco ao Norte, a Oeste com a Bahia e ao Sul com Sergipe. Dois climas são predominantes na Região semiárido e tropical úmido.

Figura 13 - Maceió (Alagoas), ponto 77 do Projeto ALiB

Fonte: Disponível em:< https://maceioatlantic.com/o-que-fazer-em-maceio-praias-lazer-familia/> Acesso em: 18 jul. 2022.

População: 1.018.948 pessoas [2019]
Área territorial: 509,320 km² [2019]
Economia: Indústria, além da agricultura, pecuária e extração de gás natural e petróleo.
Clima: Quente e úmido. Temperaturas mínimas 15°C e máximas 35,8 °C. O município detém o recorde de precipitação observado em 24 horas no Brasil, de 407,6 milímetros (mm) em 28 de abril de 1979.

O estado do Sergipe possui aproximadamente 2.338.474 habitantes sendo o décimo segundo estado brasileiro com o maior número de habitantes e o menor estado em extensão do país. Sergipe possui dois tipos climáticos predominantes, o tropical litorâneo e o semiárido.

Figura 14 -Aracaju (Sergipe), ponto 79 do projeto ALiB

Fonte: Disponível em: < https://www.viajali.com.br/praia-de-atalaia/> Acesso em: 18 jul. 2022

População: 657.013 pessoas [2019]
Área territorial: 182,163 km² [2019]
Economia: serviços, indústria e exploração petrolífera.
Clima: Quente e úmido, com período chuvoso de março a agosto. A temperatura média anual é de 26 °C e precipitação média anual de 1 300 milímetros (mm).

O estado da Bahia possui aproximadamente 14.985.284 habitantes, sendo o quarto maior do país em relação ao número de habitantes e o que possui o litoral mais longo de toda a faixa costeira brasileira (932 km). Além disso, é o único estado do Nordeste que faz fronteira com todos os outros estados que compõem a Região. A Bahia tem dois tipos climáticos, o semiárido na Região central e parte do Oeste do estado (altas temperaturas, baixa umidade do ar, chuvas concentradas no verão) e o clima tropical ao Leste (altas temperaturas e maior umidade do ar).

Figura 15 - Salvador (Bahia), ponto 93 do Projeto ALiB

Fonte: Disponível em: <https://viajando.expedia.com.br/o-que-fazer-no-carnaval-de-salvador/> Acesso em: 18 jul. 2022.

População: 2.872.347 pessoas [2019]
Área territorial: 693,453 km² [2019]
Economia: Turismo
Clima: Floresta tropical. Temperatura média anual em torno dos 25 °C e precipitações abundantes durante o ano todo, sem estação seca discernível. O índice pluviométrico anual é superior a 1 800 milímetros (mm), concentrados entre abril e julho.

4.3 QUESTIONÁRIO: ÁREA TEMÁTICA FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Com relação ao questionário linguístico, o ALiB possui três tipos de questionários direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos: (a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas. O questionário semântico lexical está dividido em 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana.

No questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil encontra-se a área temática fenômenos atmosféricos, composta por 15 (quinze)

perguntas sendo quatro delas interligadas em seu conteúdo: 09 e 10 (*raio* e a lexia utilizada para designar o barulho que se escuta depois do mesmo) e 11 e 12 (*Temporal/tempestade* e outros nomes para tempestade). Seguem indicadas as formulações das perguntas da área temática:

Para este estudo foram selecionadas 11 questões da área temática fenômenos atmosféricos, que, no Quadro 3 que segue, estão sinalizadas em negrito. Os critérios adotados para a escolha das questões foram:

- Questões não publicadas no Atlas Linguístico do Brasil, volume 2;
- Questões não mencionadas por outros pesquisadores em seus respectivos estudos (artigos, capítulos, dissertações e teses).

Quadro 3 - Perguntas da área temática fenômenos atmosféricos do QSL do Projeto ALiB

N°	Formulação das perguntas
07	**Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?**
08	**Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva?**
09	**Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?**
10	**Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um_____(cf. item 9)?**
11	**Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?**
12	**Existem outros nomes para _____(cf. item 11)?**
13	**Como se chama uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?**
14	**Como se chama uma chuva forte e continua?**
15	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
16	**Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?**
17	**Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?**
18	**Como se chama uma chuva bem fininha?**
19	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?
20	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
21	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

Fonte**:** (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21-22, adaptado)

Das 11 questões sinalizadas no Quadro 3, para este trabalho seis questões foram selecionadas para este estudo (QSL 7, 8, 9, 10, 16 e 17), as outras questões serão estudadas em trabalhos subsequentes. Os dados foram levantados a partir da audição dos inquéritos, além da consulta às transcrições grafemáticas, que auxiliam na coleta de dados, mas não dispensam a audição dos inquéritos, pois a audição sistemática dos áudios que foram coletados *in loco* auxilia na obtenção de dados verídicos, tal como foram obtidos na pesquisa de campo. Em seguida, fez-se o levantamento de todas as formas relativas às questões selecionadas para o estudo, utilizando de certos critérios para a seleção:

- Todas as formas ditas pelos informantes foram levantadas para cada pergunta analisada;
- A identificação da posição na qual a resposta foi encontrada, por exemplo: primeira, segunda ou terceira resposta;
- Distinção dos contextos nos quais os informantes forneçam informações para a caracterização dos fenômenos atmosféricos e/ou algum juízo de valor;

Tomando por base a metodologia definida e adotada por Ribeiro (2012), as respostas não obtidas foram agrupadas em:

- **NS** (Não sabe): quando o informante declara não conhecer o referente que lhe foi questionado;
- **NL** (Não lembra): quando o informante declara não lembrar ou ter esquecido o referente, apesar de saber o que foi questionado;
- **NO** (Não obtida): são consideradas não obtidas as respostas que não cheguem ao referente solicitado, ou em casos em que o inquiridor, ao formular a pergunta fala a resposta, ou em casos de problemas técnicos. As respostas não obtidas só apareceram nos gráficos e nas cartas linguísticas quando uma localidade inteira não apresentar nenhuma resposta.

No que refere à disposição dos dados, ainda de acordo com Ribeiro (2012), mas com ajustes, cada questão é apresentada e analisada separadamente. Devido a grande quantidade de respostas[16] para determinadas questões fez-se necessário o agrupamento das formas lexicais que variaram em realização fonética, flexão de número ou gênero, simplificação da derivação por grau: aumentativo, diminutivo, etc.

[16] Neste caso, a grande quantidade se refere à questão sobre Chuvas, que estarão na versão final da dissertação.

Como este trabalho visa ao estudo da variação lexical, optou-se por não diferenciar variantes fônicas, desta forma, estas foram reunidas em um único grupo. As outras formas, as quais não foram encontradas variações fônicas, os agrupamentos receberam um nome por cada lexia. Os agrupamentos lexicais foram organizados com os seguintes critérios (RIBEIRO, 2012, p. 156, com adaptações):

- Neutralização das variantes fônicas – as variações fônicas foram agrupadas a forma sem variação;
- Simplificação das flexões em gênero e/ou número para agrupamento às não flexionadas;
- Simplificação da derivação por grau (diminutivo ou aumentativo) para agrupamento às não flexionadas;
- Respostas únicas para o agrupamento outras designações;

Para tratamento estatístico dos dados, levou-se em consideração em um primeiro momento, o valor absoluto e depois o valor relativo. Os gráficos apresentam o percentual de ocorrência das formas levando em consideração a sua distribuição no espaço e os fatores sociais (idade, sexo, escolaridade).

4.4 PESQUISA LEXICOGRÁFICA

Antes da classificação e do tratamento estatístico dos dados, realizou-se pesquisa das formas identificadas nos inquéritos em três dicionários de língua portuguesa e em um glossário de termos técnicos do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). A princípio, outros dicionários seriam utilizados como, por exemplo, Houaiss (2002), Ferreira (1986). Levando em consideração, a dificuldade de acesso às obras físicas optou-se por utilizar obras que estavam disponíveis *on-line*, sendo assim, as obras utilizadas nesse trabalho foram: BLUTEAU (1728), AULETE (2006) e DICIO (2009)

O primeiro dicionário utilizado foi o BLUTEAU (1728), mais conhecido como o Vocabulário de Bluteau, é considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa, sendo publicado entre 1712 e 1721 pelo padre Rafael Bluteau. O dicionário foi digitalizado por alunos e docentes do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), estando disponível para consulta pública e gratuita na *internet* desde abril de 2008. O segundo dicionário utilizado foi o AULETE (2006), também disponível *on-line* e com diferencial de apresentar duas versões dos verbetes:

a edição clássica (chamada de verbete original) oriunda de CALDAS AULETE, Francisco J./VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete e a edição brasileira original: Hamílcar de Garcia, sem indicação de qual ou quais edições foram compiladas e a edição atualizada (chamada de verbete atualizado e/ou verbete novo, em caso de inexistência do vocábulo na versão original) que recebe os créditos da Lexikon – obras de referência – e é organizado por vários autores.

O terceiro dicionário utilizado foi o DICIO (2009), assim como os outros também disponível *on-line*, criado em 2009 pela empresa 7GRAUS, este dicionário conta com mais de 400 mil palavras, apresentando: definição, classificação gramatical, etimologia, divisão silábica, plural, sinônimos, antônimos, transitividade verbal, conjugação de verbos e rimas. Reconhecendo o caráter dinâmico da língua portuguesa e a constante evolução de suas palavras, o dicionário também contextualiza suas definições com exemplos reais de uso da língua, aproximando-se do que as obras de lexicografia clássica chamam de abonações, além de destacar expressões idiomáticas e de uso corrente, bem como regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos e neologismos. Depois da consulta aos dicionários, os dados foram tratados estatisticamente.

O glossário de termos técnicos do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) está disponível em https://portal.inmet.gov.br/glossario/gloss%C3%A1rio e não há referência aos autores da obra e nem periodicidade de atualização após criação do glossário. Dessa forma, não são tecidas aqui outras considerações sobre a obra.

Houve necessidade de consulta a um quarto dicionário, Mini Aurélio Século XXI (FERREIRA, 2000) para atender à descrição dos dados referentes à questão 16 – estiar o tempo.

4.5 CARTOGRAFIA TEMÁTICA

Os dados foram cartografados adotando-se o modelo de cartografia adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Sendo assim, as principais cartas apresentam a distribuição espacial dos dados obtidos no estudo (Cartografia da distribuição diatópica das variantes e a Cartografia das realizações por percentual de ocorrências por localidade, apresentados em pizzas). As cartas linguísticas apresentadas foram feitas pela autora com a carta-base fornecida pela Comissão de

Cartografia e Informatização do ALiB, sendo cartas experimentais. Assim, com a observação das cartas linguísticas fica mais fácil a visualização das variantes mais recorrentes na área estudada, pois, segundo Margotti (2002) “através de um mapa linguístico é possível visualizar, simultaneamente, as variantes linguísticas do fenômeno enfocado relativamente ao espaço geográfico estudado, o que vale dizer de todas as variedades dialetais de uma determinada área”

5 ANÁLISE DE DADOS

Será apresentada nesta seção a análise dos dados referentes a área temática fenômenos atmosféricos, em que são descritos aspectos meteorológicos lexicográficos, semânticos, culturais, bem como dimensões geográficas e sociais da língua. Os dados estão expostos em cartas experimentais, tabelas, gráficos, pesquisas lexicográficas e lendas ligadas ao campo temático fenômenos meteorológicos.

Cada subsecção é formada a partir dos resultados de uma das seis questões do QSL.

As questões que tratam de *redemoinho* (QSL – 7) e *raio* (QSL – 9) estão com resultados organizados da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica, fenômeno atmosférico na perspectiva lexicográfica, fenômeno atmosférico na perspectiva do imaginário popular e fenômeno atmosférico na perspectiva geossociolinguística.

A questão que aborda *o final da chuva e a abertura do tempo* (QSL – 16), vem organizada de modo diferente, como a seguir se expõe: descrição da perspectiva meteorológica, seguida da perspectiva geossociolinguística, da perspectiva fraseológica e da lexicográfica. Conclui-se com a perspectiva do imaginário popular.

No que se refere às questões *relâmpago* (QSL – 9), *trovão* (QSL – 10) e *arco-íris* (QSL – 17) os dados são apresentados de forma mais resumida, pois, como se verá, os resultados apontam para a ausência de variação linguística, tanto na perspectiva lexical quanto na diatópica. A apresentação é a seguinte: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica, fenômeno atmosférico nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística reunidas e, por fim, fenômeno atmosférico na perspectiva do imaginário popular.

A discussão de resultados não segue o ordenamento do QSL (fenômenos atmosféricos), opta-se pela seguinte ordem: *redemoinho* (QSL – 7); *raio* (QSL – 9); *relâmpago* (QSL – 8), *trovão* (QSL – 10); *estiar o tempo* (QSL – 16); e *arco-íris* (QSL – 17)

5.1 MOVIMENTO CIRCULAR DO VENTO – *REDEMOINHO*

Dando início à descrição e à análise dos dados, retomamos a questão 7 do QSL, que vem assim formulada:

> Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21).

(01)
INF. – **Ridimunho**
INQ. – Como é?
INF. – **Ridimunho**
(034/01- Teresina/Pi, INF: homem, faixa I, fundamental)

Como dito anteriormente, a seção se estrutura da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica, fenômeno atmosférico na perspectiva lexicográfica, fenômeno atmosférico na perspectiva do imaginário popular e fenômeno atmosférico na perspectiva geossociolinguística.

5.1.1 *Redemoinho* na perspectiva meteorológica

Do ponto de vista da meteorologia, o *redemoinho* é um fenômeno atmosférico composto de ventos organizados em espiral formados pela convecção[17] em dias quentes, isso quer dizer que esses ventos são caracterizados pelo movimento de uma massa de ar em torno de um epicentro com velocidade pequena. De acordo com Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), os ciclones são “movimentos internos organizados dentro de uma camada de ar, produzindo o transporte vertical de calor. A convecção é essencial para a formação de muitas nuvens, especialmente do tipo *cumulus*”[18]. Sendo assim, o fenômeno depende do encontro entre duas massas de ar com sentido de giro oposto e caracterizadas normalmente pela diferença de temperatura.

---

[17] De acordo com o dicionário de Caldas Aulete, convenção é “ 3. Met. Corrente vertical de massas de ar atmosférico, gerada pelo aquecimento do solo, essencial para a formação de muitas nuvens.” (AULETE, 2006). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/convec%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 05 nov. 2022.

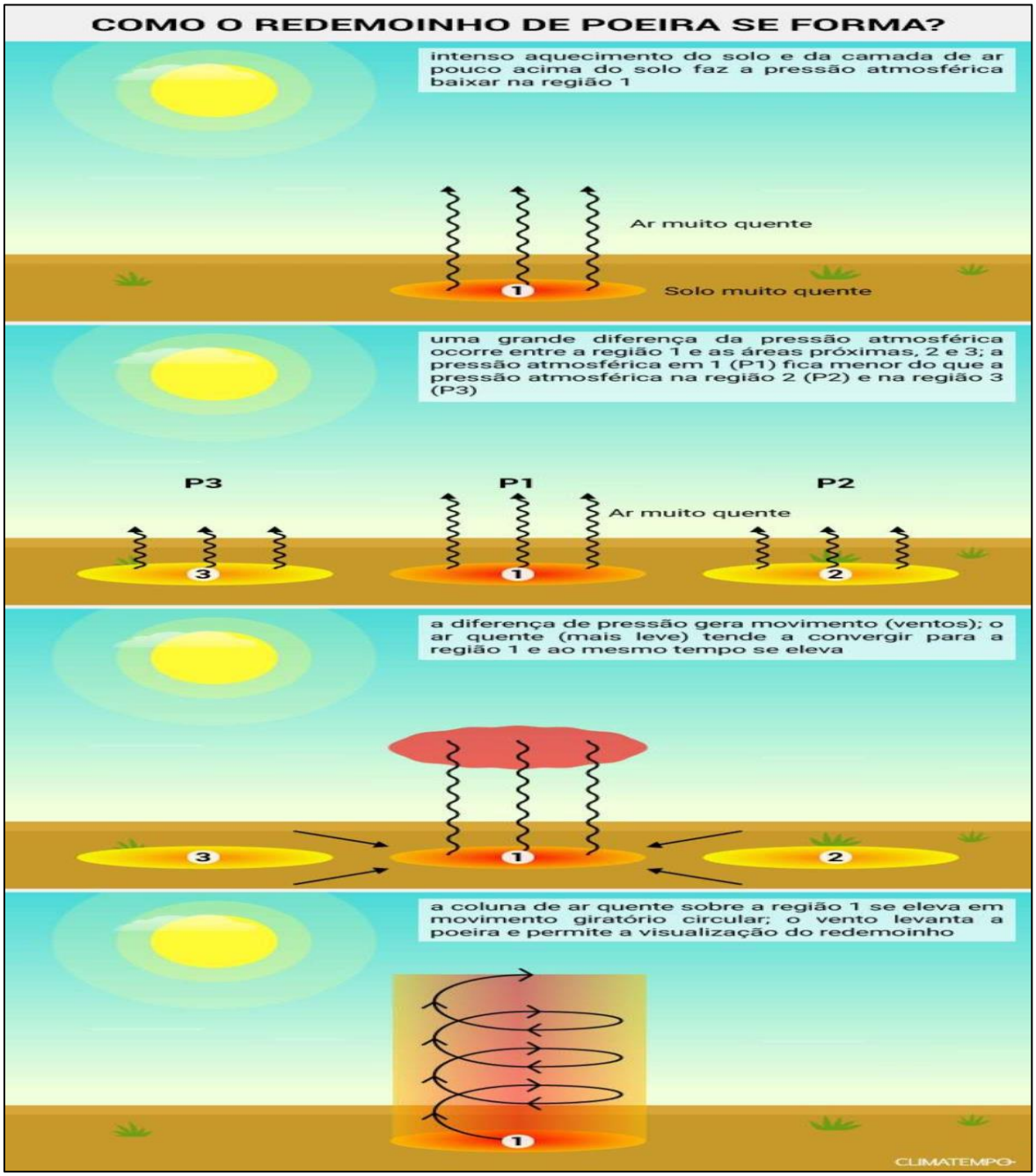
[18] No glossário do INMET a forma redemoinho não está registrada.

Figura 16 - Redemoinho no Ceará

Fonte: Disponível em: < https://Nordestenoticia.com.br/2019/10/19/redemoinho-dust-devil-impressiona-moradores-de-santana-do-acarau-no-ceara/> Acesso em: 18 jul. 2022.

Tecnicamente, esse fenômeno pode ocorrer em qualquer estação do ano no Brasil, sendo mais comum no fim do inverno e na primavera nas localidades mais quentes e secas do interior do País, mas pode ocorrer em qualquer Região. De acordo com o INMET, no Nordeste, é mais comum de ocorrer no oeste da Bahia, por causa das condições de relevo e temperatura que facilitam o desenvolvimento do fenômeno atmosférico. Os redemoinhos de poeira ou *dust devil* (popularmente conhecido como *diabo em pó* ou *poeira*), são as colunas de poeira que se levantam do chão girando. De dimensões (altura e largura) e densidade variáveis, podem se mover de um local para outro. A velocidade do fenômeno implica diretamente sobre o seu diâmetro, isso quer dizer que, quanto maior for a velocidade, maior será o diâmetro do redemoinho. Além disso, podem surgir durante o fogo de uma queimada, pois a temperatura elevada é o fator principal para a formação do fenômeno.

Figura 17 – Formação do redemoinho de poeira



Fonte: Disponível em: < https://www.terra.com.br/noticias/climatempo/o-que-e-um-redemoinho-de-poeira,0ad7976624630a79f7c83cc41b9382b62wrx9u4a.html > Acesso em :18 jul. 2022

5.1.2 *Redemoinho* na perspectiva lexicográfica

As formas lexicais documentadas na pesquisa foram: *ciclone*, *corrupio*, *furacão*, *redemoinho*, *ventania* e *vendaval*, aqui expostas em ordem alfabética. O detalhamento

dos dados vem na seção 5.1.5, foram aqui listadas apenas para introduzir a descrição do que foi consultado na pesquisa lexicográfica.

Apresenta-se no Quadro 4 o resultado da pesquisa lexicográfica empreendida, a qual foi realizada apenas para as formas lexicais documentados na pesquisa como resultados para a questão 7 do QSL.

QUADRO 4: Pesquisa lexicográfica – denominações para movimento circular do vento

Formas Lexicais	Dicionários consultados			Glossários consultados	
	BLUTEAU (1728)	**AULETE (2006)**	**DICIO (2009)**	**CPTEC (2010)**	**INMET (2022)**
Redemoinho	**DMS**	**DMS**	**DMS**	**DMS**	ND
Furacão	ND	DOS	DOS	**DMS**	DOS
Ventania	DOS	DOS	DOS	DOS	ND
Vendaval	DOS	DOS	DOS	ND	ND
Ciclone	ND	DOS	**DMS**	**DMS**	**DMS**
Corrupio	ND	**DMS**	**DMS**	ND	ND
Tempestade	DOS	DOS	DOS	DOS	DOS
Brisa	DOS	DOS	DOS	DOS	ND

Legenda:
DMS – Dicionarizado com o mesmo sentido
ND- Não dicionarizado
DOS- Dicionarizado com outro sentido

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O item lexical *redemoinho* foi encontrado nos três dicionários de língua portuguesa tendo o mesmo sentido registrado em todos eles. Entretanto, o item não foi encontrado em um dos glossários especializados estudados, tendo ocorrido em INMET (2022) apenas como *ciclone*.

No que se refere aos itens lexicais *ventania*, *vendaval*, *tempestade* e *brisa* ou não se encontram dicionarizados ou se encontram dicionarizados com outro sentido que não atende ao sema da questão. A forma lexical *furacão* encontra-se dicionarizada com o sentido procurado apenas em uma das cincos obras lexicográficas utilizadas (CPTEC, 2010).

A partir da fala dos informantes, pode-se observar como as outras denominações ocorrem no processo da entrevista. No exemplo (02), o depoimento do informante idoso de Maceió (AL/077):

(02)
INF. – [A]Quilo é um ***corrupio,*** um vento muntchu forte, (inint) ***corrupio***.
INQ. – Tem por aqui em Maceió?
INF. – Não, aqui é difícil.
INQ. – É, né?
INF. – É.
INQ. – O senhor já viu algum alguma vez?
INF. – Não, não.
(Inq. 077/3 – Maceió /AL/ Inf.: homem, faixa II, ensino fundamental)

O informante, no trecho da entrevista, utiliza-se de uma forma lexical pouco comum em informantes da faixa etária jovem, inclusive, essa foi a única ocorrência do item lexical *corrupio* em todas as localidades estudadas. No verbete original do dicionário AULETE (2006), a forma lexical é um sinônimo para *redemoinho.* No exemplo (03), percebe-se como as outras denominações para *redemoinho* foram encontras na mesma Região, as quais foram consideradas como resposta validada, mesmo tendo se observado a pouca segurança do informante[19].

(03)
INF.- **Furacão**
INQ.- Ou... quando é mais suave.
INF.- Ventania... brisa ...
INQ.- Não, ele vem rodando, levantando folha, poeira, rodando...
INF.- **Ciclone**, **furacão**?
(Inq. 041/5 - Fortaleza/CE/ inf.: homem, faixa I, ensino universitário)

Acredita-se que pode haver um desconhecimento do fenômeno meteorológico por partes do informante (ele por exemplo usa interrogação ao dar a sua resposta), mas não há amparo científico para sustentar tal hipótese. Não temos estatísticas sobre a ocorrência *versus* não ocorrência de redemoinhos na localidade. É importante que novas pesquisas sejam empreendidas para se abordar o desconhecimento do falante sobre o fenômeno.

5.1.3 *Redemoinho* na perspectiva do imaginário popular

Para além do exposto anteriormente, é possível observar que, do ponto de vista do repertório léxico cultural dos falantes, há menção na literatura de mitos e lendas associadas ao redemoinho. A esse fenômeno meteorológico, muito comum em

[19] As respostas *ventania* e *brisa* não foram consideradas válidas.

regiões quentes e de pouco vento, é possível relacionar várias lendas e folclores, entre elas pode-se citar o transporte dos gênios (na cultura árabe) e os Sacis (folclore brasileiro). Ao observar os redemoinhos nos desertos árabes, o ser humano se sentiu instigado a buscar uma explicação para esse fenômeno. Na literatura e no imaginário popular brasileiro, o redemoinho é associado à figura do Saci-Pererê ou do próprio diabo. Nesta subseção, examina-se o fenômeno do ponto de vista semântico e de sua relação com a cultura.

Em árabe, a palavra gênio pode ser grafada de duas maneiras, *"jinn" ou "jinni",* a qual quer dizer criatura sobrenatural do intermédio entre o meio humano e o angelical. Associado ao bem ou ao mal, o *jinn* rege o destino de alguém ou de algum lugar. No latim, a palavra "gênio" vem de *genius* e quer dizer divindade particular, anjo que perdeu as asas, porção espiritual ou divina de cada um. O termo em grego para o mesmo conceito é *daimon*. No folclore árabe, os gênios podem ser homens ou mulheres, de diversos tamanhos e serem bons ou maus, mas, na maioria das histórias e representações, eles assumem o papel de seres malignos que cometem algum pecado contra a fé religiosa, sendo assim aprisionados em lâmpadas, garrafas, etc.

De acordo com Carroll (2013, p.40), a primeira aparição dos gênios na cultura ocidental data de 1704, quando Antoine Galland traduziu a obra das "Mil e uma noites", título original em árabe كتاب ألف ليلة وليلة إبله, para o francês (cf. Figura 18, com imagem do manuscrito). Nas edições árabes da obra, não existe a lenda de "*Aladim e a Lâmpada Mágica"*. O conto aparece pela primeira vez em uma versão francesa do autor, o qual afirma que a história foi contada por um árabe cristão chamado *Hanna Diap*. A figura sobrenatural é destaque pela primeira vez no conto "O pescador e o gênio".

Figura 18 – Manuscrito árabe utilizado por GALLAND (1704) para a tradução

Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Mil_e_Uma_Noites#/media/Ficheiro:Arabian_nights_manuscript.jpg.> Acesso em: 18 jul. 2022

No conto, pode-se observar a primeira associação do gênio ao fenômeno atmosférico:

> Com sua faca forçou o chumbo, virou a garrafa para baixo e agitou-a para ver o que ia sair. Mas não saiu nada. O pescador colocou-a na areia **e** então começou a sair de dentro dela uma fumaça, que foi se avolumando até chegar às nuvens e foi tomando a forma de um gigante**,** que o pescador percebeu logo que era um gênio. (ROCHA. 2004. p.?.)

No trecho retirado do conto (O pescador e o gênio), percebe-se que a aparição do gênio sempre era associada à fumaça que chega até as nuvens ou ao redemoinho de poeira. Em uma das primeiras ilustrações do gênio datada de 1907 (Figura 19) e de autoria do artista Edmund Dulac (ilustrador de revistas, ilustrador de livros e designer de selos orientalista franco-britânico), percebe-se a coluna de fumaça e poeira do chão até o céu, característica dominante nos redemoinhos de poeira.

Figura 19 - Representação do gênio por DULAC (1907)

Fonte: Disponível em:<https://meteoropole.com.br/2017/02/arte-e-meteorologia-os-genios-da-lampada-e-os-dust-devils/>. Acesso em : 18 jul. 2022

Ao voltar-se para o imaginário popular ocidental, mas especificamente, ao Brasil, encontra-se a figura do Saci-Pererê associado ao fenômeno atmosférico. Trata-se de uma lenda de origem portuguesa do século XVIII que em todo redemoinho existe um Saci. Sendo assim,

> [...] é preciso considerar fatores sócio-históricos que podem influenciar a disseminação e a consequente fixação de itens lexicais em certas regiões, em detrimento de outras, haja vista que a presença e a manutenção de determinadas variantes lexicais em alguns espaços geográficos encontram explicação no sistema de povoamento e de colonização ali operados. (ISQUERDO, 2009, p. 44)

Como explicita Cascudo (2012, p.41), o Saci é um personagem do folclore brasileiro, descrito muitas vezes como homem ou menino, de pele negra, que se movimenta sobre uma perna e tem como acessórios o gorro vermelho e cachimbo. Segundo o imaginário popular, sempre que um redemoinho surge, o Saci pode aparecer e fazer das suas traquinagens, como por exemplo, sumir com algum objeto ou mudá-lo de lugar, entre outras travessuras. Na verdade, o fenômeno atmosférico tem a capacidade de “sugar” pequenos objetos com a movimentação das correntes de ar.

Assim como os gênios, os sacis também podem ser aprisionados em garrafas, por isso há a crença de que se alguém entrar num redemoinho, portando uma garrafa e uma peneira conseguiria prender o Saci; O que, na verdade, ocorre é que quando se entra no meio do redemoinho, se quebra a corrente de ar de convecção que alimenta o sistema, fazendo com que o mesmo desapareça.

A figura do Saci (cf. Figura 20), muitas vezes, é associada à figura do diabo, pois assim como os gênios ele comete pecado contra a fé religiosa, destacando assim, “os reflexos da cultura não linguística na maneira de um grupo atribuir nome a um conceito, vez que a forma de designar determinados referentes evidencia valores, crenças, tabus veiculados pelo imaginário popular.” (ISQUERDO, 2009, p. 44).

Figura 20 – Representação do Saci-Pererê

Fonte: Disponível em:<http://imisturebas.blogspot.com/2015/11/a-lenda-do-saci.html > Acesso em: 18 jul. 2022

5.1.4 *Redemoinho* na perspectiva do geossociolinguística

Em relação à análise dos dados obtidos através dos inquéritos linguísticos, após fichamento e aplicação dos critérios de seleção descritos na metodologia, obtiveram-se 87 dados computados (validados e não validados aqui reunidos) para a pergunta 7 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.21).

Os informantes das capitais nordestinas, ao serem questionados sobre o que se observa quando *o vento vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?,* em sua maioria responderam a forma lexical *redemoinho*. Em suma, documentou-se que a principal resposta obtida para a questão QSL – 7 foi *redemoinho*. Essa forma lexical designa os ventos em espirais formados pela convecção do ar, em dias quentes sem ventos e de muito sol, como dito anteriormente.

Do total absoluto de 87 dados computados, encontramos um percentual de 14,9% de respostas não obtidas, como se pode observar por meio do exposto na Tabela 1. O desconhecimento de fenômenos meteorológicos pode ser a causa da ocorrência de não obtidas.

Tabela 1 – Total de dados contabilizados para QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento

Dados computados	Valor absoluto	Valor relativo
Respostas validadas	74	85,1%
Respostas não validadas	13	14,9%
Total	87	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Além dos dados não validados, de que se tratou anteriormente, as outras respostas constituem um conjunto de 21 formas lexicais diferentes (sem agrupamento), a maioria delas variantes fônicas de *redemoinho*, que, uma vez reunidas em grupos lexicais, geraram sete agrupamentos diferentes (cf. Quadro 5). Como exposto na metodologia, reúnem-se num agrupamento as formas lexicais que variaram em realização fonética. Convém destacar que no agrupamento *redemoinho*, juntaram-se duas formas lexicais que tiveram modificador “de vento”. A unidade fraseológica então é *redemoinho de vento*.

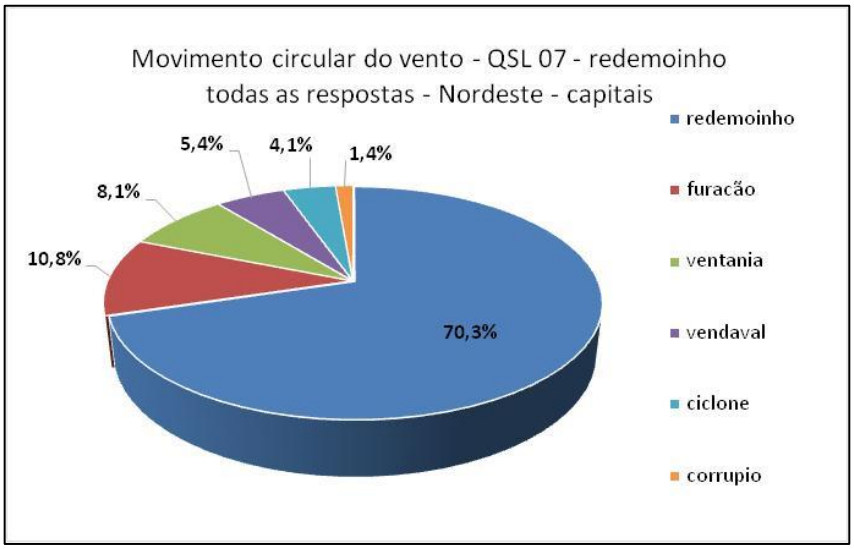
Quadro 5 – Agrupamentos lexicais para QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento das variantes para redemoinho

Agrupamentos	Formas lexicais
Redemoinho	*redemoinho, redemoinho de vento, redimuinhos, redemunho, redimoinho, redimuinho, redimunho, redemuinhos, redimuinho, remoinho, remuinho, ridimuinho, ridimunho, ridimunhu*
Furacão	*Furacão*
Ventania	*Ventania*
Vendaval	*Vendaval*
Ciclone	*Ciclone*
Corrupio	*Corrupio*
não obtidas	não sabe, não lembra, não obtida por questões técnicas ou desconsideradas por não se aplicarem ao referente buscado.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A partir dos dados coletados e das 74 respostas validadas e agrupadas como anteriormente exposto (Quadro 1), desenvolveram-se os gráficos 1 e 2, objetivando espelhar melhor os dados documentados:

Gráfico 1 – Itens lexicais documentados QSL – 7 – denominações para movimento circular do vento nas capitais do Nordeste



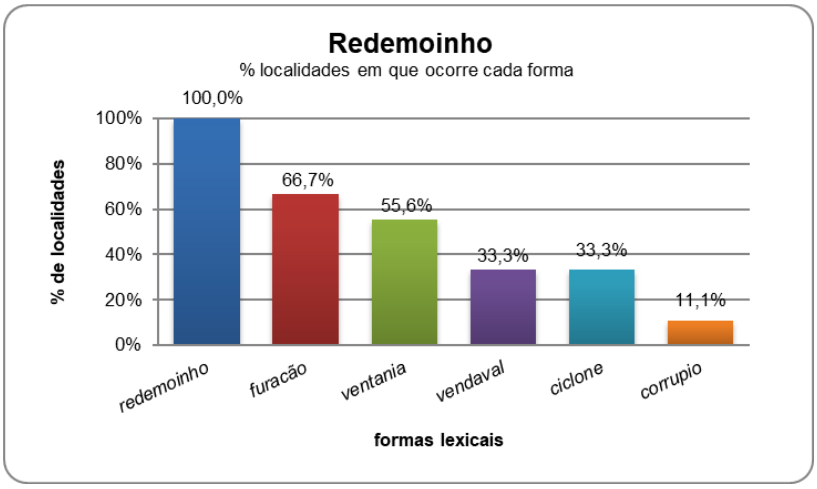
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Por meio do Gráfico 1, que traz a produtividade das lexias numa análise quantitativa global, percebe-se que das 74 respostas válidas há a predominância da

forma lexical *redemoinho* (70,3%), seguida por *furacão* (10,8%) e *ventania* (8,1%), *vendaval* (5,4%) e *ciclone* (4,1%) e *corrupio* com uma única ocorrência, representando 1,4% dos dados.

Analisando-se os dados sobre a ótica qualitativa ou seja, contabilizando-se apenas as ocorrências por localidade, quando as lexias ocorreram mais de uma vez na fala dos diversos informantes da mesma localidade, observa-se que: (i) *redemoinho* está em todas as nove capitais estudadas; (ii) *furação* em 66,7%; (iii) *ventania* em 55,6%;(iv) *vendaval* em 33,3%;(v) *ciclone* em 33.3% e (vi) *corrupio* em 11,1%.

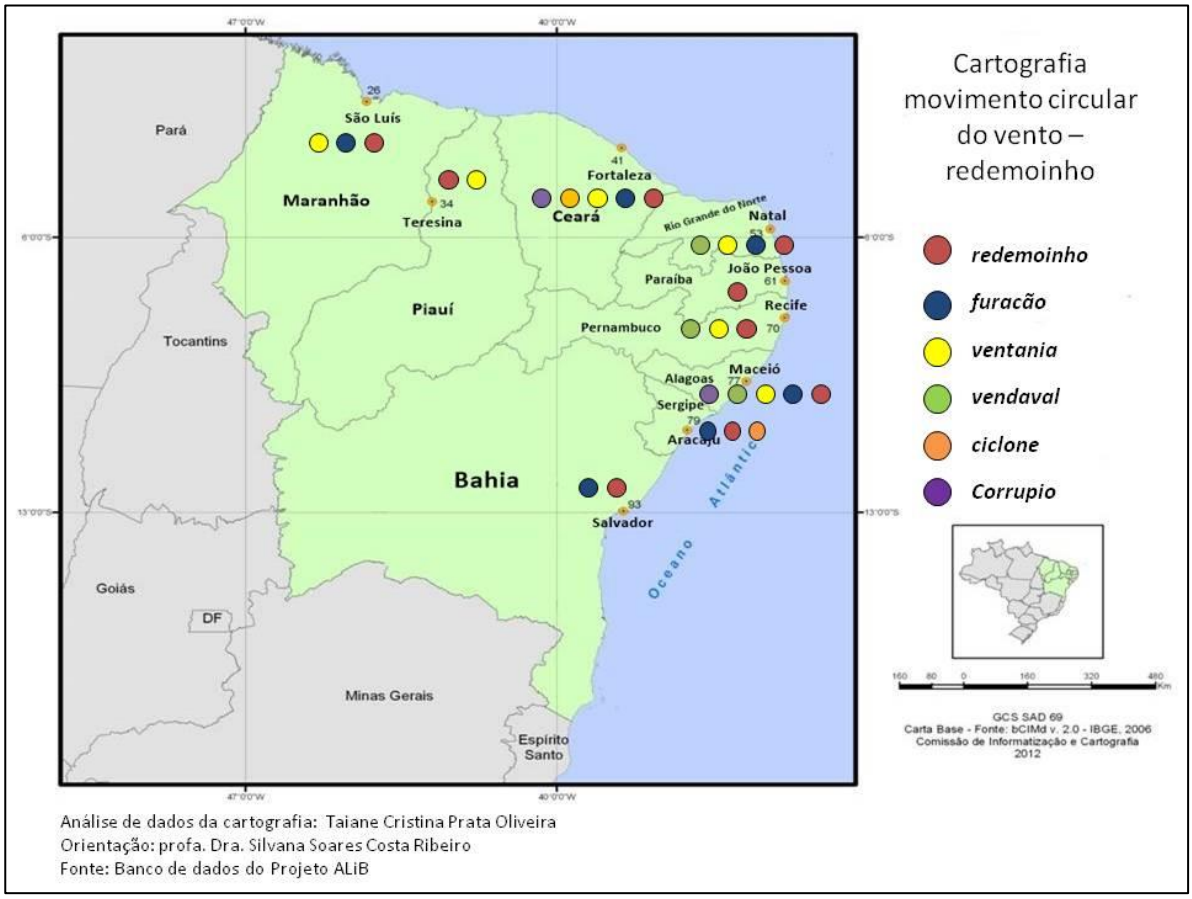
Gráfico 2 – Presença das denominações para movimento circular do vento nas capitais do Nordeste



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Elaborou-se a carta experimental – Movimento circular do vento – redemoinho (QSL – 7) para demonstrar a variação diatópica. A carta linguística não permite visualizar áreas dialetais. A forma lexical *redemoinho* foi encontrada em todas as localidades estudadas (cf. Figura 21), a lexia *furacão* foi encontrada em cinco das nove localidades estudadas, assim como *ventania*. Enquanto, *vendaval* e *ciclone* foram encontrados em três localidades apenas. A forma *corrupio* ocorreu no Ceará e Alagoas.

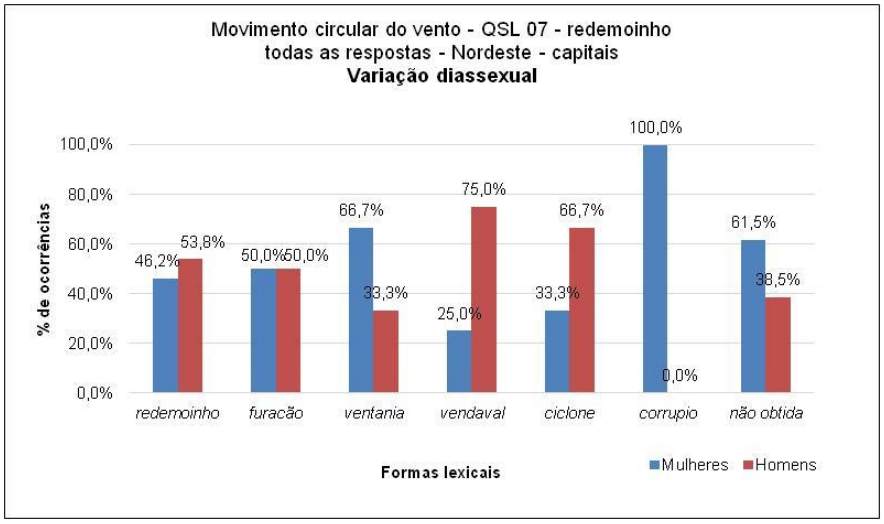
Figura 21– Cartografia movimento circular do vento – *redemoinho*



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No que se refere à variação social, destacam-se alguns dados que a seguir são apresentados.

Gráfico 3 – Presença das denominações para movimento circular do vento por sexo do informante

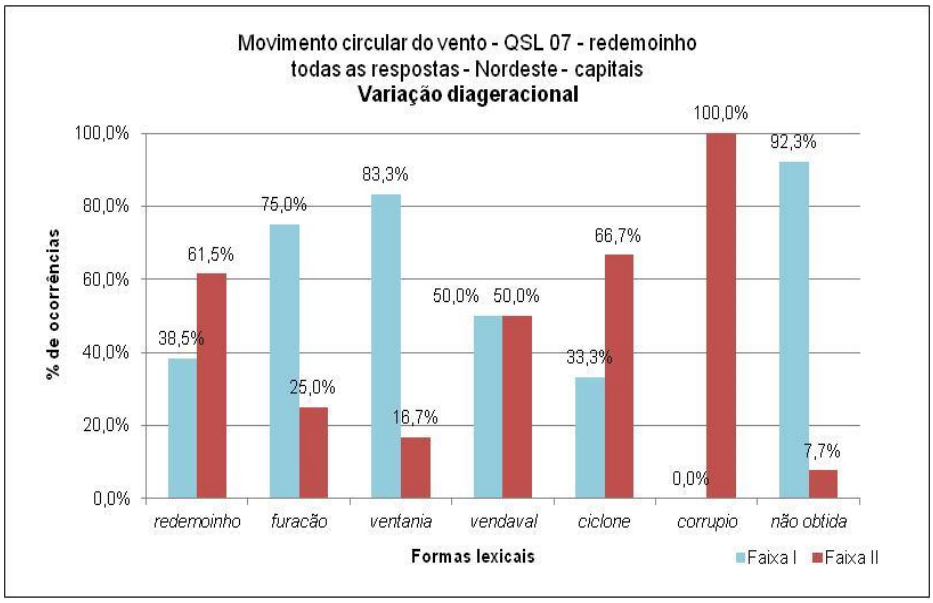


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Levando em consideração a variável sexo do informante, não se encontra muita disparidade entre homens e mulheres principalmente, nas lexias *redemoinho, furacão* e *ventania* para as quais os percentuais são praticamente os mesmos. As formas *vendaval* e *ciclone* foram mais utilizadas por falantes do sexo masculino. Enquanto que, as respostas não obtidas foram predominantemente registradas nas falas das mulheres (61,5%).

Outro fator que se leva em consideração nesse estudo é a faixa etária dos informantes, pode-se observar no Gráfico 4 o percentual de presença das formas lexicais por faixa etária (F1 – 18 a 30 anos e F2 – 50 a 65 anos).

Gráfico 4 – Presença das denominações para movimento circular do vento por faixa etária do informante

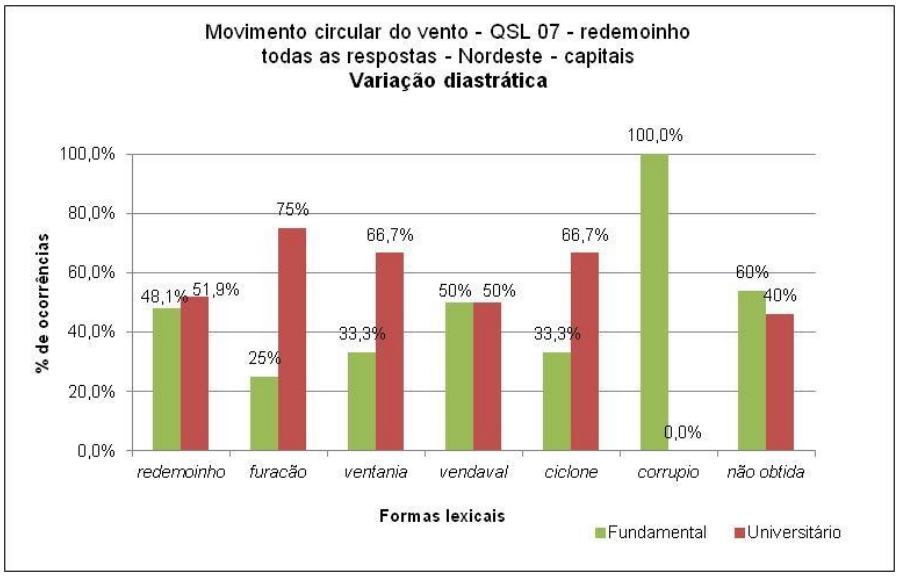


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nesta amostra, restrita apenas às capitais do Nordeste brasileiro, percebe-se que na faixa etária dos mais jovens predomina no uso das formas *furacão* e *ventania*. Já na faixa dos falantes mais velhos é predominante o uso das lexias *redemoinho e ciclone.* A lexia *vendaval* coocorre em ambas as faixas equitativamente, enquanto encontramos um alto índice de respostas não obtidas nos falantes mais jovens (92,3%).

E por último, nesta seção, será discutido o percentual de presença das formas lexicais levando em consideração a escolaridade do informante (nível fundamental incompleto e universitário completo).

Gráfico 5 – Presença das denominações para movimento circular do vento por escolaridade do informante



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O Gráfico 5 demonstra que nos falantes que possuem como nível de escolaridade o grau universitário completo, encontra-se o maior número de lexias como resposta para a questão 7. Já os falantes com o nível fundamental possuem o maior índice de respostas não obtidas.

5.2 RISCO DE LUZ NO CÉU EM DIA DE CHUVA – *RAIOS* E *CORISCOS*

Continuando a descrição e a análise dos dados, retomamos a questão 9 do QSL, que vem assim formulada:

> Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21).
>
> (04)
>
> INF. – **Corisco**
> INQ. – Aqui oh, (init) aqui.
> INF. – **Raio**
> (034/01- Teresina/Pi, INF.: homem, faixa I, ensino fundamental)

Como dito anteriormente, a seção se estrutura da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica, fenômeno atmosférico na perspectiva lexicográfica, fenômeno atmosférico na perspectiva do imaginário popular e fenômeno atmosférico na perspectiva geossociolinguística.

5.2.1 *Raios* e *coriscos* na perspectiva meteorológica

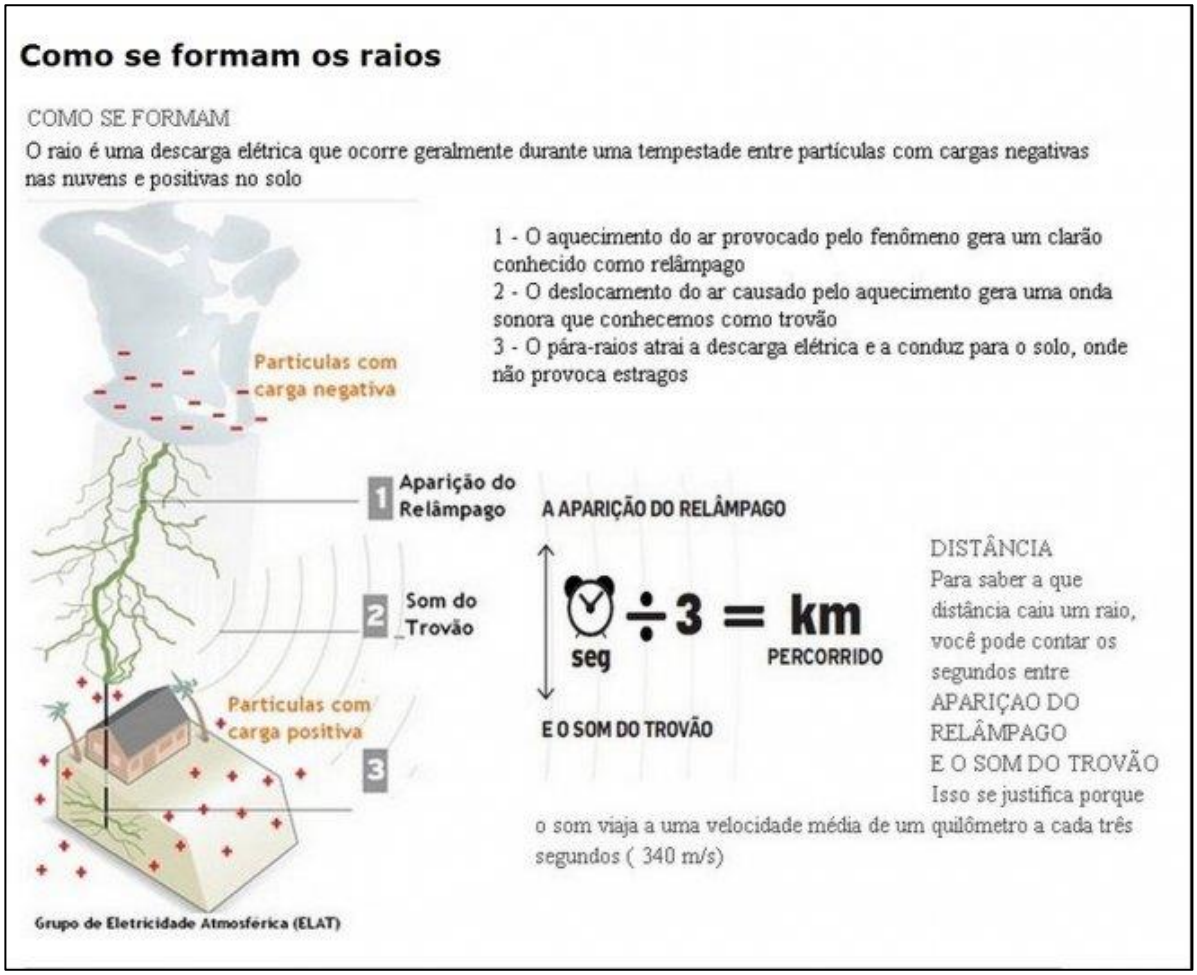
Figura 22 – Raios

Fonte: Disponível em:< https://portalcorreio.com.br/cresce-incidencia-raios-paraiba/ > Acesso em: 18 jul. 2022

Na meteorologia, o raio é a descarga súbita e visível de eletricidade, produzida em resposta à intensificação da diferença de potencial existente entre nuvem e solo.[20] O raio, também conhecido como descarga elétrica atmosférica (DEA), é uma descarga elétrica de alta intensidade que ocorre na atmosfera entre regiões eletricamente carregadas (pode-se dar intra-nuvem, inter-nuvem (mais frequentes) e/ou nuvem-solo), vindo sempre acompanhado do relâmpago (emissão de radiação eletromagnética) e do trovão (som estrondoso).

[20] Disponível em: https://www.cptec.inpe.br/glossario.shtml#r Acesso em: 21/10/2022.

Figura 23 — Formação dos raios



Fonte: Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/xanxere_e_uma_das_cidades_com_maior_incidencia_de_raios_do_pais>. Acesso em: 18 jul. 2022

5.2.2 *Raios* e *coriscos* na perspectiva lexicográfica

Do ponto de vista lexicográfico, a forma *raio* se encontra dicionarizada em todos os dicionários de língua portuguesa e nos glossários técnicos utilizados, apenas dicionarizado com outro sentido no Bluteau (1728). A forma *corisco* não se encontra dicionarizada nos glossários técnicos consultados, mas se encontra nos dicionários de língua portuguesa, apresentando outro sentido apenas na obra de Bluteau (1728). O exposto pode ser consultado em forma resumida no Quadro 6, que segue.

Quadro 6 – Pesquisa lexicográfica para risco de luz no céu em dia de chuva

Formas Lexicais	Dicionários consultados			Glossários consultados	
	BLUTEAU (1728)	**AULETE (2006)**	**DICIO (2009)**	**INMET (2022)**	**CPTEC (2010)**
Raio	DOS	**DMS**	**DMS**	**DMS**	**DMS**
Corisco	DOS	**DMS**	**DMS**	ND	ND

Legenda:
DMS – Dicionarizado com o mesmo sentido
ND- Não dicionarizado
DOS- Dicionarizado com outro sentido.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A forma *corisco* vem assim dicionarizada:

> **1.** Faísca elétrica na atmosfera; RAIO; RELÂMPAGO
> **2.** P.ext. Qualquer faísca ou centelha; brilho momentâneo
> [...]
> [F.: Do lat. *coriscum*.
> (AULETE, 2006, sem p., grifo nosso)

Enquanto, a forma *raio* vem assim dicionarizada:

> sm.
> **1.** Fís. Feixe de luz ou de outra forma de energia radiante (raios do sol; raio de luz).
> **2.** Descarga elétrica no espaço, seguida de relâmpago*: Ontem à noite, caiu uma tempestade com muitos raios.*
> **3.** Fís. Movimento retilíneo por meio dos qual se propagam as radiações (raio alfa; raio beta; raio gama); RADIAÇÃO
> [...]
> [F.: Do lat. *radius.* Ideia de 'raio', 'radiação': *radi(o)*[1] - (*radial*; *radiano*). Hom./Par.: *raio* (fl. de *raiar*).]
> (AULETE, 2006, sem p., grifo nosso)

5.2.3 *Raios* e *coriscos* na perspectiva do imaginário popular

Como língua e cultura popular são indissociáveis, nesta seção apresenta-se um pouco de como a forma lexical *corisco* é vista no imaginário nordestino, primeiro como um homem forte que fez parte do grupo de cangaceiros mais famoso do Brasil,

o grupo liderado por Lampião e segundo com uma lenda piauiense sobre uma pedra mágica.

De acordo com Dantas (2005), Cristino Gomes da Silva Cleto ou Corisco como era conhecido nasceu em Alagoas e morreu na Bahia. Ao longo da sua história, Corisco foi temido e venerado como um dos mais famosos integrantes do grupo de cangaceiros liderado por Lampião. O Diabo Louro como também era conhecido, se uniu ao grupo com apenas 17 anos de idade após matar um homem. Chegou a liderar uma parte do bando, quando esse de dividiu ao fugir da polícia. Natural de Água Branca, cidade no interior de Alagoas, Corisco inspirou várias obras cinematográficas, uma das mais conhecidas é *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964) dirigida pelo diretor Glauber Rocha[21], o qual foi fascinado pela vitalidade, energia e violência de Corisco.

Figura 24 - O corisco ou diabo loiro

Fonte: Disponível em: < https://www.destaquenoticias.com.br/corisco-a-ultima-peleja-do-diabo-louro/> Acesso em: 18 jul. 2022

Outro ponto importante da forma *corisco* ligada à cultura nordestina, é a lenda piauiense da pedra de raio ou pedra de corisco. Segundo a lenda e de acordo com Branco (1997), esta é uma pedra mágica gerada no firmamento e desaba dos céus

[21] Deus e o diabo na terra do sol. Direção: Glauber Rocha. Produção: Luiz Augusto Mendes. 1964.

juntamente com os raios em períodos chuvosos. Da força do impacto, a pedra afunda sete palmos no chão, e, a cada ano, ela emerge um palmo, até que, ao fim de sete anos, ela aflora à superfície.

Figura 25 - Pedra de raio ou Pedra de corisco

Fonte: Disponível em https:<//causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/2019/05/15/lenda-da-pedra-de-corisco/> Acesso em: 18 jul. 2022

Muitos moradores da Região nordestina acreditam que a pedra do corisco possui o poder de afastar os raios da pessoa que a carrega ou do lugar onde está. Dessa forma, muitos piauienses as depositam atrás da porta da frente de suas casas, buscando, assim, proteger o seu lar. Como explicitou Negreiros (2012), marinheiros e outros viajantes marítimos também costumavam carregar essas pedras como amuletos em suas viagens, a fim de proteger a embarcação em que se encontravam. Já os índios costumavam usar esse material em suas ferramentas e armas, como flechas, lanças e machadinhas, de modo que, assim, poderiam incorporar nos objetos que fabricavam o poder das pedras.

5.2.4 *Raios* e *coriscos* na perspectiva do geossociolinguística

Os informantes das capitais nordestinas, ao serem questionados sobre *como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais em dias de mau tempo?* trouxeram como resposta para a questão QSL – 9 os designativos *raio* e *corisco.*

Em relação à análise dos dados obtidos através dos inquéritos linguísticos, após fichamento e aplicação dos critérios de seleção descritos na metodologia, obtiveram-se 73 respostas válidas para a pergunta 9 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. Foram encontradas apenas duas variantes como resposta a questão: *raio* e *corisco.* Como este trabalho visa à variação lexical, optou-se por não diferenciar variantes fônicas, desta forma, estas foram reunidas em um único grupo. Foram encontradas variantes fônicas para *corisco* e não foram encontradas para *raio*. Para as outras formas não foram encontradas variações fônicas e os agrupamentos receberam o nome por cada lexia. Do total absoluto de 77 dados computados, encontramos um percentual de 8,2% de respostas não validadas, como podemos observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Total de dados para risco de luz no céu em dia de chuva

Dados computados	Valor absoluto	Valor relativo
Respostas validadas	72	90,4%
Respostas não validadas	5	8,2%
Total	77	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A partir dos dados coletados desenvolveram-se os gráficos 06 e 07, objetivando espelhar melhor os dados documentados:

Gráfico 6 – Itens lexicais documentados para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Por meio do Gráfico 6 que traz a produtividade das lexias, percebe-se que das 77 respostas válidas, há a predominância da forma lexical *raio* (66 ocorrências igual a 90,4%), seguida por *corisco* (6 ocorrências igual a 8,2%).

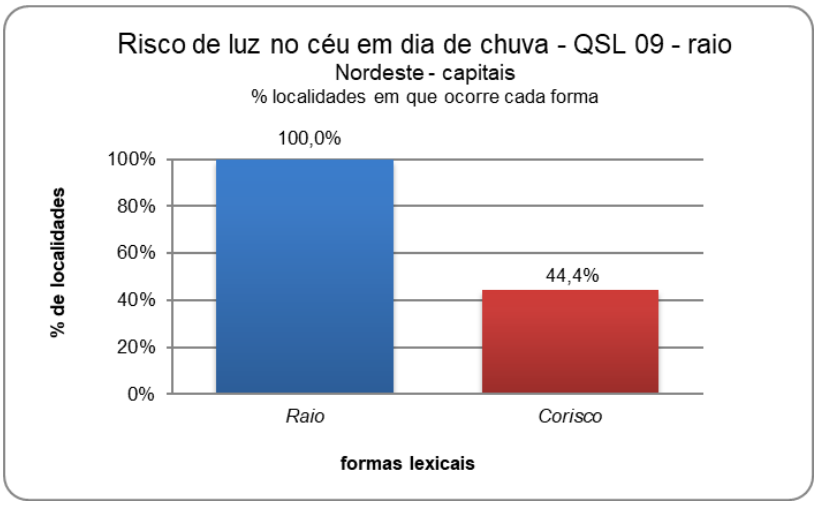
Analisando-se os dados sob a ótica qualitativa ou seja, contabilizando-se apenas uma ocorrência por localidade, quando as lexias ocorreram mais de uma vez na fala dos diversos informantes da localidade, nota-se que: *raio* está em todas as nove capitais estudadas. A partir da fala dos informantes, pode-se observar como as denominações ocorrem no processo da entrevista. No exemplo (05), apesar de começar a resposta de forma apreensiva, demonstra ao final convicção ao utilizar a lexia *raio* para denominar o risco de luz no céu em dia de chuva.

(05)
INF. – **Raio** não, né? É **raio**?
INQ. – Eh, eu tô perguntando...
INF. – Que cai. É rai'cai... Cai (risos). É, é **raio**, é **raio**, é **raio**, é. Certeza absoluta. É. Porque, relâmpago, trovão e o **raio**.
(079/4 – Aracaju/SE/Inf.: Mulher, Faixa II, Ensino fundamental)

A forma *corisco* é encontrada em maior percentual na fala de informantes mais idosos e que possuem o ensino fundamental incompleto. No exemplo (06), observa-se que a informante da Faixa etária II de Recife demonstra conhecimento que em sua comunidade a lexia *corisco* é utilizada para designar o risco de luz no céu em dia de chuva, não excluindo a forma *raio*.

(06)
INF. – Aqui, a gente chama **curisco** .
INQ. – E chama por outro nome além de curisco?
INF. – **Raio.**
INQ. – É a mesma coisa o raio e o curisco?
INF. – Eu acho que é. (risos)
(070/4 –Recife /PE/ Inf.: Mulher, Faixa II, Ensino fundamental)

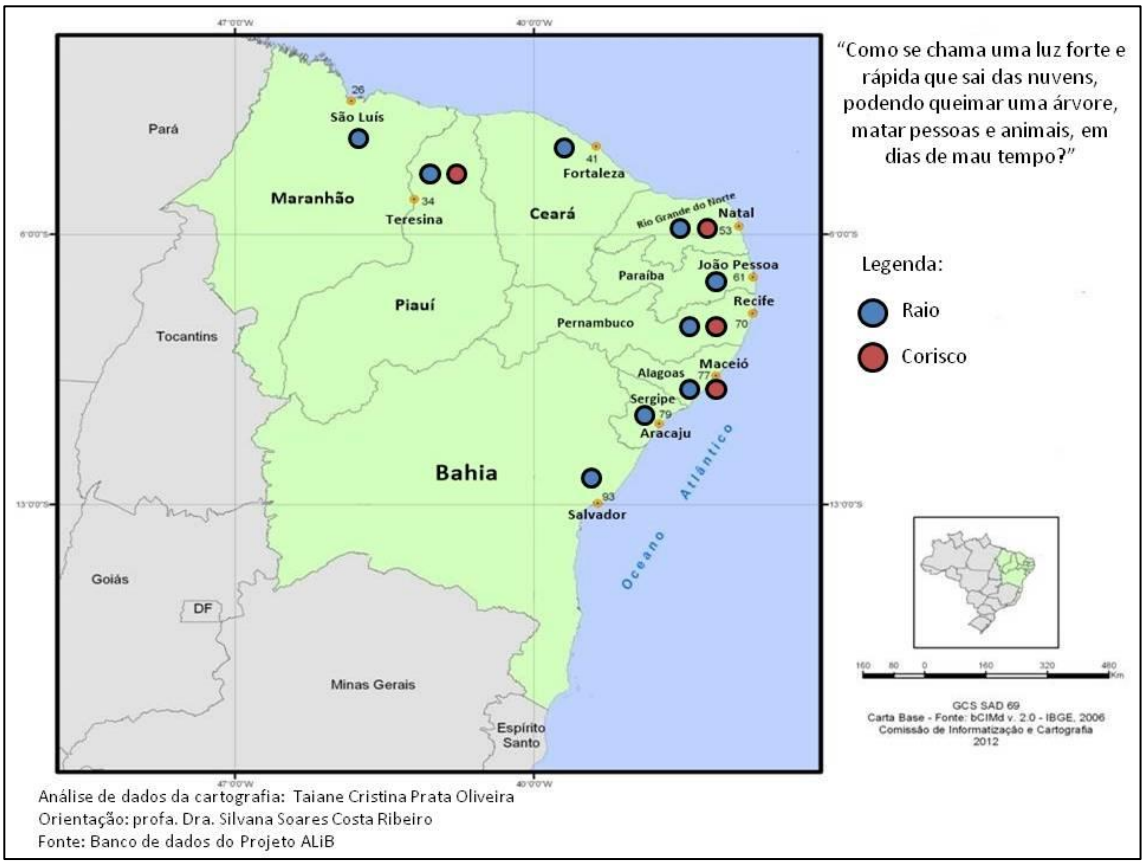
Gráfico 7 – Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A forma lexical *raio* foi encontrada em todas as localidades estudadas (cf. Gráfico 7), seguida por *corisco* que ocorre em quatro das nove localidades (44,4%). Na cartografia, pode-se observar de forma mais ampla a disposição das formas lexicais no espaço geográfico, veja-se a carta experimental que segue (Figura 26).

Figura 26 – Cartografia das ocorrências para risco de luz no céu em dia de chuva nas capitais do Nordeste



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Do ponto de vista diatópico, o item lexical *raio* espalha-se por todas as capitais do Nordeste. Entre as capitais que apresentaram a ocorrência da variante *corisco*, três delas se encontram no litoral nordestino (Natal, Recife e Maceió). Como podemos observar na carta resumo apresentada, as duas variantes se encontram presentes em quatro das nove localidades estudadas. Nas cidades de São Luís (ponto 26), Fortaleza (ponto 41), João Pessoa (ponto 61), Aracaju (ponto 79) e Salvador (ponto 93) encontrou-se apenas a variante *raio* (cf. Quadro 7)

Quadro 7: Lexias encontradas por localidade para QSL 09

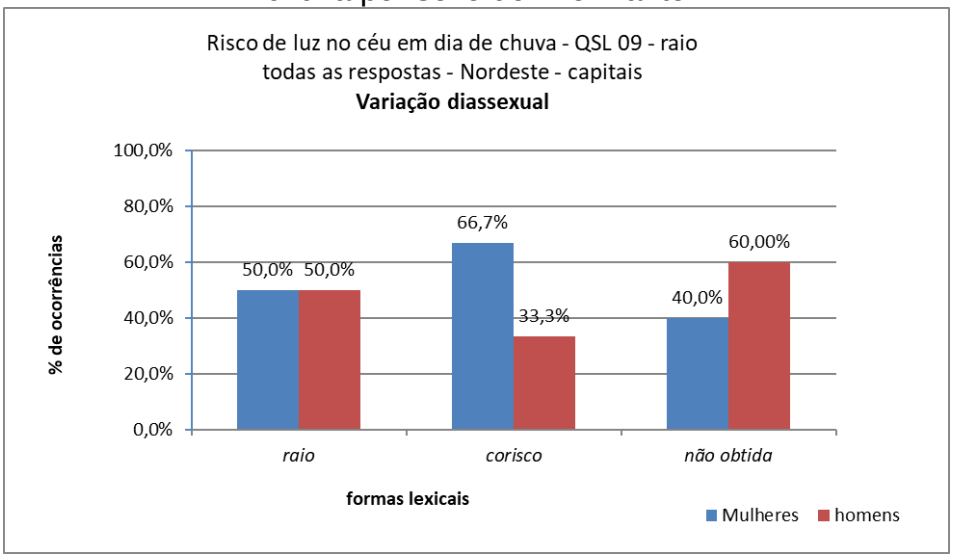
Localidade	Lexia encontrada
26. São Luís	*Raio*
34. Teresina	*raio, corisco*
41. Fortaleza	*Raio*
53. Natal	*raio, corisco*

61. João Pessoa	*Raio*
70. Recife	*raio, corisco*
77. Maceió	*raio, corisco*
79. Aracaju	*Raio*
93. Salvador	*Raio*

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Considerando que a variação e a mudança linguísticas são também influenciadas por fatores extralinguísticos, sendo assim levando em consideração a variável sexo do informante, percebe-se que, enquanto a forma *raio* possui uma equidade entre falantes do sexo masculino e feminino, a variante *corisco* é mais utilizada por falantes do sexo feminino, como pode-se observar no Gráfico 8, a seguir apresentado.

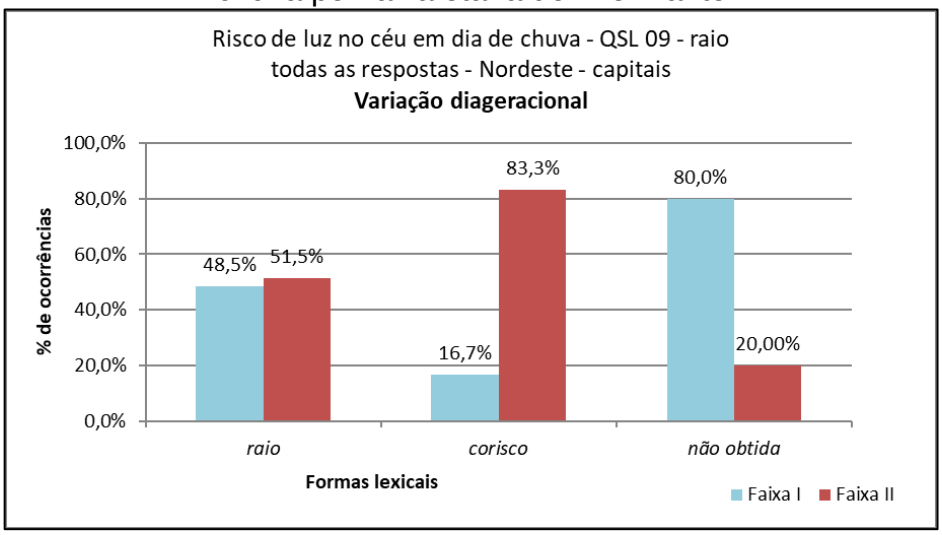
Gráfico 8 – Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por sexo do informante



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quando se leva em conta a faixa etária dos falantes percebe-se que a variante *corisco* é mais utilizada pelos informantes mais velhos e *raio* ocorreu nas duas faixas etárias de maneira quase equiparada. A concentração de respostas não obtidas se deu entre os informantes de Faixa Etária 1, como se pode observar por meio do Gráfico 9, que segue.

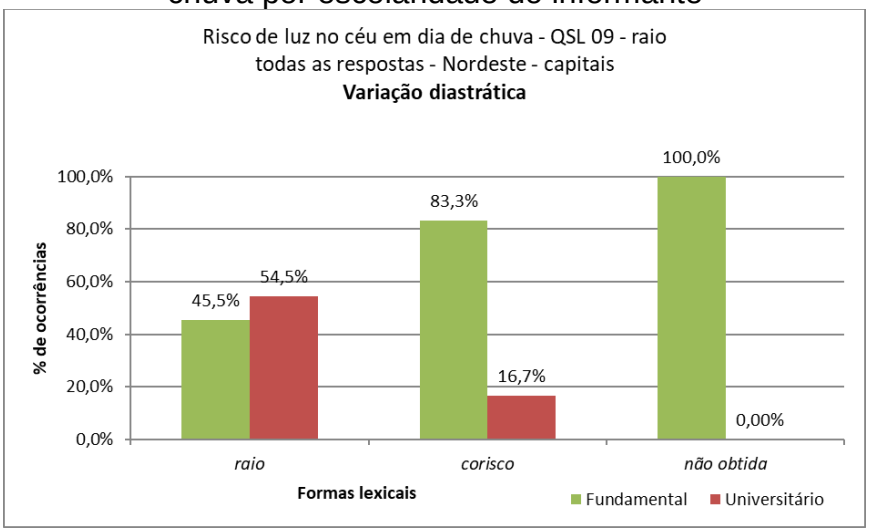
Gráfico 9 – Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por faixa etária do informante



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A variável social 'Escolaridade' foi controlada com o intuito de verificar a atuação da escola no emprego das formas lexicais na Região. Sendo assim, quanto à escolaridade dos informantes, a lexia *raio* foi encontrada em um percentual ligeiramente maior entre falantes que possuem o ensino universitário. Enquanto a lexia *corisco* teve um alto índice de ocorrência entre os falantes que possuem o ensino fundamental (cf. Gráfico 10), As respostas não obtidas foram integralmente encontradas em falantes do ensino fundamental.

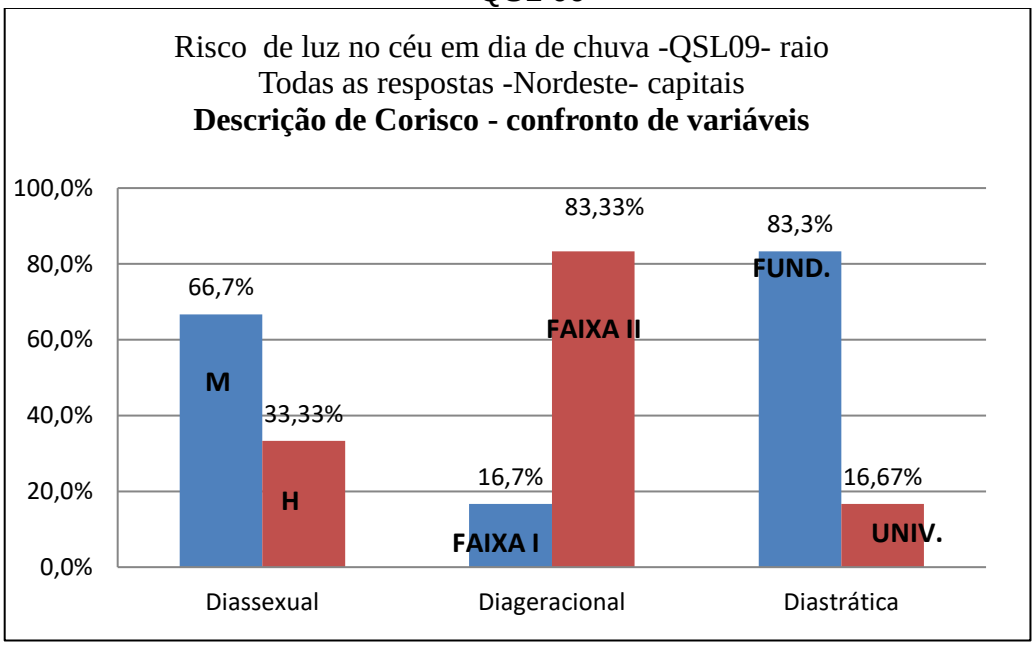
Gráfico 10 – Presença das formas lexicais para risco de luz no céu em dia de chuva por escolaridade do informante



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao colocar as variáveis em conjunto percebe-se que a variante *corisco* teve o maior índice de ocorrência entre as informantes mulheres de faixa etária II e de nível de escolaridade fundamental (cf. gráfico 11). Para a variante *raio*, as variáveis combinadas não se mostraram relevantes.

Gráfico 11 – Confronto de variáveis para risco de luz no céu em dia de chuva – QSL 09



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

5.3 CLARÃO NO CÉU EM DIA DE CHUVA – *RELÂMPAGO*

Continuando a descrição e a análise dos dados, retomamos a questão 8 do QSL, que vem assim formulada:

> Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21).
> (07)
> INF. – É **relâmpago**
> INQ. – É? Tem o raio assim...
> INF. – É. **Relâmpago**
> (077/1 – Maceió/AL,INF.: homem, faixa etária I, ensino fundamental)

Como dito anteriormente, a seção se estrutura da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica e fenômeno atmosférico nas perspectivas

lexicográfica e geossociolinguística reunidas. O fenômeno atmosférico na perspectiva popular não será abordado.[22]

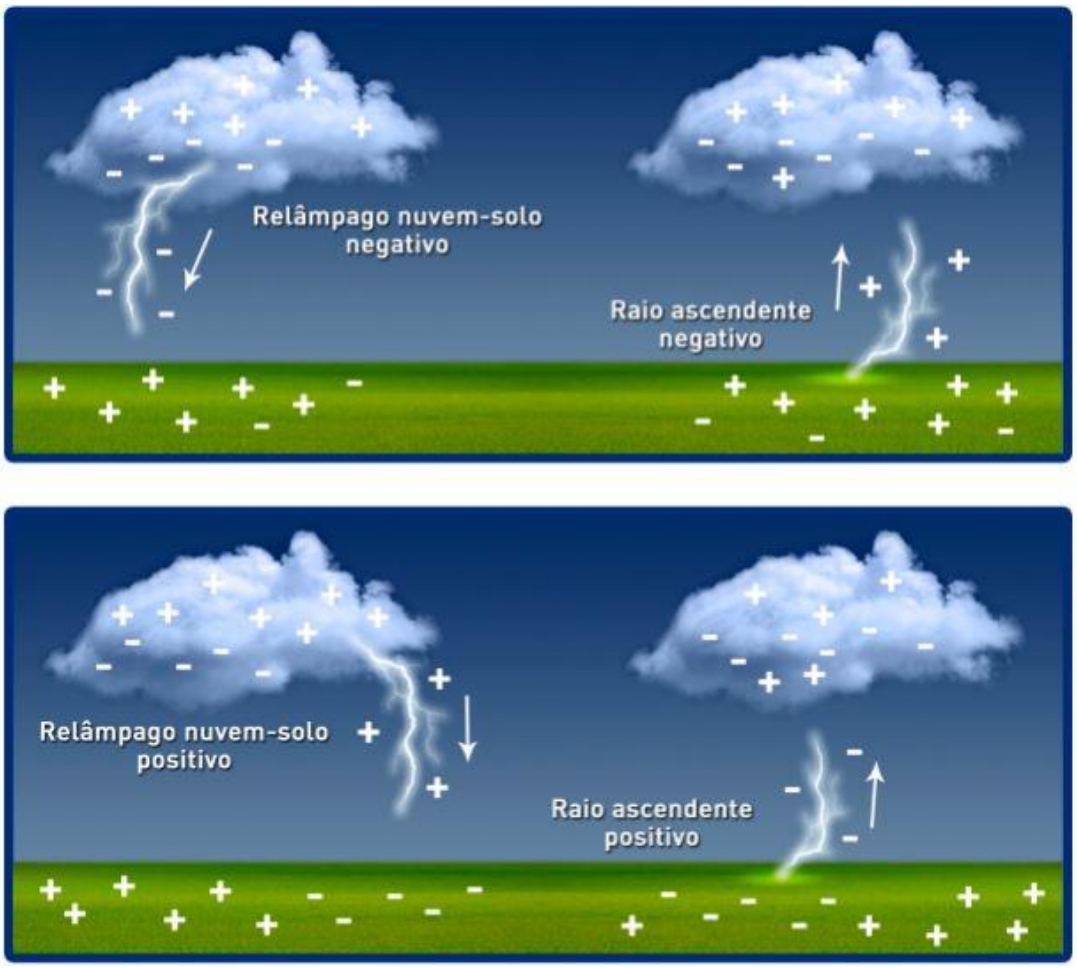
5.3.1 ***Relâmpago*** **na perspectiva meteorológica**

Na meteorologia, o relâmpago é o clarão resultante de descarga elétrica que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem e a terra, ou seja é uma luz intensa de pouca duração que precede ou acompanha o trovão. Segundo o INPE, este é uma corrente elétrica muito intensa que ocorre na atmosfera com típica duração de meio segundo e típica trajetória com comprimento de 5 a 10 km.

O relâmpago é associado ao som e a luz, ou seja ao trovão e ao raio (quando se conecta ao solo). Normalmente, os relâmpagos estão associados a tempestades com chuvas intensas e ventos fortes, mas também podem ocorrer em outros tipos de tempestades como a de neve, a de areia etc. Além disso, também podem ocorrer durante erupções vulcânicas, ou até mesmo em nuvens que não sejam de tempestade, nesses casos costumam ter extensões e intensidade bem menores.

[22] Nesta pesquisa não foram encontradas lendas ou mitos para o fenômeno atmosférico estudado. O que não descarta a possibilidade de estudos posteriores encontrarem dados sobre a temática.

Figura 27: Formação dos relâmpagos do tipo nuvem – solo e solo - nuvem



Fonte: Disponível em:
<http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/relamp/relampagos/tipos.php.>
Acesso em: 20 out. 2022

Assim como observado na Figura 27, existem dois tipos de relâmpagos: na nuvem e no solo. Segundo, o grupo de atividade Atmosférica, ELAT (2022)

> Relâmpagos solo-nuvem são relativamente raros e, geralmente, ocorrem no topo de montanhas ou estruturas altas, como torres. Os relâmpagos no solo podem também ser classificados em termos do sinal da carga líquida transportada da nuvem para o solo, como relâmpagos negativos ou relâmpagos positivos. Cerca de 90% dos relâmpagos do tipo nuvem-solo e solo-nuvem que ocorrem em nosso planeta são negativos. Este percentual, entretanto, pode mudar substancialmente em determinadas tempestades. (ELAT,2022, sem p., grifo nosso)

Já na Figura 28, que segue, pode-se observar o relâmpago do tipo intranuvem e nuvem-nuvem. De acordo com o ELAT (2022) estão assim

> Relâmpagos na nuvem originam-se dentro das nuvens Cumulonimbus e propagam-se dentro (relâmpago intranuvem) ou fora da nuvem rumo à outra nuvem (relâmpago nuvem-nuvem) ou, ainda, fora da nuvem numa direção qualquer (descarga para o ar). Cerca de 70% do total de relâmpagos são do tipo intranuvem. Embora eles sejam a maioria dos relâmpagos, são menos conhecidos que os relâmpagos no solo, em parte porque eles são menos perigosos e porque são escondidos pela nuvem. Relâmpagos intranuvem são normalmente visíveis apenas como um clarão no céu. (ELAT,2022, sem p., grifo nosso)

Figura 28: Formação dos relâmpagos do tipo – intranuvem e nuvem – nuvem

Fonte: Disponível em: <http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/relamp/relampagos/tipos.php.> Acesso em: 20 out. 2022

5.3.2 *Relâmpago* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística

Na perspectiva lexicográfica, a lexia *relâmpago* foi encontrada dicionarizada com o mesmo sentido em todas as obras consultadas tanto nos três dicionários gerais de língua portuguesa quanto nas duas obras de terminologia.

Destacamos uma das definições do glossário INMET, na qual verifica-se que o relâmpago é a manifestação luminosa que acompanha as descargas elétricas naturais verificadas entre duas nuvens, entre uma nuvem e o solo, entre partes de uma mesma nuvem ou entre uma nuvem e o ar límpido.

Na perspectiva geossociolinguística, a forma *relâmpago* foi a única a acontecer em todas as capitais estudadas e em todas as categorias de informantes, independente do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Seu uso é categórico. Uma das hipóteses levantadas para este resultado é o de que nas capitais, os informantes não conhecem o meio rural e/ou não tiveram contato com outras formas populares para o item lexical *relâmpago*. A falta de chuva no Nordeste é um dos flagelos mais comuns enfrentados pela comunidade, então o contato com variantes relacionadas a chuva acaba por ser escasso, o que pode ser uma outra hipótese para o uso categórico de apenas uma variante como resposta para a questão.

Em atlas linguísticos publicados no Brasil, há o registro de *faísca* como variante lexical para *relâmpago*

Em Aulete (2006) encontra-se a 2ª acepção do termo faísca como:

> (fa.*ís*.ca)
> sf.
> 1. Partícula que se desprende de um corpo em brasa ou do atrito entre corpos; CENTELHA
> 2. **Lampejo luminoso que acompanha uma descarga elétrica**
> 3. Raio: Antes da chuva uma faísca cortou o céu.
> 4. Fig. Brilho espiritual: Faíscas saíam dos seus olhos.
> 5. Lasca de ouro perdida no terreno das minas.
> (AULETE, 2006, sem p., grifo nosso)

5.4 SOM QUE ECO E ACOMPANHANDO UM RELÂMPAGO – *TROVÃO*

Continuando a descrição e a análise dos dados, retomamos a questão 10 do QSL, que vem assim formulada:

> Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um_____(cf. item 9)? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21).
>
> (08)
> INQ. – E como é que chama o barulho forte que a gente escuta logo depois...
> INF. – **Truvão**
> (077/1 – Maceió/AL,INF.: homem, faixa etária I, ensino fundamental)

A seção se estrutura da seguinte forma: fenômeno atmosférico na perspectiva meteorológica e fenômeno atmosférico nas perspectivas lexicográfica e fenômeno atmosférico na perspectiva geossociolinguística reunidas.

5.4.1 *Trovão* na perspectiva meteorológica

O trovão é o som ou estrondo se ouve após a descarga elétrica do Raio. Por diferenças na velocidade da propagação da luz e do som, só escuta-se alguns momentos após avistar o Raio.

Figura 29: Raios que produzem o trovão

Fonte: Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Lightning_14.07.2009_20-42-33.JPG.> Acesso em: 20 out. 2022

Não existe uma imagem que represente o trovão, pois o mesmo é o barulho causado por uma descarga elétrica na atmosfera ou seja pela trovoada. Esses sons ocorrem em razão do rápido aquecimento e expansão do ar, o qual produz uma forte pressão que se manifesta através de som. A Figura 29 traz o momento em que o trovão ocorre junto com o raio.

5.4.2 *Trovão* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística

Na perspectiva lexicográfica, por conta da não variação do item lexical nas localidades estudadas, a única forma a ser consultada nas obras lexicográficas foi *trovão*. Nas obras consultadas na pesquisa lexicográfica, a lexia *trovão* é dicionarizada com o mesmo sentido.

> sm.
> **1.** Met. Estrondo que ger. acompanha um relâmpago; TROVOADA: "Já se ouvia ao longe o assobiar do vento, o bramir do trovão..." (Oliveira Martins, *Febo Moniz*))
> **2.** Ribombo produzido por descarga elétrica.
> **3.** Grande barulho, comparável ao do trovão; ESTRONDO
> (AULETE, 2006, sem p., grifo nosso)

Enquanto, no glossário do CPTEC, o trovão é descrito como,

> som emitido pela rápida expansão de gases ao longo da descarga elétrica provocada pela passagem de um relâmpago. Acima de 3/4 da descarga elétrica do raio, o trovão aquece os gases da atmosfera, dentro e imediatamente em torno deste canal.
> (CPTEC, 2022, sem p., grifo nosso)

Fixando o olhar na perspectiva geossociolinguística, o item lexical *trovão* foi a única a acontecer em todas as capitais estudadas e em todas as categorias de informantes, independente do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Seu uso é categórico. Assim como em *relâmpago*, uma das hipóteses levantadas para este resultado é o de que nas capitais, os informantes não conhecem o meio rural e/ou não tiveram contato com outras formas populares para o item lexical. A *priori*, a falta de chuva no Nordeste é um dos flagelos mais comuns enfrentados pela comunidade, então supõe-se que o contato com variantes relacionadas a chuva acaba por ser escasso, o que pode ser uma outra hipótese para o uso categórico de apenas uma variante como resposta para a questão.

Diferentemente, de *relâmpago*, os atlas publicados não possuem questões referentes ao trovão. Há um número considerável de microatlas sendo publicados no Brasil em forma de dissertações e teses e se pode em futuras pesquisas investigar se houve a aplicação da questão e se houve o registro de variantes.

5.4.3 Trovão na perspectiva popular

A figura do fenômeno atmosférico *trovão* permeia o imaginário popular ao longo dos séculos. Bruxas, místicos, profetas, lunáticos, entre outras figuras sábias procuravam uma forma de interpretar o barulho que se ouve logo após ao *raio,* para alguns destes, o fenômeno era associado a ira dos deuses contra a humanidade. Sendo assim, algumas divindades acabam por ganhar o título de Deus ou Deusa do trovão em diversas mitologias espalhadas pelo mundo, dentre esses pode-se citar o

Raijin (mitologia nipônica), o Thor (mitologia nórdica) e a Iansã (mitologia africana).

Figura 30: Raijin, o Deus nipônico do trovão

Fonte: https://cacadoresdelendas.com.br/japao/fujin-e-raijin-deuses-do-vento-e-do-trovao/

A divindade Raijin advém da mitologia japonesa, o deus “demônio” associado ao trovão (algumas vezes também é associado a guerra e ao relâmpago), pois segundo os mitos, ele os cria através do seu tambor, por isso os sons são fortes e robustos. O Deus vermelho, de dentes e garras afiadas e longos cabelos, por vezes é representado com um demônio devorador de umbigos humanos, por isso, muitos pais japoneses dizem aos seus filhos, em época de tempestades para esconder os seus umbigos, se não quiserem ser devorados pelo robusto Deus.

O nome Raijin é derivado das palavras japonesas Rai (trovão) e Jin (deus), sua imagem é comumente encontrada em templos budistas e xintoístas, e tipicamente representado como um demônio batendo tambores para criar o fenômeno atmosférico.

Na mitologia nórdica, o Deus associado ao *trovão* é o filho de Odin,Thor. E entre os nórdicos o som, que se escutava logo após ao *raio*, era o barulho das

carruagens do Deus, quando este se movimentava pelos céus. O deus nórdico, assim como o Deus nipônico, também é comumente associado à guerra e a outros fenômenos naturais (*raio*).

Um dos símbolos mais importantes associados, ao filho de Odin, é o martelo, algumas vezes representado como um machado, que está relacionado em alguns mitos com a fertilidade e os fenômenos atmosféricos. O mito de Thor é bastante disseminado na cultura pop atual, pois a representação do Deus estampa quadrinhos, animações, filmes, etc.

Figura 31: Deus nórdico Thor

Fonte: Disponível em: https://mitologia-nordica.net/deuses/thor/

No panteão dos deuses africanos, alguns deuses carregam, a depender da origem da lenda, o título de dono dos trovões, e uma delas é Iansã (título que recebe de Xangô em homenagem ao entardecer), ou Oyá (cf.figura 32), também associada à

figura de Santa Bárbara no sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo. Comumente ligada as tempestades e aos fenômenos atmosféricos que fazem parte destas, Iansã é por muitos representada como o vento que antecede as grandes mudanças.

Figura 32: Oyá, a rainha do trovão

Fonte: Disponível em: https://fenixdefogo.wordpress.com/2013/05/30/iansa-ou-oya-e-oshun-deusas-africanas/

Assim como as outras divindades citadas, Iansã também é apresentada como uma figura forte, sendo a primeira orixá feminina de temperamento agressivo, antes dela as deusas africanas eram representadas como estereótipos de suavidade e doçura. Os adeptos do candomblé costumam saudar Iansã ao ouvirem o som do trovão, gritando *Epahey Oyá!*

5.5 O TEMPO APÓS UMA CHUVA – ESTIAR / ABRIR O TEMPO

Dando sequência à descrição e à análise dos dados, parte-se para a questão 16 do QSL.

> Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? (09)
> INF. – Clareou
> INQ. – O tempo?
> INF. – Tá limpo
> (079/5 – Aracaju/ SE. Inf.: 05 homem, faixa II, universitário)

Como realizado nas seções anteriores, descreve-se como se deu a organização da seção. No caso, dada a natureza dos dados em sua maioria de natureza fraseológica, optamos por ordenar a seção iniciando pela perspectiva geossociolinguística, para de modo mais facilitador, incluir em sequência a perspectiva fraseológica e a perspectiva lexicográfica. Feito isso, adentramos para a perspectiva do imaginário popular, momento em que abordam-se o “casamento de viúva” e o “casamento da raposa”. A perspectiva meteorológica não é abordada, parte-se do pressuposto que é um fenômeno muito claro relacionado ao final de uma chuva e a abertura do tempo ou, em alguns caso, aparecimento do sol.

5.5.1 Estiar / abrir o tempo na perspectiva do geossociolinguística

Em relação à análise dos dados obtidos através dos inquéritos linguísticos, após fichamento e aplicação dos critérios de seleção descritos na metodologia, obtiveram-se 68 respostas válidas para a pergunta 16 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. Foram encontradas diversas variantes como resposta à questão. Como este trabalho visa à variação lexical, optou-se por não diferenciar variantes fônicas, desta forma, estas foram reunidas em um único grupo. As outras formas, as quais não foram encontradas variações fônicas os agrupamentos receberam o nome por cada lexia. Do total absoluto de 68 dados computados, encontramos um percentual de 26,48% de respostas não validadas, como podemos observar na Tabela 3.

Tabela 3: Total de dados para QSL 16 – *estiar / abrir o tempo*

Dados computados	Valor absoluto	Valor relativo
Respostas validadas	50	73,52%
Respostas não validadas	18	26,48%
Total	68	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A partir dos dados encontrados desenvolveu-se o Quadro 8 para melhor espelhamento das variantes.

Quadro 8 - Agrupamentos lexicais para QSL16– *estiar / abrir o tempo*

Agrupamentos	Formas lexicais
Acabou a chuva	Acabou a chuva
A chuva foi embora	Já se foi a chuva, a chuva foi “simbora”, a chuva foi embora
Casamento de viúva	Chuva de casamento de viúva
Casamento de raposa	Chuva da raposa, casamento da raposa
Chuva de verão	Chuva de verão
Clareou o tempo	Está clareando, clareou o dia, clareou o tempo, clareou
Estar fazendo sol	Está fazendo sol
Estiar o tempo	O tempo estiou, estiagem, estiou, vai estiar, estiada
Ficou bonito	Ficou bonito
Já aliviou	Já aliviou
Já saiu o sol	Já saiu o sol
O sol apareceu	O sol apareceu, está aparecendo o sol
O sol está chegando	O sol está chegando
O tempo abriu	Abriu o sol, o tempo abri, o tempo abriu, o céu tá abrindo, o sol abriu, o sol se abriu, abriu o céu, o céu abriu, o tempo está se abrindo
O tempo limpou	Limpou a chuva, o tempo limpou, o céu tá limpando, tá limpo
O tempo mudou	O tempo mudou, o tempo está

	mudando
O tempo melhorou	Melhorou, o tempo melhorou, o tempo melhora, melhorou o tempo
O tempo está bonito	O tempo está bonito
Parou a chuva	Parou a chuva
Passou a chuva	Passou a chuva, a chuva passou
Vai haver sol	Vai haver sol
Vai ter sol	Vai ter sol
Não obtidas	não sabe, não lembra, não obtida por questões técnicas ou desconsideradas por não se aplicarem ao referente buscado.

Fonte: Elaborado pela a Autora (2022)

Pode-se observar que em resposta à questão 16 do QSL, houve muita variação, principalmente de unidades fraseológicas, mas com pouca ocorrência (1 ou 2 por UFs). Sendo assim, é importante estudá-las pela perspectiva fraseológica, por isso tem-se uma seção dedicada a análise dessas UFs.

5.5.2 *Estiar / abrir o tempo* na perspectiva fraseológica

Como dito na fundamentação teórica, os fraseologismos podem ser identificados por alguns critérios que são levantados para definir as combinações fraseológicas: a frequência de coocorrência na fala, a idiomaticidade, polilexicalidade e a fixação, ambos repartem uma caracterização negativa (aplicável a unidades distintas: locuções, provérbio, etc.) à fraseologia, pois a fixação seria a negação da sintaxe, a polilexicalidade a negação da morfologia, a idiomaticidade a negação da semântica léxica, a frequência de coocorrência a negação da criatividade discursiva.

Ainda como explicado na fundamentação teórica e aqui retomado, Biderman (2005) propõe testes para classificação e definição das unidades fraseológicas (UFs), esses testes são baseados na formação morfológica da expressão. Por exemplo, uma unidade fraseológica que é formada por N +ADJ (Ex.: *Casamento de viúva*, *Casamento de raposa*) vai possuir os seguintes traços de identificação:

(i) não é possível a nominalização, a modificação adverbial e a coordenação;

(ii) as flexões de número possuem características diferentes (apenas plural, apenas singular ou singular e plural);

(iii) existem restrições de coocorrência;

Em casos de UFs formadas por sequências verbais, temos;

(i) inserção; não é possível extrair um componente por meio de certas construções sintáticas;

(ii) substituição por uma outra forma;

(iii) não são possíveis modificações (flexão, comutação de determinantes, adjetivo).

Essas características vão justificar o porquê do *corpus* analisado neste trabalho relacionado à questão 16 do QSL ser considerado composto em sua maioria por fraseologismos. Vejamos a descrição proposta no Quadro 9.

Quadro 9 – Composição morfológica das UFs cadastradas por meio de QSL 16– *estiar / abrir o tempo*

Composição morfológica	**Unidades fraseológicas**
Verbo + Preposição + Substantivo	Acabou a chuva, Estiar o tempo, Parou a chuva, Clareou o tempo, Passou a chuva
Artigo + Substantivo + verbo + Advérbio	A chuva foi embora
Substantivo + Preposição + Substantivo	Casamento de viúva, Casamento de raposa, Chuva de verão
Verbo + Adjetivo	Ficou bonito
Artigo + Substantivo + Verbo	O sol apareceu, O tempo abriu, O tempo mudou, O tempo melhorou, O tempo melhorou
Artigo + Substantivo + Verbo + Adjetivo	O tempo está bonito
Verbo + Verbo + Substantivo	Vai haver sol, vai ter sol

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao analisar a composição morfológica das unidades fraseológicas encontradas como resposta para a questão 16 do QSL, percebe-se que as composições: (i) Verbo + Preposição +Substantivo; (ii) Substantivo +Preposição +Substantivo; e (iii) Artigo +Substantivo +verbo foram as que mais apresentaram ocorrências nas capitais nordestinas.

Ao observar as unidades fraseológicas tendo em vista a sua organização pelos verbos que as compõem, monta-se o Quadro 10, por meio do qual podem ser observadas de forma mais clara as UFs:

Quadro 10 – Unidades fraseológicas para QSL 16 – *estiar / abrir o tempo* organizadas pelo verbo que as compõem

Verbo	**Unidades fraseológicas**
Abrir	Abriu o sol, o tempo abri, o tempo abriu, o céu tá abrindo, o sol abriu, o sol se abriu, abriu o céu, o céu abriu, o tempo está se abrindo
Acabar	Acabou a chuva
Aliviar	Já aliviou
Aparecer	O sol apareceu, está aparecendo o sol
Chegar	O sol está chegando
Clarear	Está clareando, clareou o dia, clareou o tempo, clareou
Estar	O sol está chegando, Está fazendo sol
Estiar	O tempo estiou, estiagem, estiou, vai estiar, estiada
Fazer	Está fazendo sol
Ficar	Ficou bonito
Haver	Vai haver sol
Ir	Já se foi a chuva, a chuva foi “simbora”, a chuva foi embora
Melhorar	Melhorou, o tempo melhorou, o tempo melhora, melhorou o tempo
Mudar	O tempo mudou, o tempo está mudando
Parar	Parou a chuva
Sair	Já saiu o sol
Ter	Vai ter sol

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O que pode ser verificado nos exemplos trazidos no Quadro 10, antes exposto, é que a mudança na UF se dá por meio da troca de substantivos utilizados pelos falantes e que se combinam com um ou outro verbo específico. Tais substantivos são: *chuva* (acabou a chuva, a chuva foi embora, parou a chuva); *sol* (já saiu o sol, o sol

apareceu, o sol tá chegando), *tempo* (o tempo abriu, o tempo mudou, clareou o tempo).

Os dados aqui levantados indicam que é possível explorar as UFs que descrevem o fenômeno atmosférico do “final da chuva” ou do “estiar o tempo” de modo bem mais amplo, o que se caracteriza como uma abertura para novas pesquisa e hipóteses descritivas relacionadas à Fraseologia.

5.5.3 Estiar / abrir o tempo na perspectiva lexicográfica

Todos os fraseologismos cadastrados a partir de QSL 16 – *estiar / abrir o tempo* e descritos anteriormente não se encontram registrados nos dicionários e glossários estudados. Como não foram localizados os fraseologismos nas obras consultadas, partiu-se para a busca dos verbos que formam as UFs como forma de confirmar se estes possuem algum sentido ligado ao fenômeno atmosférico sugerido pela questão. Os glossários técnicos não foram utilizados nessa pesquisa e nem o dicionário Bluteau (1728) em seu lugar foi adicionado o Mini Aurélio (FERREIRA, 2000).

Quadro 11 - Verbos que formam as UFs para QSL 16 – *estiar / abrir o tempo*

Verbo	(FERREIRA, 2000)	AULETE (2006)	DICIO (2009)
Abrir	Desanuviar, melhorar (o tempo).	Ficar ensolarado; CLAREAR [int. *: O tempo abrirá amanhã.*]	Melhorar as condições climatéricas: o céu abriu.
Acabar	***NDS***	***NDS***	***NDS***
Aliviar	NDS	NDS	NDS
Aparecer	NDS	NDS	NDS
Chegar	NDS	NDS	NDS
Clarear	NDS	Ficar ou fazer ficar (o céu) sem as nuvens que antes o cobriam [int. *: Com o vento, o céu clareou.*] [td. *: A forte ventania clareou o céu.*]	Limpar-se das nuvens (falando-se do tempo, do dia, do céu).
Estar	NDS	NDS	NDS
Estiar	Cessar de chover	Parar de chover; parar (a chuva)*: Aproveite para sair agora, que (a chuva) estiou*	Serenar o tempo. Cessar de chover.
Fazer	Ocorrer determinado	Seguido de indicação de	Indicar o tempo

	estado atmosférico. Haver:faz frio, faz sol.	fenômeno atmosférico: *Hoje está fazendo muito calor*.	atmosférico: hoje faz muito calor.
Ficar	ND	ND	ND
Haver	Fazer: hoje não há sol, há nuvens por todos os lados	Produzir-se como consequência de um fenômeno da natureza. [td.*: Houve muita chuva nesse último verão.*]	ND
Ir	NDS	NDS	NDS
Melhorar	Abrandar (o tempo); serenar.	Amenizar-se, serenar-se (tempo, chuva etc.) [int. *: O tempo melhorou e pudemos sair para as compras.*]	Abrandar; ficar mais ameno, menos conturbado: deixaram a casa quando a tempestade melhorou.
Mudar	NDS	NDS	NDS
Parar	NDS	Us. tb. como v. auxiliar, seguido da prep. *de* + v. principal no infinit., com o sentido de 'interromper a ação': *Pararam de cantar*; *Já parou de chover*.	NDS
Sair	NDS	NDS	NDS
Ter	NDS	NDS	NDS

Legenda:
ND- Não dicionarizado
NDS - Não dicionarizado com o sentido do fenômeno atmosférico

Fonte: Elaborado pela a autora (2022)

5.5.4 Estiar / abrir o tempo na perspectiva do imaginário popular: casamento de viúva / casamento da raposa

Derivada da palavra *parlare*, *conversar* ou *falar* em Latim, as parlendas[23] fazem parte do folclore brasileiro, as combinações de palavras com temática infantil passam de geração em geração no imaginário popular. Apresentando rimas fáceis e métrica quando recitadas, ajudam as crianças no desenvolvimento da memorização. Por serem tradições da língua oral, existem inúmeras variações para cada parlenda e a

[23] Parlendas, provérbios e ditos populares são tipo de fraseologismos.

sua autoria é desconhecida da população. Uma das parlendas mais conhecidas pela população brasileira é a que se refere a fenômenos meteorológicos:

> Chuva e sol,
> casamento de espanhol.
> Sol e chuva,
> Casamento de viúva.
> (CORTES DE LACERDA et al, 2000, pág. 102)

Ligada a atividades do mundo rural, essa parlenda trata-se de comentários sobre os fenômenos metereológicos decorrentes de concepções mitológicas ou mágicas sobre o tempo atmosférico ou as estações do ano. Segundo, o *Dicionário de Provérbios*: Francês-Português-Inglês (CORTES DE LACERDA; CORTES DE LACERDA; ABREU, 2000 apud CIBERDÚVIDAS, 2022)[24], esse provérbio não tem uma explicitação do seu significado, mas faz parte de um conjunto de provérbios que sugere a coincidência de chuva e sol é um paradoxo ou situação surrealista que vai ao encontro da mitologia:

> Chuva e sol, casamento de espanhol.
> Chuva e sol, casamento de raposa.
> Quando chove e faz sol, casam-se as feiticeiras.
> Quando chove e faz sol, estão as bruxas em Antanhol, embrulhadas num lençol a dançar o caracol. (CORTES DE LACERDA; CORTES DE LACERDA; ABREU, 2000, p. 102, apud CIBERDÚVIDAS, 2022)

Para além das parlendas e dos provérbios é muito comum a tendência popular de explicar os fenômenos da natureza por meio de histórias e anedotas, por isso uma gama de contos são associados ao fenômeno metereológico “parar de chover”, “estiar o tempo” etc, sendo o principal o que conta a história do casamento de uma raposa e um lobo. No caso do casamento da raposa, ocorre uma ligação simbólica da chuva com o sol a este casamento, pois ambos seriam de pouca duração, há variantes no território brasileiro que não foram encontradas nas capitais nordestinas estudadas, que ao invés da raposa se casar com o lobo, ela se casa com o gambá.

---

[24] Informação citada por meio de site web tendo em vista não ter sido possível acesso à obra física. A obra existe também em uma 2ª edição, publicada pela EDUNESP (também sem acesso), trata-se de:. CORTES DE LACERDA, Roberto; CORTES DE LACERDA Helena Rosa; ABREU, Estela dos Santos. **Dicionário de Provérbios**: Francês-Português-Inglês. São Paulo. EDUNESP. 2004.

5.6 CONJUNTO DE LISTRAS COLORIDAS QUE APARECEM NO CÉU APÓS A CHUVA – ARCO-ÍRIS

Dando continuidade à descrição e à análise dos dados, retomamos a questão 17 do QSL:

> Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?
>
> (10)
> INF. – **Arco-íris**
> INQ. – Conhece por outro nome, Seu J.?
> INF. – **Arco- celeste**
> (034/3 – Teresina/PI/Inf.: Homem, Faixa II, Ensino fundamental)

Os dados coletados apontam para uma quase ausência de respostas com variantes distintas. Como se retomará a seguir, houve majoritariamente a resposta com a variante *arco-íris* e apenas uma resposta com a variante *arco-celeste*, como visto no exemplo anteriormente exposto.

Diferentemente das seções anteriores, aqui a organização se deu da seguinte forma: *Arco-íris* na perspectiva meteorológica, *arco-íris* nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística (Exploradas de forma conjunta por conta da baixa ocorrência de lexias) e *arco-íris* na perspectiva do imaginário popular.

5.6.1 Arco-íris na perspectiva meteorológica

De acordo com os compêndios de meteorologia, o *arco-íris* é produzido por gotas de chuva que desviam parte da luz solar aos nossos olhos. No estudo da óptica, ramo da física, o fenômeno pode ser definido como um espelhamento da luz em uma gota que produz ela sozinha um arco-íris.

Segundo Oliveira (2022), Descartes em 1637 foi uma das primeiras pessoas a observar e a tentar explicar o fenômeno atmosférico. Sendo assim, com o intuito de entender a formação do arco-íris,

> ele tentou replicar esse efeito com uma esfera contendo água, e conseguiu concluir que ele era decorrente de reflexões dentro das gotículas, e que, inclusive, poderia ocorrer uma segunda reflexão,

> sendo possível observar um segundo arco-íris mais fraco próximo ao arco-íris primário. (OLIVEIRA, 2022, sem p.)

O *arco-íris*, como conhecemos, tem a seguinte configuração que pode ser vista por meio da Figura 33.

Figura 33: *Arco-íris*

Fonte: Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-se-forma-o-arco-iris/>. Acesso em: 15/01/2022

Dois fatores são os responsáveis pela formação de um arco-íris: Luz e a água, ou mais precisamente os raios solares e a umidade do ar. Sendo assim, após uma chuva é comum que a umidade do ar aumente, pois é maior o número de gotículas de água suspensas no ar, por isso logo após as tempestades acontece o arco-íris.

Normalmente, a duração do fenômeno não é muito longa: em pouco mais de uma hora, os arco-íris desaparecem, na maioria dos casos.

5.6.2 Arco-íris nas perspectivas lexicográfica e geossociolinguística

Olhando os dados na perspectiva lexicográfica, constatamos que em todas as obras consultadas nessa pesquisa, a lexia *arco-íris* foi dicionarizada com o mesmo sentido, como se pode ver a partir da definições trazidas por Aulete (2006) e por CPTEC (2022), a saber:

Aulete (2006), no verbete atualizado:

> **(ar.co-*í.* ris)**
> sm2n.
> **1.** Met. Ópt. Arco, composto de faixas coloridas, que aparece no céu em consequência da dispersão da luz solar em gotículas de chuva. (AULETE, 2006, sem p.)

Ou no verbete original:

> s. m. || fenômeno atmosférico óptico, produzido por refração e reflexão dos raios solares nas gotas de água da chuva, que se mostra em forma de arco de circunferência, na parte oposta ao sol, e com as cores do espectro: As sete cores do *arco-íris. Arco-íris* na serra, chuva na terra. (Adág.) [Também se lhe chama só *íris* e, vulgarmente, *arco-celeste*, *arco da aliança*, *arco da chuva*, *arco-da-velha e arco de deus.*] (AULETE, 2006, sem p.).

Na definição do glossário do CPTEC (2022) tem-se:

> Arco luminoso que exibe todas as cores do espectro visível de luz (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, azul claro, e violeta). É criado por refração da luz. É visível quando o Sol brilha e o ar contém água vaporizada ou pingos de chuva, o que ocorre durante ou imediatamente após uma chuva. O arco sempre é visto no céu do lado oposto em que está o Sol. CPTEC (2022, sem p.)

No que se refere a lexia *arco-celeste*, houve registro da unidade fraseológica nos três dicionários de Língua Portuguesa consultados, com destaque para o registro desde a obra lexicográfica mais antiga consultada, Bluteau (1728). Não se encontra dicionarizada nos Glossários técnicos estudados.

> [...] Arco-íris, celeste ou da velha, o arco de varias cores, que se vê nos ares no tempo chuvoso. (BLUTEAU,1728, p.109)

Partindo para a observação dos dados na perspectiva geossociolinguística, verifica-se que a forma lexical *arco-íris* foi a única a acontecer em todas as capitais estudadas e em todas as categorias de informantes, independente do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Seu uso é categórico.

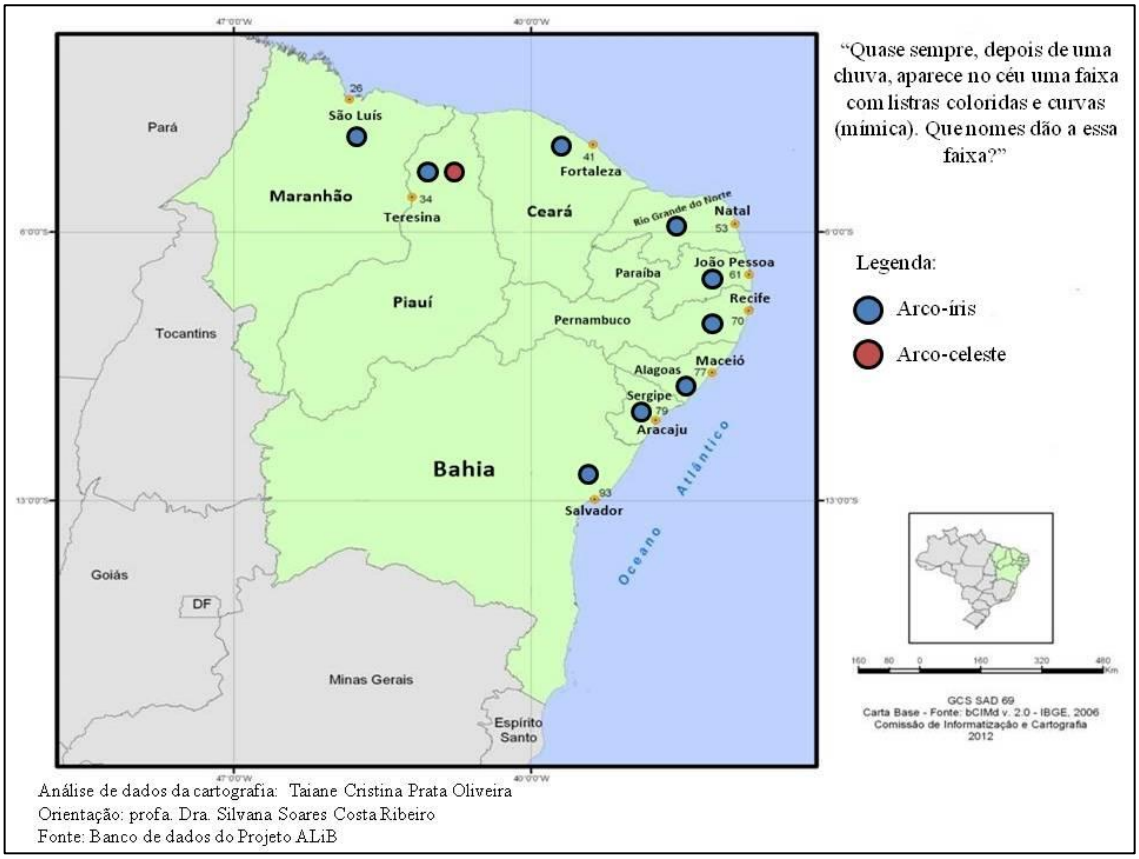
Assim como para a lexia *relâmpago*, algumas hipóteses foram levantadas para descrever esse resultado, a primeira é a de que nas capitais, mesmo os informantes de pouca escolaridade não conhecem o meio rural e/ou não tiveram contato com outras formas populares para o item lexical *arco-íris*. E a segunda é a falta de chuva

no Nordeste, o que com que o contato com variantes relacionadas a chuva acaba por ser escasso.

A forma lexical *arco-celeste* foi encontrada em apenas uma localidade (Teresina/Piauí) e falada por apenas um informante (Homem, F12, Fundamental), o que revela que será necessário futuramente expandir a pesquisa para as localidades do interior do Nordeste e/ou de todo o país a fim de confirmar o aparecimento de outros itens lexicais que sejam associados ao fenômeno atmosférico. No recorte trazido no início da seção (cf. exemplo (10)), se pode verificar como a forma lexical apareceu no inquérito linguístico.

Concluindo a descrição, apresentamos a carta linguística experimental que revela os resultados alcançados (cf. Figura 34).

Figura 34: *Arco-íris* e *arco-celeste* na Região Nordeste brasileiro com base em dados do Projeto ALiB – capitais de Estado



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Pesquisas anteriores com dados de atlas linguísticos já publicados revelam que no país encontramos a lexia *arco-íris* como designação do fenômeno, além de outras 23 lexias. O artigo de Suzana Cardoso e Carlota Ferreira (CARDOSO; FERRERIA, 1999), denominado *Arco-íris no Brasil: um estudo linguístico-antropológico a partir dos atlas regionais*, trata do estudo do fenômeno atmosférico em alguns atlas linguísticos já publicados no Brasil, sendo eles: Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), Atlas Linguístico da Paraíba (1984), Atlas Linguístico de Sergipe (1987) e Atlas Linguístico do Paraná (1994). O artigo apresenta um total de 271 ocorrências de 24 lexias para o fenômeno atmosférico como se pode ver no Quadro 12 que segue.

Quadro 12: Formas para designar *arco-íris* no Brasil (A partir dos dados dos atlas linguísticos publicados)

Formas	**Paraíba(25)**	**Sergipe(15)**	**Bahia(50)**	**M.G.(116)**	**Paraná(65)**
Arco	1				
arco-celeste	24	3	18		
arco-da-aliança			6	3	8
arco-da-velha		2	14	57	44
arco-de-boi		1	1		
arco de celeste			1		
arco-de-velho		4	8		9*
**arco-do-celeste*		1			
arco-do-sol				3	
arco inselente		2			
arco-íris	17	13	43	89	64
as barras	4				
as torres	2				
barra de nuvem			2		
cu-de-boi	1				
mãe d'água					
Navio				1	
olho-de-boi	8	1	2	1	
os véus	1				
os vieiras	1				
rabo-de-galo				5	
rabo-de-pavão				1	
sete-e-um-couro					
sub-dourada	1				
Observações:					

a) O número que se segue à denominação de cada área indica o total de localidades que constituem a rede de pontos do atlas considerado. b) A indicação de ocorrências de cada forma refere-se ao número de localidades em que foi documentada. c) O ALPR não tem registrada na carta a forma, mas vem indicada nas notas a ocorrência em 9 localidades.

Fonte: CARDOSO; FERREIRA, 1999, p. 22, com adaptações

Para Cardoso e Ferreira (1999), o uso do termo *arco-íris* está extremamente ligado às motivações relacionadas ao imaginário popular como por exemplo, "[...] a designação arco-íris que toma a divindade Iris, mensageira alada dos deuses que se recobria com um xale de sete cores identificado com o próprio arco-íris [...]" (CARDOSO; FERREIRA, 1999, p.24). A seguir serão apresentadas algumas histórias sobre o fenômeno atmosférico no imaginário popular.

5.6.3 Arco-íris na perspectiva do imaginário popular

Independentemente da idade, da cultura ou da religião, o arco-íris é um dos fenômenos atmosféricos que mais encanta, espanta e surpreende o ser humano ao longo dos anos. O *arco-íris* ganhou e ainda ganha várias conotações no imaginário popular ao longo dos tempos, desde a deusa Íris na mitologia grega até o orixá Oxumaré na mitologia africana. Apesar de a explicação cientifica para o fenômeno atmosférico ser bem menos romântica, as lendas e crendices permeiam a imaginação popular e fornecem um conjunto importante de itens lexicais para nomear do fenômeno, como vimos a partir do trabalho de Cardoso (1999) anteriormente exposto.

Alguns deles são atrelados às lendas, como por exemplo, temos a lenda de que o fenômeno atmosférico leva as águas de um rio para dentro das matas fechadas, como documentado por Ribeiro (2016) em seu capitulo de memórias dos inquéritos do Projeto ALiB:

> [...] não custa lembrar do H2, aquele pescador que realizou o inquérito sem camisa e que fez com que da mochila do ALiB saísse um colar de barbante trançado para prender o microfone de lapela... Ele nos contou muito sobre o rio, sobre época de defeso, sobre arco-íris: *É. A gente chama ele aqui de pescadô. Porque ele sai da água, tem ... Chupa água aqui, dizendo os velho antigo, ele sai de dentro da água e leva a água lá pro centro da mata, pras caatinga. Você entendeu?*" (RIBEIRO (2016), p.140, grifo da autora)

O relato contado pelo o informante no texto trazido por Ribeiro (2016) faz referência a lenda do arco-íris que é muito comum em cidades ribeirinhas, principalmente as próximas ao rio São Francisco. A lenda acabou se tornando parte de letras de músicas, peças teatrais e livros através dos anos, mas não se sabe ao certo onde a lenda começou. Segundo o Jornalista Petrônio Braz, em artigo elaborado para o Jornal O Norte de Minas em 2015 e atualizado em 2021,

> Não existe até então nenhuma relação da música com alguma cidade ribeirinha e também a nenhuma época, pois iria limitar a fantasia contada na história a apenas um grupo de ribeirinhos de uma cidade e uma determinada data. Desta forma, a história pode ter várias interpretações pelo fato de não estar presa a nenhum local ou tempo. (BRAZ, 2022, sem p.)

Observando o *arco-íris* do ponto de vista da mitologia grega, cabe destacar, a Deusa Íris. A mensageira entre os deuses e os seres humanos, a Deusa era a própria personificação do arco-íris na mitologia grega. Era Íris que o unia o céu e a terra, na visão mitológica. Filha de Electra e Taumas, era a principal mensageira de Juno, a Deusa dos casamentos e partos. Íris movimentava-se com uma velocidade estrondosa, a qual era comparada com a velocidade do seu marido, Zéfiro, o Deus do vento. Ao atravessar o céu, a Deusa Íris sempre deixava os seus rastros em forma de arco (o arco-íris). Segundo o dicionário etimológico da mitologia grega da USP (2013), Íris é

> Filha de Taumante e de Electra, mensageira dos deuses, que que desce voando sobre a curva do arco-íris (Hesiod. Theog. 266). Como demonstra a métrica homérica, o nome apresentava um F- inicial; pode ter derivado de uma raiz indo-europeia *wi-, "curvar"; o sufixo *-r- se apresenta também em germânico, anglo-saxão wir, "fio de ferro" (Chantraine, DELG). Nagy (The Best of the Achaeans, p. 327) defende, no entanto, que o significado da raiz seja "força, poder", dado que o significado dos epítetos desse personagem se embasa sempre no tema da velocidade do vento, e o estudioso nota na épica uma associação entre os temas da velocidade do vento e a voz ἴς. Além disso, trata-se do arco-íris, presságio de guerra ou de tempestade, segundo Nagy, temas associados com ἴς, "força" (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA, 2013, p.154)

Como o arco-íris era sempre visto pelos gregos na distância entre o mar e a nuvens de chuva, passaram a acreditar que a deusa reabastecia essas nuvens com a água do mar. Em outras versões do mito, a Deusa vinha do céu à terra caminhando pelo arco côncavo do arco-íris, e esse seria uma ponte entre os dois reinos. Íris

também era responsável por levar a água do rio Styx para o Olimpo, como pode-se observar na Figura 35:

Figura 35: Íris Carregando a Água do Rio Styx para o Olimpo para os Deuses Jurarem (GUY HEAD, 1793)

Fonte: disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Iris_Carrying_the_Water_of_the_River_Styx_to_Olympus_for_the_Gods_to_Swear_By,_Guy_Head,_c._1793_-_Nelson-Atkins_Museum_of_Art_-_DSC08946.JPG Acesso em: 22 out. 2022

Na mitologia africana, o *arco-íris* é ligado à figura do orixá Oxumaré (Osumaré, para alguns o nome em Yorubá pode ser traduzido como arco-irís), também conhecido

como Dan[25]. Segundo filho de Nanã, irmão de Obaluaê/ Omolú, Osaín e Euá [26](gêmeo), orixás vinculados ao mistério da vida e da morte, Oxumaré é tido como o senhor das transformações, rege a multiplicidade da vida (destinos, fases, etc.). Também relacionado a fartura financeira e a sexualidade[27], na contemporaneidade é relacionado a duas figuras ou qualidades: a cobra [28]e o arco-íris.

O orixá Oxumaré assim como a deusa grega Irís, vem à terra por meio do *arco-íris*. Ele é representado por uma grande cobra que envolve a Terra e o céu e assegura a unidade e a renovação do universo. Em um dos seus Itans [29](lendas), o orixá recebe como oferenda um pano colorido, o qual reflete suas cores no céu sempre que o orixá o utiliza, essa seria a figura do *arco-íris*. O orixá é cultuado na religião de matriz africana denominada Candomblé, que possui forte presença na Região Nordeste, onde se acredita que a religião teria dado os seus primeiros passos no Brasil.

Dentro das nações do candomblé, é comum encontrar a divisão do orixá em duas vertentes: o macho ou Bessen, que é tido como o *arco-íris* propriamente dito; e a fêmea ou Frecuém (muitas vezes confundida com Euá), que é a serpente ou a cobra. Pela forte relação com essas duas figuras, os fios de contas utilizados pelos filhos desse orixá, são feitos de búzios e se assemelham a escamas de cobra (os brajás), ou com miçangas rajadas e de cores variadas por nações, pois todas as cores do *arco-íris* pertencem a esse orixá.

---

[25] Na nação Jeje.

[26] Em umas das lendas contadas pelos mais velhos, a orixá Euá se enamora de Oxumaré ao ver sua forma de arco-íris em uma cachoeira.

[27] Em algumas lendas, o orixá possui os dois sexos (homem e mulher), os quais se transmutam em período de seis meses. É dessas lendas que surgem o ditado popular: “Oxumaré, seis meses homem, seis meses mulher!”.

[28] Na mitologia bantu, é o inquice o arco-íris, que traz a fertilidade do solo com suas chuvas. Representado como a serpente de duas cabeças que liga o céu e a terra, sendo equivalente ao orixá Oxumaré.

[29] Conjunto de mitos e lendas do panteão africano que narra as histórias envolvendo canções, danças, rituais e ensinamentos.

Figura 36: Oxumaré por Carybé

Fonte: Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxumar%C3%AA#/media/Ficheiro:Caryb%C3%A8,_rilievi_degli_orixas,_oxumare_02.JPG Acesso em: 20 out. 2022

Entre os Iorubas, a divindade é representado pelo fenômeno atmosférico onde ocorre a chuva e o sol em simultaneidade. Dessa forma, a primeira imagem ligada ao orixá é a refração da luz sobre água, ou o próprio *arco-íris*. Comumente associado a fertilidade.

Como visto na seção dedicada à descrição do fenômeno atmosférico conhecido como *arco-íris*, o arco colorido que aparece após a chuva é popularmente associado a diversos deuses das mais variadas culturas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto anteriormente, no que diz respeito às denominações que recebem os seis fenômenos meteorológicos da área temática estudada aqui apresentados, foi possível verificar que não encontramos áreas dialetais na Região Nordeste, quando consideradas as capitais nordestinas. Tecem-se algumas considerações sobre as três questões mais produtivas, nas quais se registrou variação lexical.

Em relação à questão 7 *(redemoinho)*, o item *redemoinho* não foi encontrado em um dos glossários especializados estudados, tendo ocorrido em INMET (2022) apenas como *ciclone*. Das 74 respostas válidas, percebe-se a predominância da forma lexical *redemoinho* (70,3%), seguida por *furacão* (10,8%); *ventania* (8,1%); *vendaval* (5,4%); *ciclone* (4,1%) e *corrupio* com uma única ocorrência, representando 1,4% dos dados. A forma *redemoinho* se encontra nas nove capitais estudadas. No que se refere aos itens lexicais *ventania*, *vendaval*, não se encontram dicionarizados ou se encontram dicionarizados com outro sentido que não atende ao sema da questão.

No que diz respeito à questão 9 *(raio),* verifica-se que a variedade de usos está representada pela ocorrência dos itens *raio* e *corisco*. O item lexical *raio* teve o maior percentual de ocorrência (90,4%) e está registrado em todas as localidades estudadas (as capitais do Nordeste brasileiro). *Corisco* teve um baixo percentual (8,2%) de ocorrência no que se refere à produtividade, sendo que esta não pode ser considerada menos relevante uma vez que o estudo que aqui se faz é baseado em amostragem revelando, assim, um perfil de uso. O item lexical *corisco*, do ponto de vista da arealidade, ocorreu em Teresina (PI), Natal (RN), Recife (PE) e Maceió (AL), ou seja tem vitalidade em quatro das nove capitais e foi prevalente em informantes de faixa etária 2, com grau de escolaridade fundamental incompleto, como a seguir se sintetiza.

Com base na Geolinguística pluridimensional, foi possível verificar que:

- A questão estudada revelou a presença de duas variantes: *raio* e *corisco*;
- A lexia *raio* foi encontrada em todas as localidades estudadas, enquanto *corisco* foi encontrada em apenas quatro pontos dos nove estudados;
- As variáveis idade e escolaridade não se mostraram relevantes para a lexia *raio*, havendo uma equivalência quantitativa das respostas obtidas;

- A variante *corisco* teve o maior índice de ocorrência entre os informantes mulheres de faixa etária II e de nível de escolaridade fundamental.

Observando os resultados apurados para a questão 16 *(estiar o tempo),* foi possível verificar que:

- Do total absoluto de 68 dados computados, encontramos um percentual de 26,48% de respostas não validadas;
- Como resposta validada para a questão encontrou-se um percentual de 73,52%;
- Um considerável índice de unidades fraseológicas foi encontrado como resposta à questão;
- A composição morfológica das UFs encontradas como resposta para a questão *estiar o tempo* predominante é verbo+preposição+adjetivo, seguida por Artigo+substantivo+verbo;
- Ao buscar pelos verbos que compõem as UFs em dicionários, observou-se que apenas os verbos *abrir*, *clarear*, *estiar*, *fazer*, *haver*, *melhorar* e *parar* encontram-se dicionarizados com um ou mais significados relacionados à condição climática estudada.

As questões 8 (*relâmpago*) e 10 (*trovão*) do QSL não apresentaram variação lexical, sendo encontradas apenas uma lexia como resposta ao que se buscava em cada uma delas. No que se refere à QSL 16 (Arco-íris), a resposta categórica foi *arco-íris* tendo sido registrada uma única ocorrência diferente: *arco-celeste* em Terezinha (PI).

Em suma, ainda no que se refere às questões 08 (*relâmpago*), 10 (*trovão*) e 16 (*Arco-íris*), os resultados apontam para a ausência de variação linguística, tanto na perspectiva lexical quanto na diatópica. Na perspectiva lexicográfica, por conta da não variação do item lexical nas localidades estudadas, as únicas formas a serem consultadas nas obras lexicográficas foram *relâmpago*, *trovão*, *arco-íris* e, excepcionalmente, *arco-celeste*). Nas obras consultadas na pesquisa lexicográfica, as lexias são dicionarizadas com o mesmo sentido que se busca apurar por meio do QSL do ALiB. Por isso, confirma-se a necessidade de análises futuras em outras regiões brasileiras, no que concerne aos fenômenos atmosféricos justamente para identificar

elementos que sejam capazes de estabelecer relação com o que foi encontrado na Região pesquisada.

Os fatores geográficos e climáticos específicos da Região se mostraram predominantes em relação à influência sobre o uso de determinadas lexias. Por ser um recorte geográfico curto (apenas as capitais do Nordeste), não se consegue estabelecer um vínculo entre algumas lexias e um grupo de falantes com características sociais específicas (sexo, faixa etária, escolaridade). Assim como encontrar particularidades linguísticas em algumas áreas geográficas da Região Nordeste.

É possível tecer uma crítica em relação à própria escolha metodológica para este trabalho. Ao se voltar apenas para uma Região do País, observando apenas um clima especifico (ausência de chuvas), limitou-se o *corpus* e, consequentemente, reduziu-se a possibilidade de uma análise mais profunda e generalizada do campo lexical em questão.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui realizado aponta como solução uma proposta, em etapas futuras, de ampliação das regiões estudadas, percorrendo os vários climas encontrados ao longo do País e assim encontrando outras lexias utilizadas para denominar os fenômenos atmosféricos estudados.

De toda forma cabe apontar a importância do trabalho para a descrição do português falado no Brasil e de suas especificidades registradas no Nordeste brasileiro, a exemplo da presenças de itens lexicais com *corisco* (raio) e *arco-celeste* (arco-íris)

Por fim, cabe registrar a importância e associar o tema estudado ao imaginário popular, revelando que língua e cultura são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

AL-ASHQAR, Dr. Umar Sulaiman. **The World of the Jinn and Devils.** Boulder, CO: Al-Basheer Company for Publications and Translations, 1998

ARAGÃO, Maria do Socorro. As denominações de arco-íris nas capitais brasileiras: Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus:** uma homenagem a Michel Contini. Cascavel, Pr.: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016. p.141-154

ARAGÃO, Maria do Socorro. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. In: **Acta Semiótica et Lingvista**, Paraíba: UFPB, v.18, n.2, p.209-225, jul./dez. 2013.

AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. Aulete Digital: **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.** Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.auletedigital.com.br/. Acesso em: 16 Jun. 2022.

BARBOSA-DOIRON, Maranúbia Pereira. Ocorrências Lexicais para Redemoinho no Falar Paulista: Um Estudo Dialetológico. In: **Signum:** Estudos Linguísticos, n. 13/2, p. 113-130, dez. 2010

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtuologico, indico, ifagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, ortographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano; symbolico, synonimico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V, pelo Padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, Doutor na sagrada theologia, pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em:<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRANCO, Pércio de Moraes. **Minerais de origem pouco comum.** CRPM. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas—Rede-Ametista/Canal-Escola/Minerais-de-Origem-Pouco-Comum-3531.html>>. Acesso em:15 Ago. 2022.

BRANDÃO, Sílvia F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRAZ, Petrônio. A lenda do arco-íris. In.: **Jornal O Norte de Minas** (2015; 2021). Disponível em: (https://onorte.net/opiniao/a-lenda-do-arco-iris-1.489058. Acesso em 23 nov. 2022.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª ed., Ediouro, Rio de Janeiro, 2012.

CARDOSO, Suzana et al.. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, v.1, 2014a.

CARDOSO, Suzana et al.. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, v. 2, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.) **Documentos 1** - Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Edufba, 2003. p. 27-30.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. p. 13-31.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; "Que traçados faz o léxico do Nordeste?", p. 13 -26. In**: Estudos sobre o Português do Nordeste:** língua, lugar e sociedade**.** São Paulo: Blucher, 2017.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana e FERREIRA, Carlota. Arco-íris no Brasil: um estudo linguístico-antropológico a partir dos atlas regionais. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 2, v.1, p. 21-24, 1999.

CARROLL, Robert Todd. **The Skeptic's Dictionary: A Collection of Strange Beliefs, Amusing Deceptions, and Dangerous Delusions,** New York: John Wiley & Sons, 2003. Disponível em : http://skepdic.com/jinni.html acesso em 15 de agosto de 2022.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Trad. de GONZÁLEZ, Carmen Morán. Madrid: Visor Libros, 1994.

CIBERDÚVIDAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Sentido do provérbio "Sol e chuva", casamento de viúva**. Disponível em: https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-sentido-do-proverbio-sol-e-chuva-casamento-de-viuva/27054#. Acesso em: 23 nov. 2022,

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística** (Coleção para conhecer linguística), São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil:** questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **Gramática, Semántica, Universales:** estúdios de lingüística funcional. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1987.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Corisco:** a Sombra de Lampião. Recife: Ed. Polyprint, 2015.

DEUS e o diabo na terra do sol. Direção: Glauber Rocha. Produção: Luiz Augusto Mendes. 1964.

DICIO. **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2022.

DICIONÁRIO ETMOLINGUISTICO DA MITOLOGIA GREGA. Universidade de São Paulo (USP), 2013, p.154. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.

DUBOIS, Jean et. al.. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** 4ed. rev. e atual. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 4ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a quest. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Claudio Alves de. (Orgs) **História, Região e identidades.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165 a 181.

MALMBERG, Bertil. **A língua e o homem:** introdução aos problemas gerais da linguística. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1970.

MARGOTTI, Felício Wessling. **A perspectiva da Geolinguística Pluridimensional**. Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios. Instituto de Letras. UFRGS, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice (Orgs.). **Documentos 2:** projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NEGREIROS, Rômulo Macedo Barreto de. **As trilhas da morte no sertão das Pimenteiras (1769-1815):** Caracterização e reconhecimento arqueológico de um território. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia)- Universidade Federal de Pernambuco -UFPE, Recife, 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO,

Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. O **Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná:** acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo. 2 vols. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

OLIVEIRA, Gabriela de. **"Arco-íris"**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/fisica/o-arcoiris.htm. Acesso em 20 de outubro de 2022.

OXUMARÊ - **O SENHOR DO ARCO-ÍRIS :: Nossas Raizes.** Disponivel em: https://www.nossas-raizes.com/oxumar%C3%AA-o-senhor-do-arco-iris/ Acesso em: 20 out. 2022

PAIM, Marcela Moura Torres. A presença do Projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; PAIM, Marcela (Orgs.). **Documentos 3**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Vozes do X WorkALiB. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 33-74

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https:/alib.ufba.br/content/objetivo> Acesso em: 10 Set. 2022.

RAZKY, Abdelhak. **A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** SIGNUM: Estud. Ling, Londrina, n. 16/2, p. 247 – 270, dez. 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. O sertão vai virar mar? Memórias do ALiB às margens do rio São Francisco In.: MOTA, Jacyra; PAIM, Marcela; CARDOSO, Suzana; RIBEIRO, Silvana. (org.) **Documentos 6**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, histórias e memórias. Salvador: Quarteto, 2016. p. 137-148.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedo e brincadeiras infantis na área do "falar baiano". v. 1, 2 e 3**. 2012. 752 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROCHA, Ruth. Histórias das mil e uma noites. In: ROCHA, Ruth. **Almanaque.** São Paulo: Ed. Atíca. 2004. p.?

ROMANO, Valter. Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística pluridimensional no Brasil. In: Jacyra Andrade Mota; Josane Oliveira Moreira; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (Org.). **Contribuições de estudos geolinguístico para o Português Brasileiro:** uma homenagem a Suzana Cardoso. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 11-39. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32461. Acesso em: 23 nov. 2022.

ROMANO, Valter. Pereira; SILVA, Greize Alves da (org). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 400p. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/tendencias-da-geolinguistica-brasileira-e-a-nova-geracao-de-atlas-linguisticos/. Acesso em: 23 nov. 2022.

SILVA Jadiele L. C.; VIDAL Carlos Alberto S.; BARROS Luiz M.; FREITAS, Francisco Ronaldo V. . Aspectos da degradação ambiental no Nordeste do Brasil. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental** 7(2):180. Abril, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325277660. Acesso em: 22 set. 2022.

SILVA, Vicente P. R. da; PEREIRA, Emerson R. R. AZEVEDO, Pedro V. de; SOUSA, Francisco de A. S. de; SOUSA, Inajá F. de. Análise da pluviometria e dias chuvosos na região Nordeste do Brasil. In.: **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**. v.15, n.2, p.131–138, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeaa/a/ryWxrp97zJyjVKJ4ySyhq9d/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 nov. 2022.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística:** revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 483f. Tese (Doutorado do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza.** Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

TRANGTENBERG, Marcelo. **As belezas do arco-íris e os seus segredos**. Departamento de Física UFSC Florianópolis SC. Disponível em :<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/viewFile/7935/7301>. Acesso em: 15/01/2022.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1994.